

minhas  
& Memórias



**NOELCI MARIA ARALDI DE OLIVEIRA**



NOELCI MARIA ARALDI DE OLIVEIRA

minhas  
♥ Memórias



SANTA CATARINA  
2022

Dados Internacionais na Publicação (CIP)

O659m Oliveira, Noelci Maria Araldi de - 1942  
Minhas Memórias / Noelci Maria Araldi de Oliveira  
*In Memoriam* – 1ª Ed. – Lages-SC:  
Arcus Indústria Gráfica, 2022

192 p.: 15x23 cm

ISBN: 978-65-86354-11-9

1. Memórias 2. História  
I. Título II. Minhas Memórias

CDD 930

Colaboração: Heitor Medeiros de Oliveira, Noilves de Lourdes Araldi,  
Neuza Terezinha Araldi Pena, José Aristides Araldi e Sandra Berenice Araldi  
Correção de Texto: Ana Paula Carneiro Canalle  
Revisão Geral: Maria Bernadete Mustifaga  
Projeto gráfico: Claudio Rogerio Araldi  
Digitalização e Organização dos textos: Claudio Rogerio Araldi  
Diagramação: Mário Draszkeski  
Capa: Foto da Noelci Maria Araldi de Oliveira  
Contra Capa: Arte de Paulo Henrique Araldi Pena  
Fotografia da capa: Noelci Maria Araldi de Oliveira

Todos os direitos desta edição reservados à Família da Autora. Nenhuma parte  
deste livro pode ser utilizada ou reproduzida, sob quaisquer meios existentes,  
sem autorização por escrito dos herdeiros da autora.  
É proibida a reprodução desta obra sem a permissão expressa dos herdeiros da  
Família da Autora.

Rua Washington Mansur, 20 – apto 506 – Edifício WM 120 – Bairro Ahú  
Curitiba-PR  
(41) 3017- 0350 - 99613-3330

Fundação Biblioteca Nacional  
Agência Brasileira do  
ISBN 978-65-86354-11-9

ARCUS Indústria Gráfica Ltda.  
Rua Reinaldo Pinhate, 860E  
Bairro Quedas do Palmital  
89915-275 / Chapecó-SC  
Fone/Fax: 49 3330-0800  
1ª. Edição - 2022

# SUMÁRIO

PREFÁCIO .....	9
MENSAGEM.....	11
DEDICATÓRIA .....	13
AGRADECIMENTOS.....	15
APRESENTAÇÃO.....	17
<i>Capítulo I</i> - MINHA FAMÍLIA .....	19
<i>Capítulo II</i> - NOSSA CASA NA RUA CORONEL SERAFIM DE MOURA .....	21
<i>Capítulo III</i> - AS FAMÍLIAS DA RUA CORONEL SERAFIM DE MOURA.....	27
<i>Capítulo IV</i> - A NOSSA FAMÍLIA NA RUA QUINTINO BOCAIÚVA.....	37
<i>Capítulo V</i> - A COMPRA DO IMÓVEL NA RUA QUINTINO BOCAIÚVA .....	39
<i>Capítulo VI</i> - A NOSSA CASA.....	41
<i>Capítulo VII</i> - O ARMAZÉM.....	47
<i>Capítulo VIII</i> - AS FAMÍLIAS DA RUA QUINTINO BOCAIÚVA .....	51
<i>Capítulo IX</i> - AS FESTAS DAS FAMÍLIAS DA RUA QUINTINO BOCAIÚVA .....	63
<i>Capítulo X</i> - AS FAMÍLIAS DA RUA NEREU RAMOS .....	67
<i>Capítulo XI</i> - NOSSA INFÂNCIA.....	71
<i>Capítulo XII</i> - MÃE.....	85
<i>Capítulo XIII</i> - COMPRA DE PINHAL E INÍCIO DAS SERRARIAS .....	89
<i>Capítulo XIV</i> - MINHA ADOLESCÊNCIA .....	95
<i>Capítulo XV</i> - NAMORO E NOIVADO .....	97
<i>Capítulo XVI</i> - CASAMENTO.....	99
<i>Capítulo XVII</i> - AS FAMÍLIAS DOS MEUS FILHOS.....	103
<i>Capítulo XVIII</i> - OUTROS NEGÓCIOS DO PAPAÍ .....	107
<i>Capítulo XIX</i> - CURIOSIDADES NA VIDA DE PAPAÍ .....	111

<i>Capítulo XX</i> - INAUGURAÇÃO DA RÁDIO CLUBE DE LAGES.....	113
<i>Capítulo XXI</i> - FIGURAS FOLCLÓRICAS .....	117
<i>Capítulo XXII</i> - OUTRAS LEMBRANÇAS.....	119
<i>Capítulo XXIII</i> - ÁLBUM DA FAMÍLIA.....	121
<i>Capítulo XXIV</i> - POESIAS .....	127
<i>Capítulo XXV</i> - CARTA PARA IRMÃ GRACINHA .....	131
<i>Capítulo XXVI</i> - HISTÓRIAS DA NOELCI .....	133
<i>Capítulo XXVII</i> - HOMENAGENS À QUERIDA NOELCI.....	137
<i>Capítulo XXVIII</i> - FOTOS DA LINDA E MARAVILHOSA LAGES .....	169
<i>Capítulo XXIX</i> - GENEALOGIA FAMÍLIA JOSÉ ARALDI E ESA STEFENON.....	173
<i>Capítulo XXX</i> - GENEALOGIA FAMÍLIA MEDEIROS DE OLIVEIRA .....	183



Noelci Maria Araldi de Oliveira

## PREFÁCIO

A história da Noelci Maria, como a de todos, tem um enredo fascinante, com um grande elenco!

A dela é, também, a minha história, da nossa família, de nossos pais e de nossos irmãos, que se estende e se entrelaça a dos vizinhos, amigos e companheiros de uma pequena cidade, de seu pequeno mundo, seus deleites e ocupações.

Ela deixa seu coração transbordar na narrativa, que, vez ou outra, perde a sequência, porque os parênteses, também, são importantes!

Mas sabe “engatar a primeira” depois de dar muitas “rés”, permite-se refrescar a memória e, por tantas vezes, fazer-nos rir ou chorar.

É um manancial de feitos, trejeitos, escapadas, espiadas, correrias e risadas!

Sua vida infantil é saltitante, quase uma “Roda Cutia”, um “pula-pula” incessante, uma euforia transbordante!

A menina moça foge do seu Eu e penetra no mundo infantil de suas duas últimas maninhas, lapidando-as e preparando-as para a vida. “Foi seu anjo”!

Só depois, então, pensou em seus interesses, suas pretensões para a vida... Estudar, casar e ser mãe.

Hoje, é feliz avó, primorosa esposa, disponível sempre para todos nós, sua grande família, sem nunca deixar de “brincar de casinha”. Nossa linda e sempre criança, Noelci Maria, está aqui guardada em nossos corações.

Sua Mana Noilves

Noelci Maria Araldi de Oliveira

## MENSAGEM

“Aos nossos Antepassados, Gratidão e Amor! Reconhecer suas histórias, acolher nossa própria linhagem é trazer para nosso caminho a direção e a força da realização.

Tudo é um fluxo da vida”.

Autor desconhecido

Noelci Maria Araldi de Oliveira

## DEDICATÓRIA

Dedico o conteúdo deste livro aos autores de minha vida: Deus e meus amados pais José e Elsa. Também, aos meus queridos irmãos, que moram no meu coração, lembrando com saudades do nosso cotidiano feliz e realizado em todos os sentidos.

Dedico ao meu querido Heitor e aos nossos amados filhos Alexander, Giovanni e Rodrigo, às minhas noras e aos netos.

Dedico, também, a todos que de uma maneira ou de outra participaram da minha formação. Não posso me esquecer da minha querida tia Dina que, com sua dedicação extrema, foi fundamental na minha formação. Aos meus queridos tios e padrinhos Alcides Galvani e Dúsula, *in memoriam*, pelos cuidados e carinhos em uma fase especial de minha vida.

Aos meus professores que me ajudaram a transpor uma infinidade de barreiras próprias da adolescência.

Enfim, a todos que participaram da minha formação!

Noelci

Noelci Maria Araldi de Oliveira

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Senhor Adailton Camargo e Foto Bampi pela gentileza de permitir usar suas belíssimas fotos, que muito engrandecem a nossa Cidade.

Um agradecimento aos meus irmãos; Noilves, Neuza, José Aristides e Sandra Berenice, que participaram das revisões, ao Claudio, devido à terna surpresa advinda da organização dos textos, preparação e da digitação das MINHAS MEMÓRIAS e por me ajudar a realizar este sonho.

Agradecimentos extensivos aos meus queridos irmãos pela paciência em ajudar a organizar os textos dos meus escritos e às minhas tias e primas pelo auxílio em reavivar as minhas memórias.

Ao meu querido marido Heitor, que colaborou de alguma forma, principalmente, nas minhas lembranças do tempo em que ele trabalhou junto do Papai.

Noelci Maria Araldi de Oliveira

## APRESENTAÇÃO

Preparem-se para receber um verdadeiro presente para a alma. Essas relíquias que vocês lerão a seguir são apenas uma pequena porção do grande baú de nostalgia que minha querida irmã NOELCI acabou de abrir.

Ela descreve com tantos detalhes, muitas vezes cômicos, todas as cenas que lembrou.

A história de sua vida é uma semente que estava guardada dentro do seu coração, aflorou para ficar gravada em todos os seus descendentes, a fim de que conheçam a “nossa menina” meiga, sorridente, cheia de fé e perseverança, que sempre nos brindou com seu carinho e amor.

Noelci escreve como ela pensa e fala. É impossível não ficar contagiado com tanta autenticidade, humor, alegria, espiritualidade misturada de forma tão leve e harmônica.

Relaxem e aproveitem.

Noemi Araldi Pereira Nunes

Noelci Maria Araldi de Oliveira

*Capítulo I*

## MINHA FAMÍLIA

Meu nome é Noelci Maria Araldi de Oliveira. Nasci no dia 25 de março de 1942, filha de José Araldi e de Elsa Stefenon Araldi. Sou a segunda de oito filhos desse casal. A primeira é a Noilves, depois eu, Neuza, José Aristides, Noemi, Claudio, Maria da Graça e Sandra Berenice.



José e Elsa

Sou casada com Heitor Medeiros de Oliveira, gaúcho da cidade de Cruz Alta e tenho três filhos: Alexander, Giovani e Rodrigo. Todos são casados.

O Alexander é médico anestesista na cidade de Criciúma-SC, casado com Raquel Lopes, tem uma filha, a Alexia; do primeiro casamento com Tânia Burigo, o Alexander Filho e o Diego. O Giovani e o Rodrigo cursaram Relações Exteriores. Giovani casado com Fabíola Rocha e tem três filhos: Gabriel, Gustavo e a Geórgia. Trabalha como executivo em uma empresa de extração e beneficiamento de mármore na cidade de Cachoeiro do Itapemirim-ES. O Rodrigo é casado com Bruna Venturi e tem dois filhos: o Lorenzo e a Martina. Reside em Curitiba-PR, é sócio proprietário da Empresa Seawards, Importação e Exportação.

Nasci e sempre vivi na Cidade de Lages. Resolvi escrever as MINHAS MEMÓRIAS, porque acredito na importância de conhecermos as nossas raízes e para que nossos filhos conheçam um pouco da **HISTÓRIA DA NOSSA FAMÍLIA**. Acho que está no nosso DNA, porque Papai sempre gostou de falar e sempre pesquisou sobre a NOSSA HISTÓRIA. “Alguém

já falou: se perdermos nossas Raízes e nossas Sementes, ficaremos sem Identidade”.

Meus avós maternos são Giuseppe Stefenon e Emília Grandó. Seus Pais vieram de Fonzaso e Àrsie-Beluno-Itátia, respectivamente. Giuseppe e Emília nasceram em Bento Gonçalves-RS e tiveram seis filhos, um homem e cinco mulheres: Eulália (Olga), Ermindo, Orayde, Esa (Elsa), Itelvina (Dina) e Delcyr (Gessir).

Os avós paternos são Aristide Araldi e Berenice Andriani, nasceram em Flores da Cunha-RS e tiveram 11 filhos: Dosolina (Dúsula), Ângelo (Nino), Constante, José, Antônio, Cláudio, Gentil, Tereza, Armindo João, Altair Jacy e Maria. Nasceram todos no Rio Grande do Sul e vieram para Lages na década de 40 do século passado.



Na foto, da esquerda para direita: Ângelo, Claudio, Maria, Gentil, Berenice, Antônio, Dosolina, Armindo, Tereza, José e Altair

*Capítulo II*

## NOSSA CASA NA RUA CORONEL SERAFIM DE MOURA

Ao iniciar as MINHAS MEMÓRIAS, a lembrança mais remota que tenho em minha vida é a casa dos avós paternos, Aristide e Berenice, e dos tios Alcides e Dosolina (Dúsula), a quem farei aqui muitas referências pela admiração nutrida por eles, por me marcarem pelo carinho e pela dedicação que sempre me proporcionaram.



Aristide e Berenice

O Vovô Aristide, ainda, morava em IPÊ, no Rio Grande do Sul, quando mandou construir em Lages, na Rua Serafim de Moura, um pequeno edifício com dois apartamentos na parte de cima. Um dos apartamentos era para ele e o outro para os tios Alcides e Dúsula. Como os Avós, ainda, não tinham vindo para Lages, cederam o imóvel para meus Pais morarem.

Na parte de baixo do edifício, o Vovô Aristide cedeu uma sala, com uma porta para Rua Martinho Nerbas, para o Papai abrir um pequeno comércio, sendo esse seu primeiro negócio. No restante desse mesmo local, havia os depósitos do Vovô e dos meus tios.

Quando meus Pais vieram para Lages, no início de 1942, a Mãe estava à minha espera. Papai pediu que ela se informasse a respeito de parteira... O tempo foi passando; quando teve as primeiras contrações, ele saiu de casa, ainda no escuro, a procura de parteira. Quando chegou na esquina da Rua Cel. Serafim de Moura com Nereu Ramos, antiga Praça Vidal Ramos

Jr., onde hoje se localiza o terminal de ônibus, encontrou uma senhora baixinha e gordinha. Perguntou-lhe se conhecia alguma parteira, e, para a sua surpresa, ela respondeu ser a parteira e que atenderia uma senhora, a dona Tereza, a qual, ainda, mora entre a casa do tio Nino (Ângelo) e da dona Ida Ranzolin. Ela era esposa do senhor Sebastião, dono da Sapataria Imperial. Nasceu-lhes o primeiro filho, chamado Sérgio, que acabou falecendo com mais ou menos um ano de idade. Em seguida, minha Mãe foi atendida por essa parteira, que era chamada pelo apelido de Benvinda, e, nesse dia, ou seja, 25 de março, eu nasci.

Como eu, ainda, era bebê e morávamos provisoriamente ao lado do apartamento da tia Dúsula, minha madrinha, era ela quem me cuidava enquanto minha Mãe trabalhava, ajudando meu Pai no seu comércio



Eu com 9 meses

Há uns anos, conversando, ela contou-me que enchia de palha de milho uma calça velha do tio Alcides e me colocava no meio da sala para que eu ficasse sentadinha e não caísse. Também, iniciava a polenta para a Mãe até que pudesse subir ao apartamento para terminar o almoço. Falou, ainda, que quando o tio Alcides chegava em casa e me pegava em seus braços, eu não queria mais sair do seu colo.



Casamento de Alcides e Dúsula

Mais tarde, lembro-me de estar debaixo da mesa comprida com cadeiras de palha da sala do apartamento dela, as tias Dúsula e Tereza abaixadas me chamando para sair de lá. Eu não obedecia, só olhava para as duas e as ouvia dizer que eu estava sem calcinha.

Tia Dúsula falou que eu chamava a Mãe Elsa de tia “Êlsa” e de mãe para ela, imitando a Marlene e a Íris suas filhas e minhas primas. Elas não pronunciavam “Elsa” e sim “Êlsa”, eu também.

Abaixo, foto do edifício logo após a sua construção. A Mãe é a que está na janela do cômodo onde eu nasci.



Aristide, em frente ao prédio da Comercial Araldi, postado na porta central com sua pequena neta Noilves. Outros não identificados. Na última porta, à esquerda, local onde Papai começou seu 1º Armazém.

Lembro, igualmente, pois já estava com mais idade, saía do apartamento da tia para ir até a porta do apartamento da Vovó, ela despejava no chão os sacos de retalhos. Ela, tia Dúsula e Tereza estavam sentadas no chão fazendo escolhas de panos, para a confecção das colchas.

Na parte de baixo desse edifício, Vovô juntamente com meus tios abriram um armazém e engarrafamento de vinho e de gasosa que vinham do Rio Grande do Sul, mais precisamente da Cooperativa Vinícola de Ipê.

Quando meus avós vieram do Rio Grande do Sul, tivemos que nos mudar, porque o Vovô foi morar no apartamento onde estávamos acomodados. Então, Papai alugou uma pequena casa no outro lado da mesma rua, onde nasceu a Neuza. A dona do local chamava-se Mariana. Lembro-me do seu rosto. Tal casinha ficava em frente à casa do seu Vargas, que era casado com dona Ana, padrinhos da Noemi.

Passado um tempo, os tios Constante e Antônio vieram, também, morar em Lages. Tio Constante casou-se com tia Nair e o Tio Antônio

casou-se com a tia Dalila. Vovô teve que aumentar o pequeno edifício: na frente, de esquina, o apartamento que era do Vovô; ao lado direito desse, o apartamento da tia Dúsula e do tio Alcides; à esquerda do apartamento do Vovô, em frente à Rua Serafim de Moura, o apartamento do tio Constante.

Do lado direito do edifício, havia um terreno baldio e Vovô construiu um posto de gasolina. Na época da construção, lembro-me de que tinha dois tambores gigantes colocados em frente da construção para serem instalados embaixo da terra e nós, os netos, brincávamos e pulávamos sobre eles. Depois de instalados e o posto funcionando, o tio Altair ficou responsável pela sua administração. A marca da gasolina era Texaco e daí o apelido tio TEXAQUINHO pegou rápido.



Posto Texaco da Comercial Araldi na Rua Cel. Serafim de Moura

Depois de certo tempo, Vovô construiu a sua casa na outra esquina da Rua Serafim de Moura, em frente à Praça Vidal Ramos, na qual hoje está localizado o terminal de ônibus. Tio Antônio casou e foi morar no antigo apartamento dos meus avós.

Depois do posto de gasolina, havia um vasto terreno que ia até a casa dos meus Avós. Era um enorme quintal, e nós, netas e netos, perambulávamos por lá e saboreávamos enormes peras. Vivíamos trepados nas árvores. Havia

também pés de figos deliciosos, e mais tarde Vovô plantou umas parreiras.

À medida que fui crescendo, fui conhecendo, vendo e entendendo as mudanças do meu cotidiano.

*Capítulo III*

## AS FAMÍLIAS DA RUA CORONEL SERAFIM DE MOURA

Na esquina do lado esquerdo, início da rua, morava a dona Ida Ranzolin. Ela casou três vezes, e nas três vezes viuviu. Mais tarde, o Ivan Ranzolin, seu sobrinho, foi morar com ela para lhe fazer companhia. Ao lado da sua casa, morava o seu Sebastião da Sapataria Imperial. A seguir, a casa dos tios Ângelo e Nita; ao lado direito, morava a família Sell e os filhos eram Gessi, Laurete (minha colega de aula), Jani e um filho mais velho, do qual não lembro o nome. Depois havia uma casa comprida e na parte de baixo o seu Oscar Schweitzer tinha um atacado em sociedade. Mais tarde, na minha adolescência, essa casa chamava-se Auto Lages, uma oficina de automóveis e caminhões, além de loja de peças. Na parte de cima, morava uma família, cuja filha chamava-se Dulce Sudbrak e era minha amiga e colega de aula no ginásio.

Próximo estava a casa do Seu Antônio e de Dona Olga Duarte com seus filhos. A sua filha Daura era minha amiga e colega de aula. Debutamos juntas no clube 14 de junho. Ela se casou com o Aderbal, (Deba) militar. Depois dos Duarte, vinha a do tio Alcides e da tia Dúsula, e a seguir a casa do seu Oscar Schweitzer. Continuando, havia mais algumas casas, a Pensão Santa Catarina (não lembro bem se era esse o nome), depois a casa que o Papai alugou quando a Neuza nasceu.

Mais para frente, estava a Pensão Santa Rosa, do lado, o Atacado dos Letti e, em frente, na esquina, o Moinho Cruzeiro. O Moinho inicialmente se chamava IPIRANGA e foi construído pelo Vovô Aristide, em sociedade com Papai e seus Irmãos, Oscar Schweitzer, Graziottin e outros. Lembro-me que o Vovô caiu da escada do Moinho e se machucou. Mais tarde, pegou fogo em parte do Moinho. Desgostosos com esses incidentes, venderam a sociedade para o Sr. Ovídio Casarim, passou a se chamar Moinho Cruzeiro.

Do Moinho Cruzeiro em direção ao Armazém do Vovô, havia várias casas residenciais, as quais não sei de quem eram, porém havia uma em que, pelos anos 1965, morava uma costureira. Eu levei meu véu do casamento para ela transformar em mosquiteiro para nosso filho Alexander. A costureira chamava-se Olga. Lembro que o mosquiteiro nunca ficava pronto. Um dia

ela falou que o filho, pré-adolescente, tinha pegado uma tesoura e picado todo o véu, pensando que era da sua mãe e que ela iria se casar novamente. Ele não aceitava tal situação. Ela teve que comprar um tule e confeccionar o mosquiteiro.

Passaram-se alguns anos. O Alex já casado e com três filhos, fui fazer um curso na Uniplac intitulado “Atualização Permanente”. Lá encontrei a costureira frequentando o mesmo curso. Certo dia, ela estava de aniversário e convidou toda a turma para um churrasco e um dos filhos estava ajudando a servir a comida. Dona Olga me disse que era o mesmo que havia cortado o véu. Rimos muito, lembrando do acontecido. Ela estava muito orgulhosa do filho, que já havia se formado em Odontologia há alguns anos e por coincidência era o dentista pediatra do Diego, meu neto.

Fato curioso: ao folhear uma Revista que contém fotografias antigas de nossa Cidade, reparei que uma foto da Rua Serafim de Moura, cuja legenda menciona, de forma errada, que o Armazém que pertencera ao Vovô teria sido do tio Ângelo.

A Família do seu Oscar Schweitzer e dona Cristina (ela uma mulher muito religiosa, frequentava diariamente missa, como minha Mãe), seus filhos: Oscar, Aleida, Yelva, Alaor, Miriam e Aloísio. Todos os filhos estudavam em colégios fora de Lages. Nas férias, a movimentação na casa era intensa. Eu e a minha prima Marlene espiávamos curiosas de longe. A Aleida era uma pianista famosa. Certa ocasião, no Dia de Nossa Senhora, a Aleida e o Oscar fizeram uma apresentação, ela ao piano e ele ao clarinete. A Yelva era nossa amiga, estudou com a Noilves. Casou com Dr. Romeu Albuquerque e foram morar em Rio Negrinho, Santa Catarina. Romeu se elegeu duas vezes Prefeito dessa Cidade.

Em frente à esquina do Armazém do Vovô, moravam os padrinhos da Noemi: o seu José e a dona Ana Vargas. Eu admirava muito a dona Ana, seu jeito de falar e se comunicar com a Mãe. Hoje, são falecidos, inclusive seus dois filhos e, também, a empregada, que já fazia parte da família. O seu José era irmão do Bispo Antídio, que se separou da Igreja Católica e se tornou Bispo da sua, que se chamava Igreja Católica Apostólica Brasileira, situada na Avenida Marechal Floriano Peixoto, na nossa Cidade. O nosso Colégio, à época, fazia críticas e advertências às suas atitudes. Eu tinha medo dele, pois foi morar na casa do irmão e ficava horas sentado numa saleta na parte térrea, e eu pensava que ele iria para o inferno. Além de tudo, ele tinha cara de mau, cara de bravo, eu passava por lá voando de tanto medo

dele. Curiosamente, ele usava um chapéu de Bispo, aquele tipo com bicos ou pontas para cima, era preto como sua batina.

Lembro-me, também, que, nos fundos do depósito do Armazém do Vovô, havia um enorme pé de chorão em cujos galhos balançávamo-nos. Havia, também, no rés-do-chão, um olho d'água, límpido, onde roupas eram lavadas e deixadas para quorar no gramado do terreno baldio. Esse terreno não era cercado e não sei quem era o dono. No meio desse espaço, havia uma ruela que dava para o Armazém do seu Schwinden (acho que é assim que se escreve) e a Praça Vidal Ramos. Nesse local, ainda, havia um campinho todo irregular que servia para a gurizada jogar futebol nos finais de tarde.

Subindo a Rua Martinho Nerbas, em direção a Quintino Bocaiúva, havia uma casinha de madeira, onde morava dona Maria (não sei o sobrenome), ela lavava roupas e torrava café para os vizinhos. Mais acima, morava uma senhora que trabalhava fora, também não lembro o seu nome. Ela tinha dois filhos que eram uns capetas – Adilson e Ademar – surravam quem por lá passasse. Eram umas crianças malvadas, o mais velho era “vesgueta”. Para irmos no armazém do Vovô, tínhamos que fazer a volta pela praça Vidal Ramos, passar pela casa dos nossos avós e aí chegar no armazém do Vovô, ou na casa da Marlene. Os dois rapazes tinham as cabeças raspadas e, repentinamente, apareciam do nada para nos pegar e nos surrar. E, mesmo assim, a mãe deles os protegia.

Gostava muito de ir à casa da tia Dalila. Era aconchegante! Gostava de sentar-me num banco perto do fogão a lenha e ver a tia no “lufa-lufa” do dia. Ela era muito boa quituteira, boa na culinária. A casa dela era sempre cheia de familiares, pois moravam perto de Lages, em Campo Belo do Sul.

Eu ia com frequência na casa da tia Nair visitar o Ênio, que estava sempre acamado. Eu lembro de ver sempre tia Nair com um cesto enorme de pães gostosos, que assava naqueles fornos de rua.

Gostava de brincar com a Elaine, ela ganhara panelinhas de alumínio, dos tios que moravam em Porto Alegre – RS, o seu Afonso, irmão da tia Nair e sua esposa dona Matilde, que, também, eram padrinhos do meu irmão Claudio.

Todos os anos, nas férias, vinham para Lages. Ele era sacristão da Catedral de Porto Alegre e ela trabalhava em um colégio. Tinham três filhos: Francisco, Roberto e Maria da Graça. A dona Cecília morava com eles e ela era mãe dos tios Alcides e Nair e do seu Afonso.

Naquela época, andávamos de pés descalços e vivíamos perambulando

por todos os lugares. Sapatos só aos domingos. Duravam a vida toda, usávamos até acabar. Hoje, eu vejo que eu era muito observadora.

Falando em sapatos, desviei-me do assunto, eu queria dizer que nós, Marlene e eu trocávamos de sandálias. Certa vez, alguém cortou um velho par de sapatos meu e o da Marlene e transformamos em chinelinhos. Ah! Que delícia de novidade.

A Marlene e a Iris faziam tricô e me ensinaram a tricotar sapatinhos para bonecas. As agulhas eram confeccionadas por nós mesmas. Pegávamos ripinhas finas e com uma faca de ponta arredondávamos, lixávamos e, assim, surgiam as agulhas de tricô. Tudo era encantamento!

Certo dia, a Mãe me mandou à casa da tia Dúsula, na época, ela, ainda, morava no 1º apartamento do edifício do Vovô, com um pano branco de saco de trigo, linha branca para crochê e agulhas, para aprender a fazer bicos de toalha de prato. Fui uma única vez e nunca mais apareci para isso. Também, mandar uma criança com um pano enorme e fazer tudo aquilo ao redor, não tinha como dar certo mesmo.

Vovô Aristide fazia sempre programação para agrupar sua família. Além do churrasco com dança no depósito de bebidas, programava piquenique. Lá pelas tantas, aparecia um caminhão dele para nos apanhar e depois reunir o resto da família naquela rua do Armazém. O Vovô não abraçava a gente, porém devia ter carinho, pois queria todos nós reunidos aos domingos na sua casa. Lembro-me dele almoçando e jantando com nossa família em sua casa. Ele sentado com a cadeira apoiada só com dois pés, encostado na parede, ouvindo a Noilves tocar gaita (acordeom).

Como falei anteriormente, nós, os netos, perambulávamos por todo o armazém e entrávamos no engarrafamento de vinho do Vovô. Nesse local, havia muitas máquinas emborcando garrafas. Como eu tinha medo de ficar enroscada em alguma coisa, raramente ia lá. O Vovô nos assustava para termos cuidado e não nos machucarmos, mas sempre que íamos lá ele dava uma garrafa de gasosa para cada neto.

O armazém dele era imenso! Havia ali todo o tipo de alimentos. Lembro-me da grande quantidade de charque estendido em cavaletes para ser comercializado e sacos de cereais em grande quantidade. Nos fundos do armazém, ficavam os depósitos e o engarrafamento de bebidas; na frente, havia balcões com prateleiras, onde eram colocadas as mercadorias. Lembro-me dos sabonetes “Gessi” e “LIFE BOY”, este vendido com brinde, ou melhor, figurinhas de artistas americanos para colecionar. Lembro-me de

uma figura cuja artista pronunciávamos “Paulete” era de cabelo pajem com franjas... Eu achava muito linda...

No armazém, vendia-se a granel. Existia uma balança no balcão. Produtos de higiene ficavam dentro do balcão que era envidraçado. Nas prateleiras, havia latas de doces, como pêssego, abacaxi, figos e leite condensado “Moça”.

No lado oposto ao edifício, na Rua Serafim de Moura, estava a entrada para os apartamentos. Agora já eram quatro apartamentos, pois o edifício fora aumentado.

Existia uma porta central embaixo, antes da escada havia uma área vazia, onde havia um banheiro para os funcionários do armazém. Eu sentia nojo do cheiro quando deixavam a porta aberta. Embaixo da escada ficava o local onde se guardava lenha. Essa porta central, também, servia para facilitar a comunicação com o armazém por meio de uma porta que ficava ao lado esquerdo.

O depósito de bebidas era enorme. Dentro cabiam vários caminhões que eram carregados de bebidas e depois distribuídos no comércio, juntamente com os que vinham do Rio Grande do Sul, os quais traziam vinhos para serem engarrafados e comercializados na Cidade e nas redondezas.

Vovô tinha sociedade com seus filhos Antônio, Altair e Constante e o seu genro Alcides. O tio Antônio era o diretor e o chefe depois do Vovô.

Papai saiu da sociedade e foi fazer a vida sozinho. O tio Armindo, igualmente, saiu e abriu seu próprio negócio, uma Transportadora. Tio Ângelo ou Nino, como era chamado, comprou um caminhão e viajava. Tio Claudio comprou um táxi que, na época, chamava-se “carro de praça”, fazia ponto na Praça Dr. João Costa. Tio Gentil, também, tinha um caminhão e transportava cargas para a Transportadora do tio Armindo.



Praça João Costa

Outra informação que me vem à memória é que, antes da construção da casa do tio Ângelo, em um terreno enorme, vazio e cheio de mato baixo, cercado por arame, eu e a Marlene, acho que a Neuza também estava junto, erguemos o arame e nos embrenhamos no local para conhecer, pois ali não havia perigo.

Nos fundos da casa da tia Dúsula, havia um terreno com um campinho que fazia divisa com o Rio Carah. O tio Alcides comprou esse terreno, onde hoje estão situadas as casas de seus filhos: Marlene, Rogério e Jurema. Eu e a Marlene íamos para lá estudar na época de provas.

Muitas vezes, surpreendo-me relembrando daquela época... Como era gostoso... Nós, descalços, caminhávamos em grupo de primas. A Noilves, Íris, Onira e Maria da Vovó (como era chamada) formavam o grupo das mais velhas. A Marlene, Neuza e eu o grupo das menores. Às vezes, íamos atrás delas, porém éramos escorraçadas, principalmente, pela Íris que ficava irritada conosco e nos chamava de “rabos” e nos tocava para que saíssemos de perto.

O quintal dos avós, também, era imenso! Cansei de ver o Vovô Aristide ir do armazém para casa atravessando esse quintal com quatro garrafas de vinhos entrelaçados nas suas mãos para almoçar. Lembro-me daquela figura

com velho chapéu de feltro na cabeça e de chinelos. O Vovô comandava a sua Família. Seguidamente, fazia churrasco no depósito de bebidas e depois do almoço todo mundo dançava. Nós crianças dançávamos, inclusive, primas com primas.

Frequentemente, festejavam e faziam cardápio italiano. As noras juntamente com a Vovó é que preparavam tudo para aquele batalhão de gente. Quando íamos visitar Vovó Berenice, ela sempre nos servia um cálice de VERMUTH – adocicado. Muito fofinha, querida nossa Vovó Berenice!

Vovô mandou construir um galpão nos fundos de sua casa e colocou um fogão a lenha e nós, juntamente com a Maria, brincávamos de fazer comida.

Lembro-me de um domingo que a Maria fez uma sopa de arroz com batatas e colocou colorau (pó feito com urucum e farinha de milho) muito usado naquela época. A Mãe nos falou que quando fossem 18 horas teríamos que estar em casa. Ao bater o sino da Catedral, marcando 18 horas, saímos correndo para casa sem tomar a sopa. Quando chegamos no portão da casa do Vovô, avistamos o Papai e a Mãe abraçadinhos indo para a casa do Vovô. Que alívio! Então, tomamos aquela deliciosa sopa.

Como era bom ver o Papai e a Mamãe sempre abraçados ou de mãos dadas. Essa relação de afetividade entre eles foi de extrema importância na nossa formação e exemplo de família.

Outra lembrança marcante é que todos os anos, no primeiro dia do Ano, íamos à casa dos meus avós, Papai nos ensinou que quando eles abrissem a porta, tínhamos que dizer “Bom Princípio de Ano”. Eles respondiam o mesmo e nos davam uma moeda e, então, saíamos saltitando de alegria com o presente.

A casa dos nossos Avós paternos era na esquina da rua. Ao lado havia um terreno baldio que também era do Vovô. A casa tinha uma pequena varanda e muitas janelas. Uma porta do lado que dava para a sala, e outra, nos fundos, para a cozinha.

Atrás dessa porta dos fundos, guardava-se a vassoura de “piaçava” com a palha para cima. A Vovó tinha, também, um rolo grosso de madeira que ela usava para esticar a massa de macarrão. Como a Vovó caprichava naquela massa! Estirava tão bem que ficava na textura necessária e bem redonda, do tamanho da mesa. Aí ela pegava um punhado de fubá e espalhava por cima da massa para não grudar, enrolava como rocambole achatado e com a faca afiada ela cortava em fatias, igual às massas industrializadas. Mas com que

tarimba fazia essa tarefa italiana! Depois, abria as rodelas e apareciam as tiras de massas que ela usava para fazer macarrão com molho ou sopas. Essa massa ela chamava de “taiadela”.

Eu ia seguidamente à casa da Vovó e ficava sentada na entrada da porta da cozinha, observando a movimentação dela. Com um longo avental, lenço na cabeça, aparecendo seus brincos de argolas de ouro nas suas orelhas. Vovó tinha um olhar carinhoso. Lembro-me de quando ela estava fazendo almoço e ganhava dela pedaços de chuchu cozido e aipim, às vezes me oferecia café. Ela tinha um açucareiro grande, esmaltado, com uma colher tipo conchinha e um panelheiro em um canto perto da pia. Ao lado da cozinha, havia uma pequena despensa com um enorme armário escuro (esse armário a Ondina ganhou de presente), onde guardava todo o mantimento e as louças que usava diariamente. A mesa não era muito grande e o fogão era a lenha.

Entrávamos na casa da Vovó toda a tropinha de netos para matarmos a sede, tomávamos água em um caneco feito com a lata de azeite, era colocada uma alça ao lado. A água era límpida e saborosa, dava para enxergar o fundo da caneca, que parecia tão grande! A porta da cozinha estava sempre aberta, por isso não fazíamos cerimônia, mesmo quando íamos ao banheiro.

Nos dias de aniversário da Vovó, as tias faziam o bolo recheado. Tudo era muito gostoso!

Dormi algumas vezes na casa dela, tinha quatro quartos, em alguns havia mais que uma cama. Era uma sensação agradável dormir e acordar lá, só tinha um pouco de medo de ir sozinha ao banheiro.

Ouvi a Vovó contar dos tempos difíceis de sua vida. Falava que quando casou teve que aprender a costurar. Desmanchou uma camisa para fazer o molde e confeccionar outras tantas. Que loucura! Coitadinha e sempre feliz da vida. Vovó, também, trabalhava nas lides da casa e, ainda, tinha tempo para rezar.

Eu gostava de ir ao quarto de costura. Muitas vezes, ao chegar lá, podia vê-la rezando, sozinha, o terço. Ela dava atenção e cansei de ficar horas ouvindo suas histórias, que misturavam um pouco em português e do dialeto italiano. Como eu não entendia o que ela falava, ela repetia em português.

Certa vez, fui à casa deles e vi o Vovô acamado. Ele me viu e pediu-me um copo de água. Fui buscar e levei um bem cheio para ele. Mais tarde soube que ele falecera. Nós, as netas, vestimos meio-luto de seis meses a um ano, isto é, vestíamos vestidos pretos com florzinhas brancas. Para os adultos, era luto fechado, ou seja, para as mulheres a roupa toda preta e os homens

usavam tarja preta no braço esquerdo. Vovô foi velado em casa, na sala de visitas. Nessa sala, havia um balcão e uma cristaleira, nas paredes as fotos dos Vovôs e em cima da cristaleira lindas folhagens. As cadeiras da mesa da sala eram estofadas.

No quarto da frente havia uma porta que dava para a sacada da frente da casa. Depois o quarto foi desmanchado e aumentada a sala de visitas. Foram colocados no local sofás e uma mesinha que fora presente do Papai e da Mãe (ficou com meus Pais e o Zé herdou com a toalha de crochê).

Ao lado oposto da cozinha, havia uma salinha com uma mesa bem comprida onde ficava a máquina manual de costura. Ela fazia roupas para nossas primas. Em um dos cantos, havia uma escrivaninha com tampa e uma prateleirinha para colocar o tinteiro. À época, chamavam a escrivaninha de “birô”. Nessa sala havia, também, muitos quadros, todos fixados bem baixos. Eram fotos dos meus ancestrais e de santos.

Na copa, havia algumas cadeiras com acento de palha e outras de madeira. A cristaleira era azul com vidraça. Havia também um móvel com uma pia e uma portinha na frente. Ali, Vovô Aristide lavava suas mãos antes das refeições. Na mesa, colocavam-se fruteiras e licoreiras.

No quarto deles, havia uma cama de ferro com lastro de mola, guarda-roupa da moda da época, uma penteadeira com base de mármore branco, crucifixo na parede e criados-mudos. Não dá para esquecer também do penico embaixo da cama. O quarto tinha duas janelas: uma dava para a Praça Vidal Ramos e a outra para a lateral da casa. A casa era rodeada por um jardim com roseiras, dâlias, palmas e jasmim. No meio do jardim, que era comprido, tinha uma enorme árvore cheia de camélias. Nos fundos, havia uma horta com radite, alface, chás e temperos verdes.

A Vovó usava coque nos cabelos que eram longos. Cansei de vê-la desembaraçando-os e depois os enrolando. Suas roupas eram longas e escuras. Era calma, tinha um olhar meigo e carinhoso, estava sempre sorridente e ocupada com as lides da casa ou costurando. Ela refazia os panos dos guarda-chuvas e sombrinhas, incrível! Elas desbotavam porque eram usadas, também, como guarda-sol. Naquela época, tudo era feito. Nada ia fora. Na cozinha, havia um fogão a lenha e mais tarde um a gás. Não me lembro se havia geladeira

Antes de casarem os tios Claudio, Armindo e Altair, movaram com eles. Lembro-me que os tios dormiam até mais tarde e isso incomodava o Vovô. Cansou de buscá-los nas festas e eu ficava com pena dos meus avós.

Como casaram tarde, a Vovó cobrava uma espécie de pensão para ajudar na manutenção da casa.

Lembro de um fato curioso: certa noite Aristide e Berenice acompanhados de seus filhos e noras foram à Igreja São Judas Tadeu. Eram muito católicos e Vovô havia presenteado a Igreja com a Imagem de São Judas Tadeu. Todos os netos ficaram na sua casa, brincando no jardim. Ao anoitecer, um homem se aproximou do portão da casa e alguém gritou que era um ladrão! Foi um “Deus nos acuda”! Toda a criançada, sob os cuidados da Maria, começou a gritar em pânico, sendo eu uma delas. Nisso, nosso primo Rui, que se dirigia para a praça do centro da Cidade, ouviu a gritaria, correu até ele e desferiu fortes socos, sem ver e saber quem era. Naquela noite, fomos para casa e fomos dormir, de repente uma de nós acordou gritando apavorada, traumatizada com o ocorrido. Papai e Mãe se levantaram para nos acalmar e tranquilizar. Após o ocorrido, nossa Mãe comprou no convento dos padres capuchinhos um frasco de água benta e terço para cada um de nós. Depois ficamos sabendo que era um parente vindo do Rio Grande do Sul para nos visitar e que acabou apanhando por engano!

*Capítulo IV*

## A NOSSA FAMÍLIA NA RUA QUINTINO BOCAIÚVA

Passado um tempo, Papai alugou uma casa na Rua Quintino Bocaiúva, número 34. Na frente, a casa era de alvenaria, dois andares e geminada com outra nos fundos. A casa dos fundos, também de dois andares, por sua vez, era dividida em duas partes: metade de alvenaria e a metade do lado esquerdo de madeira. Seu Evaristo Duarte, morava na parte de cima da casa da frente. Papai alugou a parte de baixo das duas casas. Na frente, fez o Armazém e, nos fundos, a moradia. Passamos toda a nossa infância e juventude nessa casa.

Lembro-me de uma noite na qual a Mãe, com uma vela acesa nas mãos, vestida em um quimono, dirigia-se para o quarto (imagino) e eu agarrada nela, vendo que tudo estava escuro, exceto o alcance da luz da vela. Eu estava com muito medo, pois agarrava o corpo da Mãe. A Noilves e a Neuza onde será que estavam? Dormindo? Ou estavam na casa da Vovó? Não sei, e Papai viajando? Engraçado que dessa noite não me lembro de mais nada.

O tempo foi passando e a mente dando enormes saltos. Vejo-nos, na minha lembrança, morando agora no andar de cima dessa casa de madeira.

A tia Dina já morava conosco. À época, eu tinha um ano e ela 15. Certa noite, o Papai chegou de viagem e, abrindo um alçapão no assoalho dessa casa, alcançou para a Mãe um rádio grande de verniz marrom, o mesmo que ficou por vários anos na nossa casa. Naquele dia, ele trouxe dois cortes de tecidos para vestidos, um verde com bolinhas brancas para a Mãe e outro rosa para a tia Dina. Imagino que havia um alçapão na parte de baixo da casa para ele abrir aquela tampa e alcançar aqueles objetos.

Acho que moramos muito tempo nessa casa, da qual não me lembro de muita coisa, apenas de um armário tipo escada na cozinha, de falarem que o Zé nasceu lá e da Noilves no colo do tio Alcides, desmaiada e alguém passando álcool nela. Mais tarde, soube que ela e a Maria da Vovó haviam comido butiás que estavam na cachaça e ela entrou em coma. Tomaram um porre!



*Capítulo V*

## A COMPRA DO IMÓVEL NA RUA QUINTINO BOCAIÚVA

Alguns anos depois e fruto de trabalho intenso, as condições financeiras melhoraram e Papai comprou todo o imóvel, que era imenso. O terreno fazia divisa com o terreno do Clube 14 de Junho. Nos fundos, havia uma quadra de tênis. No quintal dessa casa, havia muitas árvores frutíferas, uma delas era ameixeira, enorme, os galhos alcançavam a varanda da casa de madeira e os adultos podiam apanhar as frutas. Como eram saborosas... A Mãe gostava de comê-las verdes, azedas... Quando cresci soube que quando ela ficava grávida gostava de frutas ácidas. Havia, também, macieiras e nós, crianças, dizíamos serem nossas.

Com a compra da casa do seu Evaristo, fomos morar na casa da frente, que era muito mais aconchegante e sem comparação com a outra.



Casa da Rua Quintino Bocaiúva, Nº. 34

Noelci Maria Araldi de Oliveira

*Capítulo VI*

## A NOSSA CASA

A localização da nossa casa era ao lado do edifício dos Ávila e do terreno da dona Inês, quase na esquina da Rua Nereu Ramos. Vou descrever o local: a casa que Papai comprou era muito bonita, estilo antigo, colonial. Na frente havia três enormes portas de madeira muito altas mesmo, uma grande no centro que se abria em quatro partes e outras duas menores nas laterais em duas partes.

Nossa casa era de alvenaria, porém repartida com madeiras e tinha fogão a lenha, por isso bemquentinha. Havia um corredor entre as duas casas. A entrada da nossa residência se dava através de um corredor no térreo e a porta de entrada situava-se na metade desse corredor. Entre as duas casas, que eram geminadas, de alvenaria e madeira, havia uma escada que levava ao andar de cima. Quando terminava a escada, deparava-se com duas portas: a do lado esquerdo era a entrada da nossa casa e do direito à casa de madeira. Ao entrar na nossa casa, logo no início, à direita tinha o banheiro, após a cozinha e mais adiante o quarto dos nossos Pais. Ao lado esquerdo, um quarto com três camas para a Noilves, Neuza e eu. Mais à frente, a sala de jantar e o escritório do Papai. O outro quarto era enorme, tinha cinco camas para o Zé, Noemi, Claudio, Gracinha e a Nicinha. Na casa de madeira, nos fundos e no mesmo andar, ficava a despensa de mantimentos e o quarto da empregada.

No quarto do Papai, em cima da mesinha de cabeceira (na época chamávamos de bidê), ficava o rádio sempre ligado na Rádio Clube de Lages. O som do nosso rádio mesclava com o dos botecos todos em alto volume, principalmente em programa musicais. Era uma festa...! Decorávamos até sem querer as letras. Músicas românticas, caipiras e sertanejas. Havia uma programação gratuita, na qual alguém dedicava para outro alguém músicas diversas.

Sobre a Rádio Clube de Lages, tenho escrito tudo o que me lembro desde pequena. O bom mesmo da casa era a cozinha, onde eram feitas comidas deliciosas e cheirosas. O pão era caseiro assado no forno à lenha no quintal. Fazia-se macarrão em casa, passava-se a massa numa máquina manual, montada num canto da cozinha. Tortéi, agnolini, bolachas, marmeladas,

compota de frutas, bolo, docinhos, tudo feito em casa.

A Mãe comprava galinha no mercado municipal e as colocava no galinheiro. Tratava-as a milho para limpar o organismo antes de abatê-las e de cozinhá-las. No nosso quintal, que era imenso, havia uma roseira rosa claro, era trepadeira com flores muito lindas, as quais eu levava para minha professora do primário.

A Mãe fez uma horta no quintal. Plantou cenouras, temperos verdes em abundância, cebolinha verde, salsa, manjerona, sálvia (diziam “sábua”, usada para temperar frangos). As cenouras eram uma delícia. Cansei de arrancá-las, lavá-las na torneira do tanque e saboreá-las

Lembro-me de ter visto a Mãe calçada com os sapatos do Papai revirando a terra fofa, adubada com lixo orgânico que era enterrado para depois servir de adubo. Do lado direito do terreno, havia milharal que dava milhos saborosos. Plantava-se de tudo: ervilhas, as quais eu tirava as bolinhas e mastigava as cascas adocicadas; feijão de vara, que quando novo, cozinhavam-se as vagens e temperavam-nas com cebolas de cabeça e vinagre.

Papai plantou uma carreira de pessegueiros nos fundos, próximo do lugar onde já havia um pé de maçã bem grande. Na parte da frente do terreno, havia outro pé enorme de maçã e uma pereira. Trepávamos somente nas macieiras e cada uma de nós dizia: “este galho é meu, essa árvore é minha”. Havia, também, um marmeleiro que ficava bem na entrada do quintal, era frondoso, mas as frutas eram marrentas, quase não dava para comê-las. Dessa árvore, a Mãe tirava os galhos e os colocava atrás da Santinha na cozinha da nossa casa. Servia de aviso aos bagunceiros.

Na parte de cima da casa de madeira, aos fundos, havia uma enorme varanda muito comprida e dava para uma escada que descia no quintal. Embaixo dessa varanda, colocaram um tanque de lavar roupas. Perto do marmeleiro, ficava o galinheiro e uma casinha para cachorro.

O quintal era de terra batida até que um belo dia apareceu um velho alemão, que convenceu o Papai para asfaltar o corredor e parte do quintal. Foi na época que asfaltaram a BR que passava próximo à cidade e esse senhor aproveitou para ganhar mais um dinheiro com as sobras dos asfaltos. Bem, foi um desastre. Era piche por tudo. O homem era um charlatão e o dito piche brotava como água, e além de tudo tinha um cheiro insuportável. Foi uma lástima, um equívoco enorme!

Eu amava nosso quintal, nossa rua, brincávamos de casinha, pega-pega e amarelinha. Os meninos brincavam de carrinhos, faziam estradinhas e

jogavam bulicas. Tínhamos vários cachorros. Uma cadela era chamada de Laika, a Mãe trouxe de Farroupilha-RS, num cestinho no ônibus, ainda, quando bebê. Certa vez, nasceu uma ninhada e colocamos muito leite e eles bebiam tanto que pareciam que iam explodir, caminhavam até tortos, muito engraçadinhos.

Sempre havia alguém que amarrava uma corda nas árvores para fazer balanço, era uma delícia, pulávamos corda e os meninos brincavam de rodar pneus velhos com um pedaço de pau.

A cerca que dividia o nosso terreno com o da dona Inês era de arame farpado e nela nasciam trepadeiras com florzinhas silvestres. Havia um tipo que chupávamos no começo delas e saía um líquido adocicado como mel. Outro tipo de flor que nascia ao léu era de cor maravilha, tinha também amarelas, matizadas e brancas, muito perfumadas. Essa última nasceu aqui no quintal da minha casa, ganhei sementes dos meus vizinhos e plantei no dia 15 de julho de 2013. Estão florescidas.

Quase todo ano era uma gravidez, basta olhar as nossas certidões de nascimento. A Mãe amava Papai, isso era notório, eu, por exemplo, era feliz em sentir esse grande sentimento! Como ela cuidava do Papai com sua dedicação. Levava para ele sopa de café com leite gordo, cheio de nata de leite de vaca, muito saborosa e misturada com pão fresco. Eu gostava de vê-la levar na cama, depois tornava a dormir, pois precisava descansar. Quando fazia galinha na panela, a moela era do Papai, isso era sabido. Porém, o bom é que ele cortava uns pedacinhos para nós, além de sempre haver mais de uma galinha na panela.

Muitas vezes, aos sábados, a Mãe de cabelos enrolados após o banho, presos em grampinhos, com lenço na cabeça e longo quimono, dançava com o Pai na sala. Dançavam com músicas do rádio e depois iam para o quarto dormir, de dia... Nós éramos tão inocentes, eu, pelo menos, que nem notávamos as gravidezes dela. Eu chegava a achar que ela era gorda...

Hoje, tenho saudades dessa casa, desse quintal, da minha infância. Só não gostava das partes da casa onde apareciam os tijolos, pois o reboco havia descolado e caído, além de faltar também uma nova pintura.

Certo dia, Papai mandou colocar novas janelas na casa, as quais permanecem até hoje. Das antigas, não lembro mais como eram.

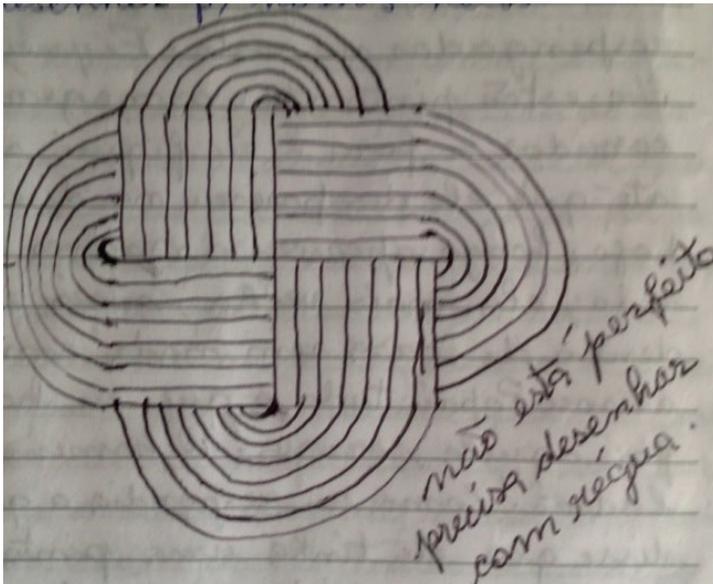
Os móveis da casa, sala e quarto dos meus Pais eram pesados e escuros, tudo envernizado. Só o quarto deles tinha guarda-roupa comprado. Os nossos eram feitos de enormes caixas vazias que vinham para o armazém, cheias de

sebos. A Mãe improvisava nosso guarda-roupa, colocando uma caixa sobre a outra, pendurava uma cortina de tecido de chita, aquelas floridas das Casas Pernambucanas. As nossas camas eram da marca “Patente” e os colchões eram de palha de milho. Nesses colchões, existiam buracos para mexer nas palhas quando se levantava pela manhã antes de pôr os lençóis.

Nessa época, tínhamos uma empregada doméstica chamada Genoefa. Certo dia, ela comprou um guarda-roupa e subimos nele para pular nas camas, e eis que numa dessas acabamos de quebrar a cama e, no final, acabamos apanhando da Mãe. Ainda, quando a Genoefa era a nossa empregada, o Cláudio era bebê. Ela enfaixava o coitado para não se resfriar e amarrava as cobertinhas nas grades do berço. Quando ela ia dormir, nós íamos até o berço e desenfaixávamos, pois, tínhamos uma “peninha” de vê-lo imóvel por tanto tempo!

Ele era o “xodó” da Genoefa, e com razão, pois cuidava dele com carinho e o chamava de “Cláudiozinho”, pronunciava com a ponta da língua. Quando ele já estava maiorzinho, à noite, ela molhava um pedaço de pão no vinho com açúcar e dava para ele comer.

Certa noite, ela pegou um papel e fez um desenho, como abaixo, que eu nunca mais esqueci:



Desenhava com lápis e punha a língua para fora, no canto da boca, e com muita força desenhava. Genofa era muita religiosa e econômica. Ela me levava à Catedral nas primeiras sextas-feiras do mês para missa e eu gostava do cheiro do incenso. Para caminhar, não arrastava os pés para não gastar a sola do sapato. Eu achava muito engraçado.

Eu me preocupava com o dia no qual ela morresse. Ficava pensando como iria sair o caixão na porta tão estreita, porque ela era obesa.

Certa feita, a Mãe determinou que nós, as filhas maiores, ajudássemos nas tarefas da casa como secar a louça após as refeições. Quando chegou o meu dia eu “escapuli” pela escada abaixo, pé por pé. Ao chegar à porta da rua, percebi que estava fechada com uma tranca de madeira. Quando abri a porta, ouvi um ruído atrás de mim. Havia ali uma janela interna que dava para o armazém. Vi um homem pulando a janela e saindo de dentro do local.

Quando chegou perto de mim, notei que estava com a roupa suja de tinta e alguns respingos no rosto, pediu-me licença e saiu porta a fora. Fiquei faceira e pensei: Oba!! Estão pintando o armazém! O homem saiu corredor a fora e eu fiquei seguindo-o pelo olhar até que desapareceu em direção onde hoje está o Banco do Brasil. Logo surgiu a Noilves e eu comentei o ocorrido. Ela mais velha, mais esperta, sem eu saber, correu para dentro de casa e avisou o Papai de tudo o que eu havia dito. Aí, então, foi aquela correria! O homem citado era um ladrão!

Como eu respondia o que me perguntavam, disse que ele tinha uma pinta no rosto, sem dizer que era tinta de parede. Entenderam que era uma pinta de nascença no rosto. Aí Papai colocou-me num caminhão e saímos a procura do dito. Eu, ainda criança, nem sabia o porquê. Paramos em todos os botecos que encontramos e perguntavam-me se o ladrão se encontrava nos locais. Já era tarde da noite quando voltamos para casa. Papai foi incansável na procura, mas não teve êxito. O ladrão roubou muito dinheiro do seu cofre... coitado! Pena que não pude ajudar, pois era muito pequena...

Porém, a história continua.... Certo dia, a Mãe me levou até a Delegacia quando, de repente, na sala do Delegado, trouxeram-me um preso com uma pinta marrom no rosto e perguntaram se era ele o ladrão. Eu disse que não. Trouxeram então outros presos e eu negava sempre.

A Mãe era muito católica e devota, costumava ir à missa pela manhã, bem cedo, quase todos os dias e sempre que tinha algum problema fazia promessas. Passados alguns dias do acontecido, vestiu-me com roupas novas e passou no boteco do seu Lilco, encheu uma bolsa com doces e

bananas. Então saímos caminhando em direção ao Bairro Coral. No meio do caminho, eu olhei para cima e perguntei: Mãe, quantos anos a senhora tem? Ela me respondeu que tinha 29 anos.

Continuamos caminhando e chegamos até a Igreja Nossa Senhora do Rosário. Ela pediu a chave e abriu a Capela que, à época, era pequena. Eu fui me sentando no banco e olhava curiosa para tudo que tinha dentro. Depois me levantei para melhor bisbilhotar, logo fui para perto da Mãe e vi em cima do banco uma caixa de fósforos bem cheia de palitos. Percebi que ela, à medida que rezava um terço, retirava um palito da caixa. Aí me atraquei a comer banana e doces daquela bolsa! Mais tarde, a Mãe me disse que foram 50 terços rezados de joelhos... Coitados do Papai e da Mãe trabalharam tanto para terem um desfalque daqueles... Nunca descobriram o ladrão!

Como falei anteriormente, a Mãe era católica fervorosa. Todas as noites, após o jantar, virávamos as cadeiras com o encosto na mesa e de joelhos nas cadeiras, rezávamos o terço. A seguir ela rezava um Pai Nosso, uma Ave Maria e um Glória ao Pai para cada Santo, mais Jaculatórias, Mandamentos da Lei de Deus e os da Igreja, Santo Anjo do Senhor e terminava com reza para as Almas do Purgatório em Latim: “Réquimitemno, tominis domini, luz perpétua, lutia Dei, réquiem canti, pátie. Amem”. Nós rezamos assim, essa era a pronúncia.

De acordo com pesquisa no Google, a oração traduzida seria:

O **Requiem** é uma conhecida oração católica em favor das almas do Purgatório, rezada em latim: Réquiem a etérnam dona eis, Dómine, **Et lux perpétua lúceat eis** Riquiésant in pace. **Amen**. Tradução: Dai-lhes, Senhor, o descanso eterno e **a luz perpétua os ilumine**. Descansem em paz. **Amém**.

A Mãe tinha um repertório de orações sem fim. Depois do terço, a Mãe ligava o rádio e nós ouvíamos a novela “O Direito de Nascer” enquanto bordávamos sua colcha de quilim. Bordávamos o fundo do desenho e ela bordava as flores, porque eram matizadas.

*Capítulo VII*

## O ARMAZÉM

Papai comprou a casa do seu Evaristo, como já foi dito anteriormente, e continuou com seu Armazém na parte de baixo da casa. Vendiam secos e molhados.

Papai viajava muito para o Rio Grande do Sul, levava e trazia mercadorias para abastecer o Armazém. Certa ocasião, o motorista dele, o Rodolfo, que era casado com sua prima Pierina Stuani, tombou o caminhão e a partir daí ele mesmo passou a dirigir o seu caminhão. Enquanto viajava, a Mãe tomava conta dos negócios. Morávamos na parte de cima da casa e embaixo era a casa de comércio. A mãe me disse que quando não podia subir para almoçar, ela comia sardinha lá embaixo mesmo.

O armazém tinha um balcão que começava à direita da primeira porta menor e ia até o final da porta maior. A segunda porta menor, à esquerda, era livre para expor sacos de alguns tipos alimentos. Na parte interna, na entrada, expunham-se, também, sacas de mantimentos com a boca deles bem alta. Lembro-me do açúcar do tipo grosso e o amarelão. Eu gostava de pegar bolas de açúcar do amarelão que era mais gostoso, tinha mais gosto do melado, o grosso era mais amargo. Hoje, conhecemos como mascavo. No balcão, havia uma balança com pesos e duas bacias ou uma, não lembro bem. Para embrulhar os mantimentos a granel, eram usados papéis de embrulho, pois eram folhas mais resistentes, parecidos com papel manteiga... Eram resmas e mais resmas...

Na época, caneta era raridade e se escrevia com lápis e uma borracha para apagar na ponta. Depois do balcão, um espaço para locomoção interna. Havia instaladas tulhas com arroz, trigo, açúcar, nem sei quantas, uma grudada na outra. Na parede, à direita, havia as prateleiras com latarias. Algumas coisas em caixas, por exemplo, maizena, gomas para roupas (na tampa havia a figura de uma moça engomando e passando roupas), Leite Condensado Moça, latas de aveia da marca Quaker, latas com doces de figo, abacaxi, pêssego e doce de coco e sardinhas. Lembro que a Neuza ganhou de presente dos seus padrinhos, no nosso armazém, uma lata de coco... Foi uma festa... Esses padrinhos eram fazendeiros e não sei quem eram e que fim levaram. Só os vi uma vez.

Noutras prateleiras eram colocadas garrafas de vinho, cachaça, Vermute, Malzebier e gasosas. Ah! Vendiam, também, latas de leite Ninho. No lado esquerdo da parede havia sacos e mais sacos empilhados, de trigo, fubá, milho, feijão e outros. Ao lado do balcão, à esquerda, havia ovos empalhados. Lembro-me de a Mãe dizer 50 Réis a dúzia. No balcão, havia prateleiras internas com vidraças e uma ripa que as resguardavam para não serem quebradas. Dentro, nas prateleiras, estavam expostos sabonetes, caixas de lâminas de barbear Gillete (que eu pensei que dentro havia chicletes, até que me certifiquei decepcionada), talco, lápis, borracha, cadernos, linhas da marca Corrente, agulhas e mais um monte de outros objetos.

Lembro-me de que, no lado direito, havia uma pia com torneira embutida no meio da prateleira. Atrás das tulhas, havia sacos, caixas com sebos que eram vendidos para os fazendeiros, cera de abelha prensada em diversas formas, umas feitas em prato grosso e outras quadradas. Havia uma barrica perto dessa prateleira, nos fundos, um pouco camuflada, onde a Mãe, às vezes, usava como mesa. Seguidamente ela nos reunia naquele canto, furava um ovo cru e fazia a gente engolir, dizia que fazia bem para os ossos e dentes. Outras vezes, batia os ovos e fazia gemada e nos dava com Malzebier, dizendo que fazia bem. Lembro-me de melão que eu pensava ser melancia e comia obrigada, achava horrível, era do tipo colonial, mais conhecido como melão gaúcho. Depois da prateleira havia, um cofre, onde Papai guardava seu dinheiro até o dia que foi roubado. A partir dali tomou mais cuidado.

Mais tarde, Papai mandou fazer um mezanino no meio do armazém com uma escada e era o local onde guardava grande quantidade de cigarros e de fósforos. Os cigarros vinham embalados em pacotes enormes, essas embalagens continham os pacotes menores e compridos com as carteiras, como eram chamadas. Certa vez, pegaram o Zé fumando escondido. A Mãe o fez comer e fumar até não poder mais. Acho que por isso ele nunca mais fumou.

Foram colocadas tábuas que ficavam penduradas por arames que iam até o teto, onde colocavam os queijos, que eram comprados em grandes quantidades da dona Inês, que era uma fazendeira e nossa vizinha. Esses queijos eram para uso da casa, mas acho que também eram vendidos. Os queijos para não estragarem, eram pintados com uma mistura de banha, pimenta e roxo terra

No terreno dos fundos do Armazém havia um tanque enorme de

alvenaria, onde se guardavam couros de gado, recém abatidos (couros úmidos), para serem banhados com produtos que protegiam e não deixavam estragar. Estes couros eram comprados dos fazendeiros, juntamente com os charques, e após sofrerem o processo de proteção eram enrolados, amarrados e levados para Porto Alegre-RS, para serem vendidos. O outro tipo de couro era o couro seco, cansei de ver a Mãe classificando estes couros, pois não podiam ter nenhum defeito. Mais atrás desse tanque havia uma imensidão de lâ de ovelha onde nós, crianças, brincávamos e pisoteávamos por serem muito fofas.

Do lado do tanque com couro havia uma enorme balança com pesos de todo o tamanho para pesar as mercadorias maiores. Havia, também, outro tanque que servia para lavar garrafas.

Além de todo o tipo de mercadorias já citadas, comprava crinas de cavalos amarradas dos fazendeiros e eles compravam barrigueiras, que eram cordas que serviam para amarrar os apetrechos nos cavalos.

As crinas, Papai comprava dos mesmos fazendeiros e vendia no Rio Grande do Sul para as fábricas de vassouras de pelo. Atualmente, é fabricada com pelos artificiais, uma espécie de nylon. A diferença que essas embolam e as de crina não.

Naquela época, vendia-se muita palha e fumo para cigarros, sempre havia em cima do balcão um rolo de fumo mais escuro e outro mais amarelo. Eram tiras de fumo enroladas e grudentas, que exalavam cheiro de fumo muito forte.

Vendia-se de tudo: banha bem branquinha, canjica, biju, sagu, fubá, mandioca, sal, colorau, fermento, araruta, café, pimenta, cravo, canela, noz-moscada, baunilha (legítima, sei porque a Mãe usava nos cremes e hoje é raro o sabor e o perfume), fósforo, anil (era uma trouxinha de pano branco e no seu interior havia um pedacinho de um produto azul, tipo giz, que era dissolvido na água e servia para enxaguar as roupas), vassouras de piaçava, chapéus de palha de vários tamanhos e diferentes, arames farpados, pregos, tamancos para adultos (como eu queria um para mim, mas eram todos muito grandes para os meus pezinhos).

A Mãe atendia a freguesia e quando tinha algum intervalo, pegava-me e sentava-me numa caixa alta perto do balcão e com papel de embrulho me alfabetizava. Posteriormente, colocou-me nas aulas da Dona Francis.

A Mãe era semianalfabeta, porém dava conta do recado, quando Papai viajava, ao fazer uma venda, ela ia até ao seu Evaristo Duarte para se certificar

de que as contas estavam corretas. Carregava os sacos de mantimentos e despejava nas tulhas, não ficava esperando pelos empregados... Meu Deus, a Mãe era uma mulher admirável, quando fechava o armazém e subia para a nossa casa, rezava o terço e depois da novela do rádio parava o bordado da sua colcha e ia costurar para nós.

*Capítulo VIII*

## AS FAMÍLIAS DA RUA QUINTINO BOCAIÚVA

Tenho saudades da nossa Rua Quintino Bocaiúva... Ela era uma delícia, tinha de tudo para, enquanto criança, eu ser feliz. Em 1943, meus Pais foram morar nessa Rua. Ela começava com a casa do seu Bebeto Ávila e Dona Lídia, que era um lugar enorme, com muitas divisões, abrigava todos os filhos e suas famílias quando vinham de suas fazendas. Seus filhos, Ari, Waldo, Edwi. O seu Ari, casado com Dona Zulmira Bianchini, tinha seis filhos: Lenia, Lídia, Leda, Rui, Laélio e Amilton. Waldo, casado com dona Ida Bianchini, tinha os filhos Cláudio, Waldo Filho, Miriam, Yara, Lúcia, Beatriz e Márcia. Edwi, casado com Maria Ranzolin, tinha as filhas Paula (falecida), Mara e Elizabeth.

Lembro-me do seu Bebeto e da Dona Lídia. Ela gostava da Mãe. Tenho a recordação de que a presenteou com uma cuca bem gostosa.

Eu espiava com dificuldade por uma janela do casarão, pensava: o que será que tem por trás dessas vidraças? Qual não foi a minha decepção quando consegui me agarrar na janela com dificuldade e deparei-me com imensos fardos de alfafa. Alfafa que era levada para as fazendas.

Alguns anos mais tarde o seu Bebeto construiu um prédio no local da casa e cada filho ficou com um andar.

Lembro-me de quando, seu Ari e seu Waldo vinham das fazendas para a cidade com empregadas, babás, uma coisarada. Mais tarde, o seu Waldo foi Prefeito da Cidade. Nessa época, eu namorava com o Heitor.

Na esquina desse prédio estava o Armazém do seu Edwi da Costa Ávila, casado com a Dona Maria Ranzolin, sendo ele filho do seu Bebeto e Dona Lídia. O Armazém do seu Edwi já existia no casarão do seu Bebeto desde o tempo em que ele era solteiro.

Ele vendia a granel vários produtos, inclusive, uma cachacinha num cantinho do armazém. Seu Edwi casou com a Maria Ranzolin e com ela teve três filhas, como já relatei anteriormente.

Ia esquecendo, no lado oposto do Armazém do seu Edwi, na frente da Praça Vidal Ramos, havia outra casa de comércio que era do seu Veríssimo, sogro do seu Bertuzzi. Vendia baldes, painéis, lampiões, tudo pendurado

nas portas. Todo mundo vendia e sobrevivia. Papai dizia: “Para trabalho tem lugar para todos”. Isso foi quando indaguei como podiam lucrar com tantos armazéns, uns pertos dos outros.

O Mercado Público ficava na esquina oposta e terminava bem na frente da nossa casa, tinha uma enorme porta e ele era muito grande, foi inaugurado em 1879 e ampliado em 1911. Tenho saudades, aquilo tudo era tão gostoso, acho que porque era criança.



Na foto, no lado esquerdo aparece o primeiro Mercado Público de Lages. Na esquina, o segundo Mercado Público com a sua porta enorme.



Vista atual do prédio do Mercado

Lá frequentavam todos os que tinham produtos para vender. Parece um filme hoje na minha mente. Aquilo era lotado de gente, do interior e

da cidade. Eu de novo perambulando por tudo, com água na boca quando via aqueles cartuchos com amendoim, feitos de palha trançadas, dos pés de Butiás, pendurados no lombo dos burros.

Lá dentro cabia de tudo, além das pessoas, cavalos, burros e mulas que transportavam os produtos. Havia uma mescla de sons e cheiros, de gente suja, com cheiro de esterco novo. Era voz de gente, berro de cabritos, latidos de cachorros, cacarejar de galinhas e canto de galos que permaneciam nos cestos pendurados em mulas, não sei se tiravam logo dali!

Eu ia bem pertinho e dava de cara com os olhinhos pisca-pisca das galinhas. Nas sextas-feiras, o povo do interior vinha à cidade para se abastecer de produtos que não eram produzidos na região, como café, açúcar, trigo, fazendas de roupas em metros, sei lá mais o quê! Acho que o movimento maior era nos sábados.

Nas minhas andanças, descalça, acho que até ranhenta, eu me deparava com mulheres dos sítios à espera de seus maridos, sentadas no chão, rodeadas de sacos amarrados. Via pilhas de queijos, mel, muitas vezes nos favos, gamelas feitas de madeiras, legumes, morangas, cebolas, alho em réstias e outros produtos mais para serem vendidas.

Com o passar dos anos, com o crescimento da Cidade, o Mercado Público ficou pequeno e mudaram para outro local maior, e o prédio antigo, mais tarde, foi comprado pela Família do seu Joca Duarte. O seu Joca era um português baixinho e pai do seu Evaristo que eram os antigos donos da nossa casa. O seu Evaristo era padrinho do nosso irmão José Aristides. O Prédio antigo do Mercado Público foi transformado em vários estabelecimentos comerciais. Na esquina, ficava o Armazém de Atacado do seu Joca Duarte e filhos. Nesse armazém, era um tal de saco de farinha, açúcar, feijão e outros produtos que entravam e saíam nas costas dos empregados. Constantemente, tinha caminhões para carregar e descarregar.

Eram os antigos donos da nossa casa, não sei se o Papai comprou de seu filho Evaristo, mas acho que foi do seu Joca.

A seguir, havia a barbearia do seu Lili e Gaspar. Um dia, a Mãe mandou-nos lá para ele cortar nossos cabelos... Mandou, estava mandado... Imagina a vergonha, pois lá só iam homens...

Depois dessa casa, vinha o açougue do seu Graciliano (seus filhos Rignel e o Newton). Ele era uma fera de bravo e não tinha muita paciência com os clientes. Como, na época, não existia supermercado e nem outro açougue nas redondezas, ele se prevalecia das circunstâncias. Muitas vezes,

a fila para comprar carne era grande. Uma vez a Mãe me deu dinheiro e me mandou comprar carne, disse-me quanto em peso eu deveria comprar. Para não esquecer, eu ia memorizando mentalmente e repetindo isso em silêncio na fila. Quando chegou a minha vez, eu, menina cheia de medo dele, levei um susto ao me perguntar bem alto: “E você?”. Com isso, não respondi, pois me deu um branco. Saí correndo para perguntar novamente à Mãe e voltei quando a fila tinha acabado.

Anos mais tarde, o seu Elídio Westphal e seus filhos, Dauri, Daureli e Daulaércio, que eram donos de uma Pensão na Rua Nereu Ramos, abriram um açougue numa das salas no térreo do prédio dos Ávila.

Depois de anos, já casada, encontrei com o seu Graciliano e tive a oportunidade de lhe dizer que ele e a professora Dona Ruth Mendonça, do Colégio Santa Rosa, eram os “Bichos Papões” da minha infância. Ele só riu...

No lado direito do Açougue do seu Graciliano, vinha a casa comercial do seu Genival e seus filhos Pedro, Auri, Dalila e Carlito. Seu Genival, depois de alguns anos vendeu o ponto para o seu Alfredo Passold que abriu no local uma fruteira.

O seu Alfredo Passold era Pai do Orlando que casou com a Nair Stuani, prima do Papai.

O seu Alfredo tinha a fruteira e, também, trabalhava com construções de casas. Foi ele quem construiu a casa onde eu moro na frente do terreno da fábrica do Papai. Lembro-me dos muitos cachos de banana descarregados na calçada em frente à fruteira e eu, muito pequena, simplesmente me servia delas e saía comendo.

O Orlando, logo que casou, foi morar perto do Morro Grande e tinha vacas de leite e, diariamente, seu empregado vinha na nossa casa montado a cavalo trazer leite. O leite era envasado em garrafa e tampado com rolhas feitas de palhas. As garrafas eram colocadas em uma espécie de alforje, com costuras tipo sacolas, onde cabiam várias garrafas uma do lado da outra, separadas por uma costura, e colocadas no dorso do cavalo, ficando várias garrafas dos dois lados do cavalo, junto às pernas do cavaleiro. Depois eram entregues nas casas.

Ao lado do seu Alfredo, havia a casa do seu Antônio Ávila que era casado com a Dona Enói e tinha 5 filhos, Boanerges, Carlinhos, Vitório, Cláudio e o João. Boanerges, mais tarde casou com a minha prima Íris, filha da tia Dúsula. Seu Antônio tinha comércio de materiais escolares e mais alguns produtos de que eu não me lembro bem. Sei que tinha algumas

guloseimas, inclusive chicletes. Certo dia, final de tarde, entrei lá e comprei uma porção de caixas de chicletes na conta da Mãe e saí bem satisfeita. Ao atravessar a rua, vi a Mãe despontando na esquina, levei um susto e corri para casa e joguei todas as caixinhas no quintal da vizinha. No dia seguinte, voltei no local para pegar os chicletes e não encontrei mais nada.

Mais tarde, Aristides Borges comprou o estabelecimento e transformou numa pensão e pequeno restaurante. Ele era casado com a Dona Mara e tinha dois filhos, Nelson e Jair.

A seguir, vinha o último estabelecimento comercial que era do Seu João Maria Borges, mais conhecido por João Henrique (nome do seu Pai) e era casado com a Dona Maria Custódia, com a qual tinha quatro filhos, Hilda, Celso, Célio e José.

Nos dias de movimento, no Mercado Público, sempre havia muita gente negociando, seu Aristides Borges e o seu João Maria Borges ganhavam muito dinheiro, pois esse povo todo ia comer “pratos feitos” e ficavam hospedados em suas pensões. Como a nossa casa ficava na frente e era alta, de lá, via-se tudo pelas janelas.

Como eu era bisbilhoteira, muito curiosa, porque não tinha o que fazer, ou porque não obedecia sei lá, só sei que eu andava por tudo que era lugar. Por isso lembro que atravessando porta adentro dava na cozinha da casa da Dona Custódia e do seu modesto salão de beleza, onde havia um espelho comprido e uma cadeira. Ela também era carinhosa comigo, colocava-me sentada numa caixinha em cima da cadeira e penteava meus cabelos longos e loirinhos. Tinha sempre gente dos sítios, moças, senhoras, de quem ela, certamente, cortava os cabelos. Só sei que me agradavam, davam-me carinho.

Como esquecer do som estridente da araponga que ficava o dia inteiro na frente do boteco, parecia batida de ferro na bigorna.

Na época, não havia televisão, os únicos meios de comunicação eram o rádio e o jornal, sendo esse mais restrito. Como todo mundo gostava da Rádio Clube, tinha um aparelho colocado na parede da frente do boteco do seu Aristides. Assim, havia música do raiar do dia até a madrugada. O Programa Alma Cabocla começava às 5 horas e era apresentado pelo trio Tavinho, Maneca e Souzinha. O Maneca continua até hoje, levantando-se às 5 horas para apresentar seu programa na Rádio Clube.

À época, a luz elétrica era muito fraca na cidade de Lages. Lembro-me do dia que ligaram outra usina e melhorou muito a qualidade da luz na cidade.

Naquele tempo, não havia fogão a gás, acho que nem geladeira. Lembro-me do dia no qual Papai comprou a nossa. O nosso fogão era a lenha. Depois de alguns anos, ele comprou um pinhal e montou uma serraria, aí vinha para cidade com caminhões carregados de madeiras serradas e sempre trazia junto as sobras das madeiras e cascas de pinheiros para serem usadas como lenhas. Estou misturando os assuntos, vou voltar ao que estava falando antes!

Na frente desse mercado, estavam estacionados os “carros de mola”, que eram os táxis da época. Cansei de andar neles, a Mãe nos levava quando saía para longe, como era gostoso!



"Carro de mola" - faz parte do pequeno acervo do Mercado Público de Lages.

Em frente ao Mercado Público, na continuação da Rua Presidente Nereu Ramos, estava a Praça Vidal Ramos Júnior, com um lindo jardim. Essa Praça foi construída no ano de 1945, eu tinha três anos de idade. No centro do Jardim havia um enorme chafariz, que era muito lindo! Tinha tudo que era tipo de árvores e de arbustos, como jasmims, hortênsias brancas muito perfumadas e muitas variedades que não sei o nome. Quando íamos à casa do Vovô, sentíamos os perfumes nesse trajeto. No final do jardim, havia uma cerca viva, parecia um paredão, às vezes, aparecia um vão, e nós crianças passávamos de um lado para o outro apesar de saber que não era permitido.

Infelizmente, acabaram com toda essa beleza para construírem um

terminal de ônibus circular urbano. Existem várias fotos antigas do jardim da Praça e do Mercado Público, além de uma Revista que se chama Abra & Ache Memórias de uma Cidade – Ano 2002; número 06 – Lages, 1º de setembro – “Alma lageana”. Foto antiga de Lages e São Joaquim. Editor José Gualberto Gambier Costa – 49 3222 4269. [www.abraeache.com.br](http://www.abraeache.com.br), [falecom@abraeache.com.br](mailto:falecom@abraeache.com.br).



Local onde foi construída a Praça Vidal Ramos Jr. No fundo aparece a parte de cima do Primeiro Mercado Público de Lages.



Foto panorâmica de Lages. Abaixo, a Praça Vidal Ramis Jr.

Ao lado do Mercado Público, morava o seu Casemiro Colombo e a Dona Terezinha. À época, eles moravam numa casa enorme de madeira e tinham um armazém de secos e molhados. Tinha um varandão na frente, onde eu me sentava para jogar baralho - “buraco” com a Nenê (Tereza). Nenê era uma parente, que veio do Rio Grande do Sul para trabalhar com eles. Nessa época, vieram, também, do Rio Grande, para morar e trabalhar com eles os sobrinhos, Nascimento e o Miro Parizzotto.

O armazém do seu Colombo, além de secos e molhados vendia, também, louças, panelas, vassouras, doces em latas e algumas bebidas. Sempre via Dona Tereza com uma bacia cheia de temperos verdes, radite, alface, entre outros. Dona Tereza, assim como a Mãe, todo o ano estava grávida. Seus filhos, Válter, Olga, Cleusa, Raimundo, esses são os que eu me lembro. A família foi crescendo e tinha até uma vaca nos fundos da casa para tirar leite. Lembro-me de quando o seu Colombo comprou um paneleiro brilhante e suspenderam a grade em cima do fogão a lenha.

Mais tarde, seu Colombo construiu uma casa de alvenaria no local da velha de madeira e continuou com seu armazém. Alugou uma parte da casa para um sapateiro, cujo nome, se não me engano, era Rodolfo. Na parede da sapataria, havia um pôster com a ilustração de um banco e, deitado nele, um mendigo com a meia furada no dedão e uma garrafa de cachaça caída no chão, era um bêbado miserável coberto com um jornal.

Seguidamente, eu ia lá pedir umas tachinhas para eu fazer mesinhas com uns pedaços de tabuinhas. Às vezes, tinha que insistir para ele me dar as tachinhas. Em outros momentos, ia lá e ficava no balcão durante horas olhando-o consertar os sapatos velhos.

Seu Colombo alugou, também, nos fundos de sua casa para um casal que tinha uma filha adotiva. Ele era Casagrande, mas não lembro o seu nome, ela se chamava Leonilda, sempre muito querida, carinhosa. Colocava-me dentro de uma caixa junto com a sua filha, uma de cada lado, e nos dava uma xícara com mate doce com leite e tomávamos com uma bomba. Lembro-me do bule esmaltado.

Em frente a nossa casa, estava a residência dos Varelas. Senhor Agenor e Dona Gení. Seus filhos eram José Otávio, mais conhecido como Zazá, Renato e a Norma. Os três eram casados, a Norma que teve duas filhas Heloisa e Lucia Helena e o Renato, casado com a Anita que era de Florianópolis e muito amiga da Neuza.

Nossa rua era muito movimentada durante a semana e eu prestava

muita atenção em tudo que acontecia ao meu redor.

No lado da nossa casa, à direita (olhando de frente), era a residência do seu Beбето. No lado esquerdo, havia um portão enorme de madeira, sempre fechado, do terreno da dona Inês Vieira. Esse terreno era estreito e ia da Quintino Bocaiúva até a Rua Correia Pinto ao lado do Clube 14 de Junho. Era um terreno enorme e no meio havia uma casinha muito velha de madeira. Na parte da frente, eram quartos e sala e depois um puxadinho com uma cozinha de chão. Cansei de ir lá tomar café com biju e café preto. Na casa tudo era preto, enfumaçado. Não sei como entrava ali, acho que era pela casa da frente da Dona Inês. Imaginem por onde eu andava.

Adiante desse terreno, havia outro baldio, que era do Dr. Aristóteles Waltrick, médico famoso na época. Esse terreno era igual ao da Dona Inês, ou seja, ia da Quintino Bocaiúva até a Correia Pinto.

A seguir, vinha um corredor que era usado como passagem e desembocava na Rua Correia Pinto e servia, também, de entrada para os outros terrenos, pois havia várias casas nesse local. Uma das casas era do seu Armindo Ranzolin e tia Edith, que era assim chamada tal era a amizade dela com a nossa Mãe. Tinham cinco filhos, o Armindo Antônio, Jussara, Ivan, Nelson e Ivania. Na frente dessa casa, havia um coqueiro, um jardim muito bonito. Esse coqueiro na época de frutas dava uma espécie de butiá que era delicioso. Nos fundos da casa, havia um galpão onde a Jussara, a Neuza e eu brincávamos de bonecas, casinha, balanço e rodeávamos uma matraca barulhenta. Interessante que ninguém nunca reclamou.

Esse galpão era famoso! Metade dele era dividido, e, no lado oposto de onde brincávamos, o Armindo Antônio, o Nene como era chamado, filho mais velho do casal, havia uma mesa de jogo de botões. Chegava a rapaziada, não sei nem de onde, para jogar botão. Faziam campeonatos, disputas entre turmas. Era uma gritaria geral naquele corredor, um vozerio só no galpão. Com certeza, o Ivan também participava. O Nelson, ainda, era criança e vivia comendo pão com manteiga.

Hoje, eu penso, lembrando-me daquela época, não havia droga, nada, somente cigarro. Lá não se via ninguém fumando. A euforia era o jogo. O Nene fazia de conta que estava com um microfone na mão e narrava o jogo com rapidez e em voz alta. Era uma bagunça sadia, era tanta rapaziada que forrava, com suas presenças, a cerca da casa. Será que alguém tirou alguma foto? Eu tenho uma que a Dona Edith me presenteou.



Eu bem pequenininha com fita nos cabelos cacheados em frente da casa. No portão, eu (com roupa de pelúcia), atrás o Esposo da Dona Ida, Nelson (sentado no muro), Edith, Chela?, Na Frente do Muro a Jussara e a Maria do Edwi.

Dona Edith tinha uma empregada que se chamava Chela e sempre nos tratou com delicadeza. O Nelson vivia pedindo para ela café, café que só ela sabia fazer. Pegava duas xícaras e ficava esfriando e espumando, passando uma para a outra até chegar ao ponto e depois servia o Nelson. Ele bebia feliz da vida. Era uma rotina. Como eu já falei anteriormente, ia diariamente brincar de casinha com a Jussara.

Continuando a descrição da Rua Quintino Bocaiúva – depois da casa dos Ranzolin, era a mercearia do seu Lilíco. Ele tinha um filho chamado César. Nós tínhamos conta lá. Ele marcava numa caderneta, comprávamos fiado, e o Papai pagava no final do mês. Comprávamos lanches para escola, às vezes chocolates, tinha um tipo que era cor-de-rosa no meio do qual eu não gostava. Comprávamos bananas, aliás a minha lancheira vivia com cheiro de banana. Um dia pedi para a Mãe um dinheiro para eu comprar um doce lá no seu Lilíco, e ela me respondeu: “Vá achar dinheiro na rua”. Aí eu saí e não é que eu achei uma moeda! Corri para mostrar-lhe. Qual não foi a minha surpresa, ela pegou a moeda e colocou no caixa do armazém.

A Mãe era mais enérgica, diferente do Papai. Eu pedia para o Papai: me dá um dinheiro? Ele sempre colocava a mão no bolso e me dava uma

moeda sorrindo. Vou fazer um parêntese agora. Na época da segunda Guerra Mundial - eu nasci em 1942- não tenho certeza do ano, mas acho que foi em 1945, Papai enviou mantimentos para os “pracinhas brasileiros” que estavam lutando na Itália. Eu acompanhei Papai que, com a ajuda de um de seus funcionários, levou até a Praça Vidal Ramos Júnior, onde estava um representante do 2º Batalhão Rodoviário sediado em Lages, o qual recebia tais mercadorias para posteriormente encaminhá-las à Itália.

Eu, apesar de pequena, entendia o que estava acontecendo, prestava atenção na conversa dos adultos.

Voltando na sequência de moradores da Rua Quintino Bocaiúva, a próxima casa era do senhor Érick e sua esposa (não lembro o nome), os quais tinham cinco filhos: Elmo, Jaime, Ivone, Jonas, Maria Helena. Posteriormente, veio morar nessa casa o seu Bráulio Onório, que tinha um conserto de sapatos de nome Sapataria Rápida. A seguir, na esquina morava Dona Olívia e seu esposo Osvaldo Pruner. Ele era pintor. Ela era muito gorda, cuidava do imenso jardim cheio de roseiras belíssimas que ela cultivava. Tinha dois filhos. O mais velho casou, ficou viúvo, casou novamente, reside em Camboriú e é amigo do Toni da Neuza e sempre se encontram para um bate papo. O outro, Rubens, soube estar residindo na Cidade de Caçador.

Curiosidade: quando menina, saltitando pela calçada de nossa rua em direção à esquina da casa da Dona Olívia Pruner, parei em frente à sua casa e na hora me veio um pensamento OLIVIA, OLIVEIRA, PERA, PEREIRA. Se eu tivesse que escolher um sobrenome ao casar entre Oliveira e Pereira, eu escolheria Oliveira, achava Pereira muito feio! O curioso é que agora sou Araldi de Oliveira.

Na mesma esquina, outro lado da rua, morou uma família com o sobrenome Aroldi. Tinha uma filha que se chamava Alba e namorou o Zé. Isso lá pelos anos 60.

Mais acima, morava a família Ramos, Dona Antonieta e o seu Juca. Eles tinham dois filhos, Nádia e Renato. Nádia era professora no Colégio Santa Rosa e também dava aula particular em sua casa. Foi minha professora no ginásio e particular. Lembro que a minha amiga Susana Sbruzi era colega de aula e tínhamos aulas no mesmo horário.

No final dessa rua, tinha posto de gasolina e oficina da Chevrolet da concessionária Hoepcke.

No final da nossa Rua Quintino Bocaiúva, ficava a Igrejinha de tijolinho

à vista (Presbiteriana), onde morava a Dona Naná, professora de acordeon e piano, casada com o seu Carlinhos, o qual, segundo acredito, era o pastor. A Noilves foi sua aluna.



Igreja Presbiteriana

Descendo a rua, lado oposto, em direção à nossa casa, à esquerda, na esquina, morava o seu Jacó Suiter, que tinha uma oficina mecânica. Tinha um casal de filhos que se chamavam João José e Maria. Essa era casada com um oficial do Exército aqui em Lages e era amiga da tia Dina na época de solteiras. Construíram um edifício na frente do Armazém dos nossos tios na Rua Serafim de Moura.

Passando essa oficina, morava a dona Candinha, uma velha negra, lavadeira e engomadeira de roupas. Tinha um doce olhar, era meiga. Cansei de vê-la com uma trouxa de roupas na cabeça, descendo a rua para entregar as roupas para as famílias mais ricas da Cidade.

*Capítulo IX*

## AS FESTAS DAS FAMÍLIAS DA RUA QUINTINO BOCAIÚVA



Rua Quintino Bocaiúva.

Na nossa rua, reuniam-se famílias nas épocas de São João. Era feita uma fogueira no meio da rua e nós, crianças, fazíamos longos cordões e, de mãos dadas, brincávamos de “roda cotia” e outras cantigas. As mulheres agrupavam umas mesas perto da fogueira e abarrotavam-nas com todo o tipo de guloseimas confeccionadas pelas nossas mães. Seguidamente, brincávamos na rua. Nada era perigoso. Era como fazíamos no quintal, de amarelinha, *abre-te porta ziro, ziro, ziro zá, a porta já está aberta para quem quiser passar...* Alguém pulava a fogueira, era muito divertido...

Em véspera de Natal, nós crianças lá de casa, Noilves, Neuza e eu íamos à casa da Dona Adelaide, esposa do surdo, que era contador do seu Joca. Íamos direto para a parte de baixo da casa dela, junto de suas filhas Solange, Sônia e Sandra para fazermos ensaios de cantos de Natal – Noite Feliz e outros. No dia do Natal, Dona Adelaide deixava a porta aberta para nós vermos o belo presépio que ela confeccionava com papelão cru, pintado de dourado, inclusive imitando as pedras. O presépio ia do chão até o teto, parecido com o da Catedral.

A Mãe enfeitava um pinheirinho de araucária, que também ia até o teto. Era lindo, com bolas coloridas e pequenos castiçais, que se prendiam nos galhos do pinheirinho, onde se acendiam velinhas. Pela madrugada, acordávamos com o barulho dos gatinhos que, subindo na mesa da sala, batiam com as patinhas nos poronguinhos colocados pela Mãe na fruteira que ficava em cima da mesa da sala.

Esses gatinhos brincavam à noite, jogando essas bolinhas para todos os lados. Acordávamos e íamos pé ante pé até a Árvore de Natal para ver os presentes que Papai Noel deixara e saía pela chaminé. As bonecas que encontrávamos não eram tão bonitas quanto à da Jussara Ranzolin, que viera numa caixa bonita. As nossas eram bem comuns. Eu achei Papai Noel injusto.

Um belo dia, ensolarado, estávamos no nosso quintal, Dona Lita foi até o sótão da nossa casa velha, que, na época, ainda era dela e seu Evaristo. Nós, lá embaixo no quintal, brincando com os filhos dela, o Mário, João Carlos e Nelson, de repente começou a chover bala. Foi uma surpresa maravilhosa. Mais tarde descobrimos que o Papai Noel que jogara as balas era ela. Nossa infância foi maravilhosa, teve sempre um encantamento.

Na nossa adolescência, as festas da Rua Quintino Bocaiúva marcaram época, as quais chamávamos de “FONG FONG”. No início, participavam somente as Famílias mais próximas da nossa rua, mas com o passar do tempo foi aumentado e todo mundo queria estar em tais festas, pois ficaram famosas. Abaixo, uma sequência de trechos extraídos do Livro de Memórias de JOSÉ ARALDI evidencia esse período.

A Rua Quintino Bocaiúva era na realidade uma GRANDE FAMÍLIA todo mundo se conhecia e havia uma boa amizade entre todos. Naquele tempo, aos domingos após o almoço, os homens se reuniam em umas das casas e passavam a tarde inteira jogando QUATRILHO, normalmente era na casa do Colombo. Os mais assíduos eram Casemiro Colombo, José Araldi, era sempre o

primeiro a chegar, Armindo Ranzolin e o Mário Zanotto. Usávamos milho e feijão para a contagem dos pontos, era uma festa!

E por falar em festa, não dá para se esquecer dos **“FONG FONG”**, nome dado às festas surpresas nas casas dos amigos. Entrávamos na casa da pessoa escolhida independentemente de estar ou não de aniversário, todos cantando “parabéns a você” para os donos da casa, e já começava a festa, dançávamos a noite inteira. Todos levando salgadinhos, docinhos. Tínhamos um gaiteiro contratado, cujo apelido era Sansão. O nome **“FONG FONG”** foi dado porque o nosso gaiteiro tocava e cantava para animar uma música que dizia: “É FÓG, FÓG, FÓG”, mas que arrastado se ouvia: É FONG, FONG, FONG!

Uma das Festas inesquecíveis foi o aniversário da dona Ida Ranzolin, o Ivan, filho do Armindo e sobrinho da dona Ida, quis lhe fazer uma surpresa em sua Fazenda. Para isso organizou com seus caseiros, um grande churrasco com baile, à noite de sábado até domingo à tarde, quando retornamos para Lages. Qualquer dia, fim de semana ou não, nos reuníamos, chamando o SANSÃO, o nosso Gaiteiro e... pronto e a festa começava!!!

Também para esse aniversário, evento surpresa, o Sansão foi chamado, pois sem ele não tínhamos música!

Lá fomos nós com nossos filhos e as mochilas nas costas, os mais velhos e os já mocinhos, ajudando os pequenos. Só que nessa maratona, tínhamos um caminho a percorrer de carro e outro tanto a pé, pelos campos da fazenda! Um Peão foi nos esperar no local onde a estrada acabava. Foi nosso guia, desde o entardecer até a noite fechada, sem luar!

Cada qual com seus pertences e...Pé na Estrada, rindo, escorregando, caindo em buracos, se molhando em pequenos charcos, brincando de rolar nos declives...alguns adultos já bebendo suas bitucas, principalmente o Edwi, que caía e levantava, gargalhando com todos nós...lá chegando sem poder fazer o famoso QUATRO, sinal que se está sóbrio! Só com ele nos divertimos tanto, que nem sentimos o longo trecho feito a Pé. Isso, sem falar no SANSÃO, que ninguém deixava sossegado, querendo que tocasse, coitado!

Na chegada fomos instruídos a não fazer barulho, para ser surpresa mesmo! O churrasco, doces e quitutes, o Ivan conseguiu esconder da Ida. Então, tínhamos que cooperar até o rompante da GAITA do HÔME!

Foi aquela euforia dos Convidados, Aniversariante e Pionada! Comilança, a noite inteira e o arrasta pé até o dia clarear! Continuando, com o Camargo, café da manhã, camas nos quartos, para as mulheres e crianças. Os Hôme (lageanês), nos pelegos, pelos galpões e gramados da redondeza, enquanto na cozinha as quituteiras trabalhando e lá fora a churrascada do dia, carnes de gado, porco e carneiro!...Delícias de Sítio!

O legal é que o Gaiteiro, acompanhado por pandeiro e bumbo, depois de dormir um pouco, já estava refeito para continuar o baile, com quem já estava desperto. e, mesmo antes do almoço, o baile continuou e seguiu pela tarde, até estarmos prontos para a volta. Mas, antes do regresso, um lauto café com bolos, biscoitos, bolo de qualhada, geleias, queijos e salames do próprio sítio.

Essa foi nossa festança mais longa! Outras foram memoráveis, também:

Na chácara da Maria do Edwi, um domingo inteiro! tipo Pic Nic, como fazíamos no PAULO da TAFONA e Beira do Rio CAVEIRAS.

No aniversário da minha prima, a KEKA, outra surpresa...chegamos na casa sem avisar, mas levávamos bebidas, salsichas, salames e queijos, pães, bolos, compotas ...e outros quitutes do aniversariante, porque chegou o nosso "BATALHÃO!... com o SANSÃO à Tira Colo!

No quintal da nossa antiga casa da Quintino Bocaíuva, fizemos um São João e elegemos a nossa Rainha do "FONG FONG". Por unanimidade, a NOELCI foi eleita!... O seu par, nesse festão, foi o Ênio Schmidt, que era estudante de Odontologia em Porto Alegre, colega de Apartamento do NÊNE, Armindo Ranzolin.

Lembranças felizes de um tempo tão alegre, de brincadeiras tão saudáveis, que reunia nossas Queridas Famílias...

Uma grande reverência à LINDA AMIZADE dos RANZOLIN e ARALDI.



Festa da Saia Beneficente para o Hospital Seara do Bem e Creche Domingas Bianchini



Baile do Cube 14 - 1964. Tia Edith, Mãe, eu e o Heitor

*Capítulo X*

## AS FAMÍLIAS DA RUA NEREU RAMOS

Da esquina do Armazém do seu Edwi Ávila, subindo a Rua Nereu Ramos em direção à Catedral, havia várias casas, no entanto, não me lembro bem dos nomes dos moradores. Na residência da esquina, morava a Família do Sr. Célio Melin, onde, mais tarde, construiu-se um pequeno edifício – um andar apenas de comércio, havendo residência na parte de cima.

Casa Melo, cuja dona morava na parte de cima e vendia tecidos. As filhas faziam bordados, não sei se eram encomendados. Eram três ou quatro filhas e dois filhos. A filha mais velha era muda. Todos trabalhavam na loja. Como dizia, eu vivia perambulando e cansei de pegar vidros vazios de esmalte que elas jogavam pela janela. Não tenho certeza se uma delas era amiga da tia Dina. Lembro-me, também, de me sentar no escovão e a empregada deles puxar para lustrar e brilhar a cera do varandão da casa.

Certa vez, no início da noite, estava na rua e notara um movimento nessa casa. Era o casamento da filha mais velha. Ela estava com o noivo no fim da mesa. Os cabelos compridos dela sob o véu. A mesa estava lotada de convidados (Meu Deus!! Como eu era bisbilhoteira...). Há uns anos, encontrei-a com uma de suas irmãs. Ela, após o casamento, foi morar em outra cidade. A outra filha casou com o Alberi Rocha, dono da Padaria. A seguinte ficou solteira e faz parte da Equipe Franciscana do Convento, e a mais nova casou com um funcionário do Banco do Brasil e foi morar perto do Mercado Público. Lembro-me da época em que esta era criança, pois ganhou uma casinha de boneca para brincar... Que inveja!!!

Depois dessa casa, vem a do Sr. Surdo (apelido), que era o contador do Sr. Joca Duarte, tinham vários filhos, todos os nomes iniciavam com a letra “S”, Samuel, Saulita, Sandra, Sueli, Solange e Sônia, esta última foi minha colega de aula. A casa deles era suspensa por vigas de concreto e nós crianças brincávamos como parte do quintal. Lembro que certa vez a Noilves e a Solange mandaram-nos enterrar nossas moedas na terra que nasceria uma árvore com dinheiro. No outro dia, fomos buscar o dinheiro e não encontramos nada e muito menos as nossas moedas.

A casa Bertuzzi Ribas & Cia. – vendiam de tudo, fogões, móveis, cristais,

louças, produtos para presentes, inclusive pratarias.

Casa Eduardo – tecidos em metro, aviamentos, meias de nylon marca Tinguá e lingerie.

Sapataria Imperial – o proprietário era o seu Sebastião e Tereza Melin.

Era a mais famosa e vendia conjuntos de sapatos e bolsas.

Sapataria Melin – Seu Melin era pai da Tereza da Casa Imperial, especialista em sapatos infantis.

A Brasileira – último proprietário seu Walter Gil. Tecidos em metro e expostos nas portas

Joana D’Arc – vendia chapéu da marca Ramenzone juntamente com capas e tecidos em metro.

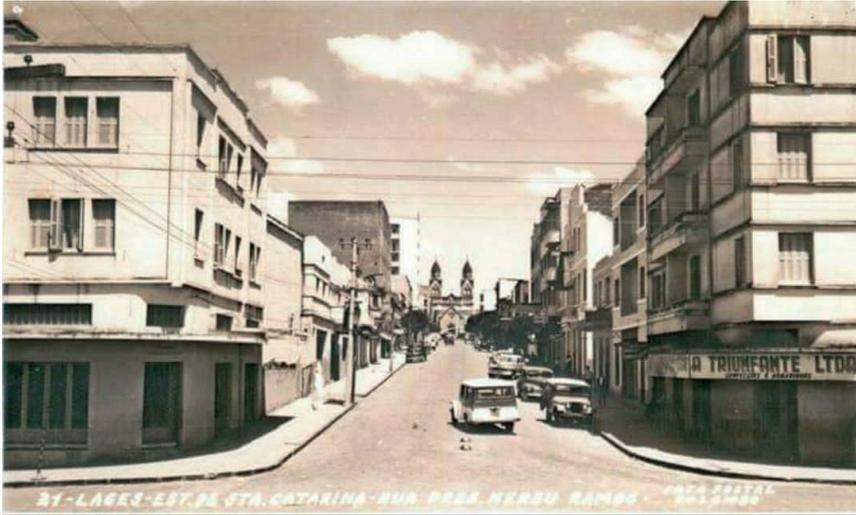
Acima, estava a Farmácia do seu José, cuja esposa era irmã da mãe da Maria Lúcia Vieira, amiga e colega de aula da Noilves.

Alfaiataria – ficava numa loja pequena, o alfaiate era o seu Abdon.

Próximo à alfaiataria havia uma cabeleireira que a Mãe, às vezes, frequentava.

Na esquina, localizava-se um café e dobrando a esquina havia uma loja grande que era Galeria da Moda, do seu Erich Sell. Na época, todas as lojas vendiam tecidos em metro, pois praticamente não havia confecções de roupas. Essa loja era da Família Sell.

Voltando à Rua Nereu Ramos, subindo em direção à Catedral, estava a Farmácia América, cujo dono era o Coronel Belizário Ramos – delegado de polícia. Em seguida, vinha o Bar Marrocos e a telefônica. Na época do telefone à manivela, a telefonista ficava gritando, esganiçando-se, chamando: Itajaí... Itajaí..., na sequência vinha a agência TAC e VARIG e o Cine Marajoara. A seguir, havia algumas casas de fazendeiros e, na frente da Catedral, um belo Jardim e no seu centro construíram um monumento em homenagem a Getúlio Vargas. À direita da Catedral, o prédio da Prefeitura, um belíssimo prédio estilo neoclássico romano.



Rua Nereu Ramos

No meu tempo, a Catedral tinha uma pia batismal e lustres, que ninguém sabe onde foram parar. No lugar de tais lustres, colocaram outros de latão.

Outra curiosidade da minha infância, na Catedral, as mulheres eram separadas dos homens. Muito estranho esse costume: do lado esquerdo, os homens; e, à direita, as mulheres e as crianças.

As missas eram rezadas em Latim e o Padre ficava de costas para os fiéis. Por isso, levávamos o terço e os livrinhos com orações aos Santos. Ninguém entendia o Latim, exceto a oração final que era um exorcismo, oração a São Miguel, Anjo que assiste, segundo a Bíblia, com outros Anjos, Deus.

Também, havia a congregação como Filhas de Maria, cujas integrantes usavam uma fita no pescoço, cor azul. A vermelha se destinava à Congregação Sagrado Coração de Jesus. Os homens usavam um tipo de guarda-pó, sem manga, cor roxo-claro, da Congregação do Santíssimo Sacramento. Havia, ainda, as Cruzadinhas da qual eu participava. Assim, usava uma saia pregueada, blusa e boina branca. Na boina, havia um distintivo. Eu fui “Filha de Maria” e depois “Cruzadinhas”, isso pelo Colégio Santa Rosa de Lima.

Descendo a Rua Nereu Ramos da Catedral para o centro, à esquerda, havia várias casas, quase todas de fazendeiros. No centro da cidade, o Colégio Aristiliano Ramos. Continuando, na esquina oposta, o Café Cruzeiro, onde os homens se encontravam diariamente após o almoço para conversar. Logo

a seguir, vinha a Sapataria Chic, que pertencia ao seu Wagner, pai do Alcione e do Ricardo, este era piloto de avião. Mais abaixo, uma casa que desabou por má conservação e abandono, era do Dr. Célio. Em seguida, a Casa Paratodos, onde a Dona Edith Ranzolin trabalhava e o seu Armindo tinha um escritório de contabilidade.

Na sequência, a Pernambucanas, que tinha uma figura famosa, a “Negra da Casa Pernambucana”. Essa tinha o rosto de uma negra e era de tamanho desproporcional. Nela, uma pessoa entrava e saía desfilando pelas ruas da cidade, acompanhada por uma chusma de pessoas, sendo a maioria crianças. A boneca era feita de papel e usava um vestido de chita colorido. Era uma correria quando ela fazia que investia sobre as pessoas. Eu quase morria de medo, era muito pequena.

Ao lado da Pernambucanas, o Cinema Carlos Gomes, mais conhecido como “Poeira”. Certa vez, entrei lá, mas era mais frequentado pelos meninos. Ainda abaixo, havia a Casa A Brasileira, o Hotel Rossi, que pertencia à Família do seu Regianini, Alcione, Flávio, Mirian, Juarez *in memoriam*, mais conhecido como Lageano, Vera. Casa Melo, Sapataria A Bota de Ouro e, por fim, na esquina, um edifício onde se localizava a Padaria do seu Alberi Rocha.

*Capítulo XI*

## NOSSA INFÂNCIA

A Dona Candinha tinha uma filha chamada Francis que era professora e lecionava em casa. Tinha uma sala com mesa enorme e longos bancos. O Armindo Ranzolin era um dos alunos.

A mãe me matriculou para participar dessas aulas particulares. Pela manhã, a Mãe penteava meus cabelos molhados, formando coquinhos rococó em cada lado da cabeça e lá ia eu com um bloco do armazém para ser alfabetizada.

Na minha mente, ainda, tenho a lembrança daquelas pequenas páginas feitas de carreiras e mais carreiras de números 1111111111111111... Cansei de chegar atrasada... Quando acontecia, ela, Dona Francis, dizia carinhosamente “chegou a coquinho”. Muito querida...! No final de ano, ela hasteava a bandeira do Brasil na enorme cozinha (assoalho vermelho e brilhante) e oferecia quitutes e encerrava as aulas do ano.

Depois, fui para o Jardim de Infância no Colégio Santa Rosa de Lima, cuja responsável era a Irmã Otilde. Essa freira era de pequena estatura e muito querida. Tenho uma terna lembrança de sua docilidade.

A lembrança que eu tenho dessa época é que fui levada pela minha tia Maria até aquela enorme sala do chamado Jardim de Infância. Uma Freira acolheu-me, carinhosamente, e foi me levando até um carrinho de vime com uma enorme e bela boneca dentro. Não demorou aquele encantamento e, virando-me para trás, não vendo mais minha tia, pus-me a chorar copiosamente. Não lembro como terminou esse dia.

Com o passar dos dias, acostumei-me e agora me vejo na hora do lanche. Eu sentadinha num banco, vendo através de uma parede de treliça o jardim florido do Colégio. Até parece que sinto o cheirinho da minha lancheira: banana e chocolate do seu Lilíco. Ela era uma pequena maleta vermelha.

Com 7 anos, saí do Jardim e fui para o primeiro ano primário no mesmo Colégio. A professora também era freira e seu nome Irmã Silésia. Essa freira não tinha muita paciência com as crianças. Certo dia, uma aluna, de repente, resolveu comer o lanche durante a aula, e a freira viu. Então, foi na direção da aluna que se chamava Beloni e desferiu varadas contínuas sobre a coitada. Levei tamanho susto que acabei emudecendo.

Na hora da chamada, cada aluna tinha que ficar em pé e responder presente. Quando chegava a minha vez, ficava em pé e a voz não saía.

Ficava sem voz. Isso era uma agonia! Todas as colegas ficavam me olhando, eu vermelha de envergonhada e com medo. Na hora dos ensaios de canto, eu fazia mímica para disfarçar que cantava. Fiquei traumatizada com o que aconteceu com a Beloni.

Outra coisa horrível que me aconteceu foi no ensaio de apresentação do fim do ano. Minha turma apresentava uma música sobre sombrinhas.

As sombrinhas eram de cores verdes, azuis, rosa, até parecerem flores. No ensaio era para cada aluna levar a sua sombrinha, que deveria ser pequena. Como a Mãe não comprara, ainda, a minha, ela mandou eu levar a dela. Na hora do ensaio, abri a sombrinha. Causando-me susto, a Irmã Silésia pegou a sombrinha da minha mão e a jogou longe, num canto. Isso na frente de todas as alunas. Depois, deu-me um cabo de sombrinha que parecia uma bengala. Ela agiu com muita raiva, sem paciência, sem saber que a Mãe não pudera ainda sair do Armazém para comprar a dita sombrinha. No dia da apresentação, eu estava com a sombrinha nova.

Outra agonia: escrever LAGES bem no lugar certo. No dia da prova, usava-se caneta tinteiro, os dedos ficavam sujos de tinta. Na carteira, onde nos sentávamos, havia um buraco para colocar o tinteiro.

Eu, apesar de pequena, era perspicaz e notei que, entre nós, havia discriminação. Certo dia, chegou uma nova aluna, filha de um militar, chamava-se Marina. Percebi como ela era tratada, ou seja, tinha um diferencial.

No primário, eu era reprovada ano sim, ano não. Fui acometida, muitas vezes, de doenças corriqueiras e graves. Faltava muito às aulas, por isso repeti o 1o. e 2o. ano. No 3o. ano, passei e tornei a reprovar no 4o. ano. Passei na Admissão e me recuperei.

Na entrada do Colégio, a Irmã Sibila nos recepcionava. Ela era de estatura baixa e bem gordinha.

A filha do seu Cândido Bampi era especial. Ao descer as escadarias, ela colocava os dois pezinhos no mesmo degrau para se locomover. A Irmã Sibila, apesar de idosa, subia as escadarias e forçava ela a descer corretamente, porém em vão. Isso começou no 1º ano primário. No ano seguinte, ela não voltou às aulas. Eu a via de vez em quando na missa na Catedral.

No dia 7 de setembro, as alunas eram obrigadas a marchar. Os colégios se reuniam na Avenida Marechal Floriano e iniciavam o desfile na Avenida

Marechal Deodoro, passavam na Praça Dr. João Costa e seguia pela Rua Correia Pinto e dispersava na frente da Padaria do seu Guidalli. Eu achava o máximo, principalmente no ano em que eu ganhei um tênis novo. Era uma euforia! Eu acordava muito cedo, corria para a janela para ver a banda do quartel passar em frente da nossa casa. Para nós isso era uma festa. Nessa época, o quartel ficava em frente ao Colégio Diocesano.



Colégio Diocesano – Prédio antigo



Colégio Diocesano – Prédio novo

Missa era todo o domingo. As alunas tinham que ir todas com o uniforme de gala – saia pregueada, blusa branca, meias e luvas brancas, sapato preto e boina azul-marinho, da cor da saia. A regente da sala recolhia a caderneta e marcava a presença. Na segunda-feira, quem faltasse à missa tinha que levar a justificativa.

Quando o frei Irineu rezava essas missas sempre subia no púlpito para fazer a homilia ou sermão, como era dito na época. Esse Frei era muito engraçado. Lá pelas tantas, empolgava-se, berrava e se estrebuchava todo. Nunca entendi nada do que dizia, porque eu era pequena, e ele tinha sotaque alemão, além de berrar muito. Não era por falta de atenção. Ele ficava furioso quando estava dando aulas e dobrava o sino da Catedral anunciando a morte de alguma pessoa. Outra curiosidade, no recreio, tirava uma laranja do capuz e fazia malabarismo com a mesma e depois dava para uma das alunas. Na data do seu aniversário, ele sempre sumia, pois não gostava de ser homenageado.

Todas as primeiras sextas-feiras do mês, o Colégio Santa Rosa em peso se deslocava para a Catedral para assistir à missa em devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Lembro-me que numa dessas ocasiões estava chovendo e levei o guarda-chuva do Papai, que, na extremidade do cabo, tinha uma figura de cabeça de cavalo. Acontece que na saída me esqueci do dito guarda-chuva no banco da Igreja e quando voltei para buscá-lo não o encontrei mais. Fui para a casa da tia Dúsula rezar para o Santo Antônio, mas foi em vão.

No outro dia, tinha um casamento da filha do seu João Henrique e estava chovendo muito. Na hora de sair, todo mundo procurando o guarda-chuva, inclusive eu. Resultado: tiveram que ir ao casamento de táxi.

Falando em casamento, quando a Patrocínia, irmã da tia Dalila, casou, fomos convidados. Sem que eu soubesse, a Mãe mandou a Dona Malvina confeccionar um chapéu. A Dona Malvina era uma solteirona que tinha um pequeno comércio na frente do Edifício Almeida. Bem, na hora de pentear os cabelos, a Noilves estava sentada em frente à penteadeira da Mãe e de repente a Mãe aparece com dois chapéus de organdi e flores e nos deu para colocá-los. Eu olhei o chapéu da Noilves e o achei mais bonito que o meu e, então, perguntei se ela queria trocar comigo. Ela respondeu: “Me deixe experimentar”. Ela colocou na cabeça e disse: “Sim, eu troco”. Aí eu não quis mais trocar. Nisso apareceu o Papai falando, vamos que já está na hora. Eu, muito insegura, disse-lhe que não iria mais ao casamento. Ele perguntou o Porquê, e eu lhe respondi que era por causa do chapéu. Ele falou, então,

para eu ir sem o chapéu. Eu, no meu desespero, retruquei, questionando a possibilidade de todas irem sem chapéu? Ele respondeu, taxativamente, para eu ir de chapéu.

A partir disso, foi aquele chove não molha. Ele me puxou pelo braço e eu resistindo, agarrava-me pelas paredes até que ele perdeu a paciência, pegou o chapéu e jogou num canto da parede e disse com energia: “Vá já de castigo, atrás do guarda-roupa”. Depois, foram ao casamento. Eu parei de chorar e obedecendo às ordens fui para o castigo. Depois de algum tempo, Papai voltou e ordenou: “Agora vamos, pode ir sem chapéu, lá tem gente com e sem chapéu”. Aquele mal-estar passou e fui sem resistência. Bem, a minha angústia maior era se as minhas primas iam ou não de chapéu. Não queria ir diferente delas. Na minha imaginação, pensava: eu de chapéu, iriam me tachar de “ENSIBIDA” e isso eu não ia admitir. A mãe e a Noilves foram de chapéu. O drama do chapéu foi por causa delas. Vivíamos sempre juntas.

Na casa da Quintino Bocaiúva, nasceram o José Aristides, Noemi, Claudio, Gracinha e Nicinha. Lembro-me do nascimento da Gracinha e da Nicinha, dos outros lembro só quando crianças. Vimos os nossos irmãos menores crescer, eu, particularmente, me preocupava com eles, cuidava das suas roupas, sapatos; arrumava os guarda-roupas, confeccionava enfeites para seus cabelos. Ensinava as tarefas, dava banho na Gracinha, Nicinha e também na Elizabeth, da Dona Maria, sendo essa, na época, nossa empregada. Enquanto dava banhos, rezávamos, eu contava historinhas. Quando pediam, fazia mingau, usava o fogão a lenha. Colocava dois paus de lenha no buraco do fogão e fazia o “mamá”, que depois de morno colocava numa garrafa de gasosa e embutia um bicão de borracha. Aí elas mamavam. Será que naquele tempo não existiam mamadeiras?

Uma das primeiras fotos da nossa Família.

Atrás: Esquerda para a direita: Mãe, Claudio, Noemi e o Pai. Na Frente Neuza, eu, José Aristides e Noilves



Lembro-me do dia em que chegou a geladeira e o fogão, o qual era grande e a lenha, em nossa casa. Naquele tempo, não existia fogão a gás e nem a televisão. Sempre que arrumava os quartos dos meus irmãos menores, eu avisava a Noemi, pois ela sempre bagunçava tudo. Falava que se ela não cuidasse das roupas, eu ensinaria uma lição. Dito e feito! Certo dia, ensaquei tudo, coloquei uma faixa de advertência e coloquei do lado sua cama. Quando acordou, caiu em cima dele. Nunca mais se descuidou de suas coisas. Hoje em dia, é mais organizada do que eu! Sempre que nos lembramos disso, desatamos a rir...

O Claudio, quando pequenino, com dois ou três anos usava, aos domingos, entre outras roupinhas confeccionadas pela Mãe, uma bombachinha. Certa vez, o levamos passear no jardim da pracinha e de repente, saiu correndo em direção à casa de nossos avós no outro lado da calçada.

Como ele era um bebezão lindinho, gorduchinho, um fofinho, um belo dia, levei-o até o Colégio Santa Rosa e fui mostrá-lo para minha professora do primário. Chegando na sala dos professores, tomou-o dos meus braços e rodopiou com ele, numa grande alegria. Eu fiquei lisonjeada e muito feliz! Sobre o Claudio já falei nas páginas anteriores.

Papai havia matriculado a Noemi nas aulas particulares da Dona Luisinha, que, nesse tempo, morava na esquina oposta da dona Olívia Pruner. Certo dia, já era hora das aulas, ela disse que não ia e ficou teimando. O Papai pegou a varinha de marmelo, que ficava atrás do quadro de Nossa Senhora e São José, e levou-a até a escolinha. Ela continuava teimando, dizendo que não ia e eu acompanhava os dois. As pessoas que passavam na calçada ficavam olhando admiradas. Nesse dia, ela levou muitas varadinhas.

O Zé ficava de castigo frequentemente. Sempre tinha alguém fazendo queixa de suas travessuras. Acho que algumas vezes levou a culpa pelos outros, seus amigos, que também não eram nada santinhos. Dona Inês, nossa vizinha, era a que mais pegava no pé do Zé.

Lembro-me de uma vez em que ele foi pego fumando cigarro no armazém. Foi surpreendido na façanha proibida, e além de apanhar da Mãe, essa o fez fumar uma série de cigarros e mastigar o fumo, além de levar mais uns tabefes. Nunca mais colocou um cigarro na boca. Lembro agora que já falei sobre esta façanha.

Uma vez ele ganhou de presente de aniversário, da sua madrinha Dona Lita, um sapato com uma sola grossa, mais ou menos dois a três centímetros.

Era de cor marrom na ponta e na parte de trás, no meio, branco. Ele odiou o sapato e não teve quem o convencesse de usá-lo. Sem proposta! No final, o tal sapato passou para o coitado do Claudio. O sapato era enorme para ele e ficava meio solto no pé, tinha que pôr papel no bico para não sair do pé e como ele era menor não podia reclamar. Assim, teve que usar o bendito sapato. O sapato era de uma resistência incrível, nada o destruiu. Indignado, vinha correndo e dava chute nas paredes. Como era folgado, saía voando e batia nos muros, mas ficava intacto. Certo dia, estava passando um caminhão carregado de madeiras e ele aproveitou a deixa e jogou o sapato embaixo do rodado do mesmo. Eis que, quando foi pegá-lo, ainda estava inteiro. Era indestrutível e teve que usá-lo por muito tempo ainda. Coitado do Claudio, pois tudo que não servia mais para o Zé passava para ele. Era praxe devido à economia forçada.

O bom mesmo era o nosso quintal com aquele vozerio infantil mesclado de alegria e de choro quando brigávamos. O Zé, Claudio, Inaude, Rogério e vizinhos brincavam de bolinha de gude, carrinho de rodas de madeira e de rolimã, pneus velhos guiados com uma varinha. Nós meninas brincávamos de bonecas e de casinha. O Zé e o Claudio, também, jogavam bola no quintal e no campinho perto do armazém dos nossos tios. O Claudio, também, lidava com gaiolas de passarinhos juntamente com seus amigos do açougue ao lado da nossa casa. Víamos, frequentemente, pipas ou pandorgas esvoaçando no céu, que se misturavam com os quero-queros ou corvos. Eu ficava horas olhando para o bailado deles no céu. Quando eles eram vistos, dizíamos um versinho, agora não lembro, mas vou relembrar com a Neuza e a Noilves.

No quintal, perto do portão de entrada, tinha uma casinha de cachorro. Tivemos vários, mas os que me marcaram mais foram o Maroto, que era brasino e grande, o Rubi, um perdigueiro muito bonito e mansinho, a Laika, que não sei de qual raça era, e a Violeta, que era uma cadela pequena, pretinha. Certa vez, uma senhora, viúva que morava na Rua da Igrejinha de tijolinho (Presbiteriana) próximo ao Moinho Cruzeiro, pediu a Violeta para que ela tivesse uma companhia e a Mãe ficou com pena dela e deu. Era interessante que toda vez que ela conseguia escapar, voltava lá para casa. Nós ficávamos tristes com a situação, pois ela demonstrava um carinho enorme para a nossa Família e queria ficar na nossa casa.

Certa feita, a cidade ficou infestada de gafanhotos. Aquele cenário ficou assustador, lembro-me bem desse acontecimento inédito! Chegaram ao centro da cidade como umas nuvens, devastaram lavouras inteiras. Não sei

de onde surgiram e que fim levaram!

As noites em Lages eram também cheias de vagalumes. Era um pisca-pisca sem fim, sempre achei encantadores, assim como de dia as cigarras com seus cantos estridentes. As crianças pegavam os vagalumes e esfregavam nas roupas que ficavam luminosas por algum tempo. Guardo no meu coração tudo com tanta saudade!

Ontem, dia 1º de agosto de 2013, foi o aniversário da Nicinha e da tia Dúsula, a qual completou 101 anos de idade, recorde na nossa família. Fui ao seu aniversário. Ela estava toda fofinha, sentada à mesa, em frente ao enorme bolo confeccionado por suas filhas Marlene e Jurema. Estavam presentes o Darci com Anita, Íris e família, tio Armindo e Toninho e esposa com um filho, Roberto e Marlene, Karen Lísia e Elaine, Marli da tia Dalila, Heitor e eu. Sempre entrando e saindo parentes que vieram comemorar os 101 anos de vida de minha madrinha e tia Dúsula.

Voltando à época de meus irmãos menores, a Gracinha nasceu quando o dia estava amanhecendo. Papai foi até o nosso quarto para mostrar o novo bebê! Meu Deus, como é que ninguém acordou com a chegada da parteira e nem com algum barulho? Só sei que nem sabia que a Mãe estava grávida. Pode? Aí o Papai sorridente com uma trouxinha em seus braços nos acordou e mostrou-nos entre mantilhas o rostinho do nosso bebê, a nossa Gracinha! Eu não dormi mais de tanta alegria! Fui à escola saltitando pela calçada, tão feliz, uma alegria incontida! A Gracinha foi o primeiro bebê que eu soube que havia nascido, os outros meus irmãos eu não me lembro do nascimento, somente de suas presenças no nosso meio.

Chegando ao Colégio Santa Rosa, eu participava a todo o mundo a novidade, ou seja, colegas, professoras e as freiras. Que dia maravilhoso! Contava o tempo para voltar para casa e ver melhor o nenê e pegá-lo no colo. Quando cheguei em casa, senti um doce cheirinho de chá de erva-doce. Como aquele aroma me fez bem... experimentei e achei uma delícia chá de erva-doce com leite de sítio, que sabor! Curioso que a Gracinha me disse, certa vez, que não gostava de biscoitos e nem de pão com erva-doce. Ela foi crescendo e logo nasceu a Nicinha, as duas logo ficaram quase do mesmo tamanho. É só ver nas fotos da época. Papai sempre gostou de crianças. Adorava o nascimento delas. Recordo-me do dia no qual a Nicinha nasceu. Ficou tão sorridente, tão doce o seu olhar!

Eu, nessa etapa da minha vida, estava mal nos meus estudos. Desanimei e fiquei doente com perigo de leucemia. Segundo o que eu ouvia, estava com

o sangue fraco, não lembro bem. Então, sem ir às aulas, sem ter muitas responsabilidades, dediquei-me aos meus irmãos menores e foi nesse período que ensaquei as roupas da Noemi. Quem ganhou com minhas longas férias escolares foram a Gracinha e a Nicinha. Dediquei-me de coração a elas. A Mãe me matriculou em aulas de costura, coitada, prestava atenção e se preocupava comigo. Foi nesse tempo que a Gracinha entrou no primeiro ano escolar. Desde o Jardim de infância, eu cuidava das duas, desde suas lancheiras, cadernos, tudo.

Naquela época, o material escolar era composto de penal (estojo de madeira onde se colocava a caneta a tinteiro), vidro de tinta, borracha, lápis normal e de cores, régua, lapiseira e uma sacola que se chamava pasta. Para escrever, tinha que ir molhando a pena da caneta no tinteiro. Isso era muito complicado. Escrevia-se no papel e, em seguida, usava-se o mata-borrão para secar a tinta, senão borrava tudo.



Mãe com o Zé e o famoso sapato



Colégio Santa Rosa de Lima.

Bem, agora era tempo de cuidar mais da Gracinha, por isso eu fiz o primeiro uniforme dela na sala de aula. Fiz só a saia pregueada com alças e pressão em uma das laterais da saia, não tinha costura, era pressão mesmo como é até hoje. Ela estudava à tarde. Então, pela manhã, era hora de fazer as tarefas. Eu ficava ao lado explicando quando necessário. Naquele tempo, não existiam apostilas, tinha que copiar a matéria do quadro negro e em casa passar a limpo, como se dizia do rascunho para o caderno de pontos. Lembro-me de arquipélago, istmo, ilha e outros conteúdos.

Era tudo desenhado e colorido em casa. Geografia era assim, aritmética por desenho de uma maçã, por exemplo,  $1/5$  partes, cortava-se a maçã em cinco pedaços e retirava-se um pedaço e deixavam-se as outras quatro partes restantes juntas. Foi assim que eu comecei a entender as frações. Eu explicava aritmética e ela ia decorando com minha ajuda as perguntas e as respostas de determinadas matérias. Dia de prova eu a acompanhava até a porta do colégio, e eu ia fazendo perguntas e ela ia respondendo. Desse modo, ia bem e tirava boas notas, pois aprendia entendendo as matérias. Nicinha foi crescendo e também iniciou seus estudos.

Nessa época, eu me vi sem amigos, burra, sem frequentar aulas. Com necessidade de mudar a situação, eu mesma tomei a iniciativa e voltei a

estudar no Colégio Santa Rosa. Já era para eu estar cursando o Normal, que era o que tinha para fazer na época. Estava, portanto, atrasada, porque havia parado de estudar. Eu tinha vergonha de aparecer de uniforme de ginásio – saía pregueada e com tiras nos ombros. Então, eu dava voltas enormes, longe do centro da cidade para chegar ao Colégio. Minhas novas colegas eram a Daura Duarte e Paula Ávila. Pode? Pois bem, enfrentei, e como elas eram do meu tamanho, eu voltei a ser normal como elas, parei de dar voltas, ia e voltava pelo centro da cidade. Foi a melhor época da minha vida de estudante. Estudava, mas agora gostava de estudar. Amadureci! Até com a Noemi cheguei a estudar. Como me fez falta alguém me ajudar no tempo preciso!

Agora vou falar da Dona Erondina, uma de nossas empregadas domésticas. Ela era uma senhora negra, tinha um filho pequeno chamado Nelson, natural de Palhoça-SC, separou-se do marido e veio para Lages. Trabalhou muito tempo na casa da tia Nita. Além de excelente pessoa, era muito trabalhadeira e caprichosa. Depois de alguns anos, saiu da casa da tia Nita e se ofereceu para trabalhar na nossa casa. Após vários anos conosco, resolveu voltar a viver com o marido e retornou para Palhoça.

Deixou o seu filho Nelson na nossa casa até mesmo para ver se dava certo o seu retorno. Nelson era uma criança muito querida, tinha uma deficiência mental leve, alguma dificuldade de aprendizado e convivia conosco como sendo da família. Não gostava muito de estudar, talvez pela dificuldade de entender as matérias dadas pelas professoras. De vez em quando, fazia molecagens, levantava pela manhã para ir à missa na Catedral e quando passava na frente da telefônica gostava de ficar repetindo o que a telefonista dizia: “alô, alô, alô... Itajaí, Itajaí...”, e ficava repetindo inúmeras vezes para conseguir fazer a ligação e depois passava para a pessoa na cabine ao lado. Como já falei, anteriormente, essas ligações eram feitas com telefone à base da manivela. Como na época as ligações eram quase sempre para Itajaí, onde havia grandes depósitos das maiores madeiras, que eram exportadoras. Quando Papai ia lá fazer as ligações, a telefonista ficava reclamando do Nelsinho. Ele era muito alegre e sem malícias. Ele era da mesma idade do Claudio e sempre andavam juntos, fazendo estripulias.

Às vezes, o Claudio também fazia das suas. Certa vez, a Mãe mandou que ele o levasse na barbearia do seu Lílico para cortar o cabelo. Lá chegando, o seu Lílico colocou o banquinho na cadeira, como sempre fazia quando ia cortar os cabelos das crianças, e, depois de ajeitá-lo, perguntou para o

Claudio qual o corte seria. O Claudio, muito sacana, disse: “Deixa só topete na frente e raspa o resto”. Ele odiava o topete, mas após sua indignação foi feito o corte. Saiu muito brabo de lá.

Na época, ainda, falava-se muito no Getúlio Vargas e na repercussão da sua morte. O Claudio era meio gordinho e o Nelson era negrinho e estavam sempre juntos, então, as pessoas começaram a chamar a dupla de Getúlio e Gregório.

Ele gostava muito de ir à matinê e assistir a filmes de bang-bang da época. Passados alguns anos, um belo dia, veio um senhor da cidade da Dona Erondina com uma carta para a Mãe, pedindo que entregasse o Nelson para que o levasse embora, pois ele deveria voltar para junto de sua verdadeira mãe. Quando ele soube do fato, fugiu de casa, não queria ir embora, uma vez que gostava muito da nossa família, que considerava como dele, mas a decisão do lado materno é a que valia. Então, a nossa Mãe mandou o Claudio buscá-lo. E sem consciência do caso, ele o encontrou no centro da cidade, na Praça João Costa, apoiado em um cartaz de filme dos cinemas. Levou-o para casa, sendo entregue para o tal senhor que o levou embora, nunca mais o vimos. Alguns anos mais tarde ficamos sabendo que ele havia falecido.

Como a nossa família era muito grande, era difícil parar empregada na nossa casa, era muito serviço. Éramos em oito irmãos mais o Pai, a Mãe e a tia Dina. Com certeza, não era tarefa fácil. Por isso, a Mãe procurava sempre pegar mulheres separadas/solteiras com filho, pois essas tinham a probabilidade maior de ficar no emprego, porque não era fácil conseguir emprego de doméstica com filhos.

Outra empregada que ficou vários anos na nossa casa foi a Maria com sua filha Elizabete. Esta acabou casando-se com meu primo Ênio, filho do tio Armindo. Teve mais uma que, também, ficou muitos anos conosco, que foi a Maria. Ela tinha uma filha e depois engravidou, tendo um outro filho na época que trabalhava na nossa casa.



Minhas Colegas de aulas



Minha Formatura - Professora Maria Teresa Waltrich

Noelci Maria Araldi de Oliveira

## Capítulo XII

## MÃE

Quando a Mãe falava que o Papai ia chegar, nós maiores pulávamos numa alegria intensa e cantávamos: “Belo, belo que vem Papai”. Ele chegava e a Mãe logo preparava seu jantar, bife na chapa, salada de tomate com cebolas refogadas no vinagre de vinho tinto e pão. A essa altura, já estávamos dormindo há muito tempo, porém acordávamos com o cheirinho de bife na chapa, toda a filharada maior, Noilves, Neuza e eu corríamos para o colo de Papai. Ele, muito carinhoso, cortava os bifés em pedacinhos e dava em nossas bocas. Depois, com beijinhos, mandava-nos voltar para nossas camas. Sempre foi amoroso.

Acordávamos muito cedo pela manhã e víamos o seu caminhão carregado e, sob a lona, sacos de laranjas, vergamotas, cachos de bananas, melancias, caixas com uvas e figadas. Quando viajava para Rio do Sul e outra cidade dessa região, também, trazia os mesmos produtos, sempre em grandes quantidades, pois a família era grande. Trazia palmito natural e até mesmo cana-de-açúcar.

Aos domingos, a missa era sagrada. No sábado, a Mãe, de vez em quando e em datas especiais, penteava os cabelos numa cabeleireira, a qual



se instalara na Rua Nereu Ramos, em frente onde hoje é a Galeria do Dr. Acácio. Voltava para casa com dois buclês ou todo o cabelo penteado para cima. Temos fotos que dá para constatar. Quanto a nós, suas filhas, fazia papelotes nos cabelos para, no outro dia, isto é, no domingo, pentear-nos e enfeitar nossos cabelos com laçarotes de fitas. Estamos também nas fotos. Como na época não havia escova, ela puxava os cabelos com o pente, mas doía.

Atrás: Mãe, Claudio, Noemi, Pai,  
Frente: Neuza, Noelci, José Aristides e  
Noilves

Ela sempre foi muito caprichosa, unhas pintadas de vermelho, às vezes, fazia permanente nos cabelos.

Ela mesma criava o modelo de seus vestidos com muitos detalhes e muitos botões. Para nós, era sempre surpresa. Sempre admirei seus sapatos altos, dos quais ela gostava muito! Minha Mãe era muito elegante.

A costureira mais antiga chamava-se Amélia, solteira e bonita, não sei por



que não se casou, morava perto do Correio, onde hoje é o Lages Hotel. Naquela região, havia muitas casas baixas, com janelas também baixas, que ficavam abertas o dia todo. Essa costureira fez vestidos lindos para a Mãe, ela mesma escolhia os modelos. Um era verde-água, todo de biquinhos, cada um com três botõezinhos, do joelho para baixo e terminava com babado em preguinhas deitadas. Esse está na foto em que a Noilves, eu, Neuza e Zé estamos com ela. Ela está penteada com todo o cabelo para cima. Outro era muito bonito, era lilás.

Atrás: Mãe e José Aristides.  
Frente: Noelci, Neuza e Noilves.

O verde-água era de seda fosca.

Aos sábados, após o seu banho, ela usava um quimono com figuras chinesas. Quando necessário, fazia misamplis, que eram mechas enroladinhas e presas com ladonas, hoje chamados de grampos. Para sair de casa, usava sempre sapatos de saltos altos e, ao chegar, escutava-se o toque-toque dos saltos no piso de madeira. Nossa Mãe foi uma heroína e muito elegante! Oito filhos, armazém, casa, quintal, onde ela fazia tudo, não esperava por ninguém.

Todos os anos, além de costurar enxoval para bebês, até certa idade, confeccionava nossas roupas. De vez em quando, punha-nos a praticar costuras na sua máquina Singer. Tal máquina, ainda, existe e está comigo na minha casa. Estou misturando assuntos, são tantas as lembranças... Ah, esqueci-me de falar de outra costureira de muitos anos, a Pierina Stuaní, prima do Papai, casada com o Rodolfo, o qual tinha sido motorista do caminhão do Papai. Ela é irmã da Nair, casada com o Orlando Passold. A

Pierina costurou para nós desde crianças, inclusive lingerie de enxoval de casamento. Depois de muitos anos morando na casa da Quintino Bocaiúva, mudamos para o Prédio do Bertuzzi na Rua Nereu Ramos e passamos a chamá-la de “Casa Velha”.

A mãe fazia tudo em casa, já escrevi essa parte. Bem, a Mãe tinha panelões para cozinhar sopa de agnolini. Ela mesma fazia a massa e ia mais de uma galinha e carne de gado para fazer os recheios. O recheio era uma delícia e a quantidade para cada chapeleto era a medida de uma colher de café. Nesse recheio, a Mãe caprichava! Primeiro, ela colocava um panelão com água, depois, quando iniciava a fervura, ela colocava os frangos ou galinhas, sempre mais de uma e um bom pedaço de carne de gado sem gordura; em seguida, todo o tipo de tempero, cebolas iam inteiras, depois, antes que se desmanchassem, eram retiradas e servidas ou temperadas com vinagre de vinho tinto. Sálvia era imprescindível – infalível! Temperos verdes amarrados e muita noz-moscada raspada, digo cortada com faca. Depois de cozidas as galinhas, ela dava para nós as ovas que estavam dentro das aves. Os tamanhos eram variados. Em seguida, eram passados, na máquina de moer carne, os frangos, as galinhas e a carne de gado cozidos. Colocava tudo dentro de uma bacia e adicionava mais noz-moscada, queijo parmesão, um pouquinho de cravo, um punhado de farinha de rosca, feita de pão caseiro moído, o sabor era muito melhor, pimenta e sal a gosto.

Era tudo natural, os miúdos das galinhas e os peitos é que eram moídos juntamente com a carne de gado. Ela dava uma colherinha do recheio para nós experimentarmos e perguntava se estava bom. Fazia uma bola com o recheio e ia lidar com a massa. Depois de amassar o trigo e os ovos, ela esticava a massa obtida com um rolo grosso e comprido, próprio para essa atividade, pois em casa de italiano não podia faltar tal acessório. A Mãe esticava a massa igual à Vovó, pois aprendera tudo com ela! Com uma carretilha, cortava em tiras largas e após recortava-as em quadrados e com duas colherinhas ia colocando os recheios para, em seguida, fechar e formar os chapeletes, como dizíamos. Na hora certa, esses agnolinis iam para o caldo do panelão em ebulição. Na época, o fogão era a lenha, muito mais acolhedor! Depois de pronta, a sopa era servida com queijo parmesão ralado e pão caseiro.

Além dos Agnolinis, também eram feitos em casa os tortéis. A massa era a mesma, as tiras mais largas, pois eram maiores. O recheio era feito com morangas. Cozinha-se uma moranga grande “enxuta” como dizia

a Mãe. Depois era raspada a casca com uma colher, acrescentava-se no recheio: moranga cozida amassada, queijo parmesão ralado, noz-moscada, sal, pimenta e farinha de rosca.

A Mãe colocava um panelão com água e com galinha para cozinhar. Numa travessa de louça, ela ia colocando tortéi, molho, queijo parmesão, preparava assim duas ou três camadas. Como a família era muito grande, preparava mais de uma travessa. Os tortéis eram servidos com maionese e salada verde com cebola refogada no vinagre tinto.

A querida tia Dina, irmã da Mãe, que morava conosco, também participava de tudo conosco (seu verdadeiro nome era Etelvina Josephina, mas nem pensar chamá-la por tal nome). Saudade dela, tão dedicada a nós. pedíamos: “Tia Dina, faz creme de laranja? Tia Dina, faz bolinho?” Nunca teve preguiça de nos servir... Saudades das bananinhas fritas...

Quando meu filho Alexander nasceu, ela sentiu-se avó... Como se apegou a ele! Depois ao meu neto, Alexander Filho. Fez a festa do primeiro ano do Alex Filho. Comprou todo o enxoval dele quando bebê. Temos uma foto dessa ocasião, nela estão cinco gerações da Família:



Vovó Berenice, Papai, Noelci, Alexander e Alexander Filho.

Tia Dina teve séria depressão e precisava de Psicólogo. Nem se falava de Médico dessa área naquela época e nós éramos crianças. Com o passar do tempo, ela se curou.



Tia Dina

*Capítulo XIII*

## COMPRA DE PINHAL E INÍCIO DAS SERRARIAS

Passados alguns anos, já estabilizado nos negócios, apareceu uma oportunidade e Papai comprou um pinhal perto da localidade chamada “Pedras Brancas”, do senhor Fortunato Muniz. A seguir, construiu uma serraria e trouxe, do Rio Grande do Sul, parentes para trabalhar com ele. Foi outra etapa em que conhecemos nossos parentes por parte da Mãe. Os primeiros a chegarem foram o tio Ermindo, único irmão da Mãe, casado com a tia Irma, e seus filhos Iraci, Juraci, Antenor, Lauci Antônio, Maria Hilda e o mais novo Ério Paulo. Logo que chegaram, foram morar na serraria. Mais tarde Papai trouxe, também, o seu cunhado, tio Luiz Dalamico para trabalhar na mesma serraria. Ele era casado com a tia Olga, irmã mais velha da Mãe e tinham na época 4 filhos: Elir, Darci, Íris, Gessir. O Lauci, nasceu mais tarde, quando já estavam morando em Lages.



Da esquerda para a direita: Antenor, Juraci, Tia Irma, Tio Ermindo, Maria Hilda e Iracy.



Tio Ermindo, Lauci e Tia Irma.

Nos períodos de férias, nós íamos de caminhão para as casas dos nossos tios na serraria. Às vezes, com a tia Olga, outras vezes, com a tia Irma. Como era gostoso. No inverno, geava e nós crianças andávamos descalças por tudo. Havia bicas que transportavam a água, ao ar livre, que saía da fonte e chegava às cozinhas e aos tanques de lavar roupas. Eu acompanhava minhas primas por todos os lugares, após ajudar nas tarefas de casa, enxugava louças e outras atividades. A tia Irma costurava à máquina. Certo dia, fez para a

Noilves um aventalzinho. Eles tinham um papagaio que falava muito e era muito engraçado, ele aprendia o que ouvia e dizia palavras ... Filho da..., entre outros. Cantava, assobiava, andava solto por lá... Não me esqueço da resina que saía das toras de pinheiros, nós a retirávamos e brincávamos como se fosse massinha com as quais hoje as crianças brincam. Nós amassávamos tal massinha e puxávamos e ela passava de marrom para uma cor amarelada, parecia um puxa-puxa de mel. Às vezes, grudava nas mãos e nas roupas. Certa vez, trouxe para casa a minha porção e, para não me roubarem, eu dormi com ela nas mãos. Amanheci com as mãos grudadas uma na outra e tinha que ir à aula. Não lembro, mas acho que faltei à aula nesse dia.

Junto com o tio Ermindo, veio, também, o seu concunhado Mario Belaver, casado com Dona Odila, irmã da tia Irma. Ele também tinha grande experiência com serraria.

Alguns anos depois, Papai comprou outro pinhal e construiu outra serraria. Nós chamávamos esta serraria de “fita”, porque tinha uma tecnologia diferente da outra das Pedras Brancas, o sistema do corte da madeira era realizado com uma serra tipo uma fita. Então, a família do tio Luiz foi morar lá.

Criança perambula por tudo, por isso me lembro do cheiro da serragem das madeiras cortadas, das pilhas enormes de toras de pinheiros araucárias, e das cascas dos pinheiros que sempre enviavam para nossa casa para misturar com a lenha e ter maior durabilidade o fogo do nosso fogão.

No início, o responsável pela serraria das “Pedras Brancas” era o tio Ermindo e depois, com a vinda do tio Luiz, a responsabilidade era dividida entre os dois. Na mesma época, veio, também, do Rio Grande do Sul para a serraria das Pedras Brancas o seu Adelino Salamão, que era irmão da tia Irma. Ele era casado com a Dona Assunta e tinha vários filhos: Mario, Felix, Ari e não lembro o nome dos outros, se eram homens ou mulheres, mas todos os filhos homens trabalhavam com ele. Quando vieram do Rio Grande do Sul, trouxeram umas juntas de bois e arrendaram o serviço de corte de toras. Foram construídas várias casas para os empregados. A do tio Ermindo era em um lugar plano, próximo à serraria, a do tio Luiz era mais no alto, era uma das primeiras casas quando se chegava na serraria. Ao lado da casa, foi construída uma escolinha. Quando o Papai construiu a outra serraria, de fita, o tio Luiz foi morar lá e ficou o seu responsável. Com a ida do tio Luiz para a serraria da fita, o seu Salamão foi residir na casa onde ele havia morado.

O seu Salamão era muito trabalhador, apesar de ter o punho, se não

me engano o esquerdo, amputado, fazia com uma mão só o que muitos não conseguiam fazer com as duas. Era um “touro” para trabalhar!



Tia Olga



Tio Luiz Dalamico

De vez em quando, Papai e Mãe iam para a serraria e faziam baile como nos tempos de solteiros, nós meninas, sentávamos para assistir. Não esqueço das vezes que alguns empregados iam nos tirar para dançar, dava-me uma raiva. Eu não gostava.

Na casa da tia Olga, a Elir e a Íris cuidavam da casa juntamente com a tia. Eu só ajudava a arrumar as camas e estava sempre pedindo pão de mel para a tia Olga. Como era gostoso o seu pão. Ela e a tia Irma me chamavam de Noelci Maria como o Papai.

Lembro-me do cheiro de madeiras ou da serragem e do barulho da serra, serrando as toras, e do barulho do empilhar as tábuas. À noite, lavavam-se os pés em gamelas, e dormia-se nos pés da cama não sei de quem.

Comíamos pinhão assado ou cozido em panelas. Íamos, também, para o mato comer frutas silvestres. Ficava observando, também, a Íris e a Elir lavarem roupas no tanque que corria água da bica.

Como estava falando, Papai comprou outro pinhal, adiante da Serraria Pedras Brancas, perto da Serraria dos Verza e Pratense, e montou nova serraria no terreno do seu Casemiro com uma serra fita, melhor que a das Pedras Brancas. O tio Luiz mudou para lá, separou-se do tio Ermindo. O local era muito bonito. Construíram, além da serraria, várias casas populares para abrigar os empregados. Para o tio Luiz e a tia Olga, Papai construiu uma casa maior, com dois pisos: na parte de cima, ficavam os quartos dos meus primos, embaixo, ficava o quarto dos tios. Tudo em ordem, pois levantavam cedo e a arrumação era rápida. Como sempre eu ajudava na tarefa de arrumar as camas e de varrer a casa. A tia fazia o almoço, a Elir e a Íris ajudavam fazendo pão e lavando as roupas. O tio comandava a serraria,

pois era o gerente.

Para ajudar na construção da serraria, Papai contratou o seu Gasperin, que, também, veio do Rio Grande do Sul, e, como sempre, todos que iam trabalhar para o Papai e vinham de fora se hospedavam nos fundos da nossa casa. Mais tarde, veio seu filho Claudino para trabalhar na serraria e ficou por longos anos. Quando o tio Ermindo veio para trabalhar na serraria do Papai, trouxe seu sobrinho Carlos que morava com ele. Algum tempo depois, passou a trabalhar como motorista de caminhão, que transportava toras do mato para a serraria e madeiras serradas da serraria para a cidade. Certo dia fiquei sabendo que havia casado e foi morar numa das casas novas, tudo novo, paineleiros, louças... Carlos, alguns anos mais tarde, passou ao transporte rodoviário, dirigindo uma das carretas da frota do Papai. Trabalhou conosco durante muitos anos e sempre teve o maior carinho pelo Papai e nossa família.

A serraria funcionava a todo o vapor, pilhas e mais pilhas de tábuas distribuídas em vários pacotes conforme suas bitolas. O pátio lotado de toras.

Papai mandou construir uma casa enorme de madeira, é claro, para nossa família. Na parte de cima, os quartos com prateleiras de madeira para roupas, e, na parte de baixo, também havia uns quartos e demais peças como cozinha, sala... O dia em que inauguramos a casa foi inesquecível. A Genofa fez uma sopa de feijão tão deliciosa, que eu dizia em voz alta: “Eu quero enjoar dessa sopa, de tanto que eu gosto”. Papai respondia: “Você deve dizer o contrário se é que tanto gosta”. Eu dizia: “Não Papai, eu quero enjoar, senão tomo demais”.

Papai sempre querido, dando-me atenção pelas minhas bobagens. Ficamos naquela casa somente naquelas férias e não ficamos mais, não sei o motivo.

Às vezes, íamos espiar a serraria, era um barulhão. Certa vez, a Marlene da tia Dúsula foi conosco e passamos o tempo todo brincando de casinha com bicas de água e tudo o mais.

Papai, sempre quando estava lá, à noite lavava os pés em uma gamela e pedia para lavarmos para ele. Quando íamos enxugar, ele dizia que ainda não estava pronto, pedia “mais um pouquinho”. Quem não gosta de uma massagem nos pés depois de um dia cansativo? O local da serraria, como já disse anteriormente, pertencia a um senhor chamado Casemiro. Não sei se o pinhal o Papai tinha comprado dele ou não! Às vezes, aparecia na cidade

e se hospedava lá em casa, isto é, na casa dos fundos, onde havia um quarto para hóspedes. À noite, ficávamos ao redor da mesa da cozinha, que era comprida, e esse senhor contava “causos de bandidos e de assombrações”. Nós, crianças, em silêncio, prestávamos atenção e sentíamos muito medo. Depois de uns desentendimentos, nunca mais apareceram na nossa casa.

Quando Papai comprou o pinhal da fita, teve que convidar seus irmãos da Comercial Araldi como parceiros, pois os valores eram muito elevados e ele ficou com medo de não poder pagar. Mais tarde se arrependeu, porque viu que seria possível. Depois de alguns anos, os irmãos resolveram cortar seus pinheiros e fizeram um acordo com Papai para cortá-los “às meias”, mas depois de algum tempo parece que não deu mais certo, não sei bem o que aconteceu... coisas de sociedades.

Os anos foram passando e, de repente, Papai resolveu fazer uma fábrica de cabos de vassouras embaixo da nossa casa, na parte dos fundos. O tio Luiz foi encarregado de gerenciá-la. Essa fábrica trouxe mudanças na nossa rotina. Só sei que quando estávamos no bom do sono, acordávamos com aquele barulho intenso e ensurdecido do torno, cabeçotes e lixadeira dos cabos de vassoura. Grande era o esforço para amarrar aqueles pacotes de cabos de vassoura. Colocavam-se os cabos numa armação em forma hexagonal e devia-se compactá-los e amarrá-los com arames. Esses pacotes eram empilhados e, posteriormente, carregados para vários Estados e até mesmo exportados.

Mais tarde, Papai transferiu a fábrica de cabos de vassouras para junto das fábricas de caixas, de beneficiamento e de depósito de madeiras na Rua Fausta Rath, no Bairro Coral. Essa mudança facilitou muito para o tio Luiz, porque nessa época ele estava morando ao lado da fábrica.

Lembro-me do tio Luiz trabalhando, embrenhado na amarração de cabos de vassoura, sempre com seu velho chapéu na cabeça.

Com a instalação da fábrica de cabos de vassoura, começaram os montes de serragem que se avolumavam ao lado do terreno que tinha uma grande depressão e, aos poucos, foi enchendo, até quase emparelhar. Passado algum tempo, Papai teve que construir um forno enorme que, com um exaustor, queimava montanhas de serragem, agora não somente dos cabos de vassoura, mas igualmente das caixas que eram beneficiadas – tomate, melão, uva e tantas outras.

O trabalho dos meus tios foi árduo. O tio Ermindo na serraria das Pedras Brancas, e o tio Luiz na fita e depois em Lages.



Tio Ermindo e tia Irma – 71 anos de casados.



Da esquerda para a direita: Maria Hilda, Iracy, Juraci, Tia Irma, Tio Ermindo, Antenor, Verônica. Atras: Rubia. Na Frente: Thais.

*Capítulo XIV*

## MINHA ADOLESCÊNCIA

Na minha adolescência, apesar de ter temperamento tímido, sentia-me feliz. Até então, eu não tinha um bom rendimento escolar. De repente, fui amadurecendo e tive a necessidade de estudar e de ter amigas. Nessa época isolada, sem estudar, um dos motivos era desânimo, outro é que estava com anemia. Desde a tenra idade adoecia. Certa vez, fiquei isolada no quarto da Mãe e do Papai. Os talheres separados, era alguma coisa contagiosa e era na garganta. Nós crianças passamos por epidemias tais como: gripe asiática, - esta foi terrível – dor no corpo todo, era contagiosa, todas as crianças ficaram acamadas. Tudo isso me prejudicou muito, por essa razão meu desânimo, mas fui gradativamente me equilibrando mentalmente.

Apesar de atrasada no colégio, recuperei amadurecendo, superei e retornei aos estudos novamente. Acabei sendo uma das melhores alunas neste meu retorno.

No período em que dei uma pausa nos estudos, dediquei-me a Nicinha, Gracinha e a Bete da Maria que morava na nossa casa.

Pensei, enquanto cuidava das meninas vou ajudá-las.



Eu soprando  
bolhas de sabão



Jogando peteca com Papai

Noelci Maria Araldi de Oliveira

*Capítulo XV*

## NAMORO E NOIVADO\*

Eu nasci na localidade Santa Clara do Ingaí, 4º. Distrito de Cruz Alta-RS, nesse local meu Pai arrendou terras para plantio de trigo, arroz d'água, milho e soja. Nessa época, eu já com 12 anos ajudava na plantação. Passados alguns anos, meu Pai arrendou terras em Ijuí e continuou as plantações, agora também com cana-de-açúcar. Morei em Ijuí até servir o Exército.

Após 3 anos de Exército, vim morar em Lages para trabalhar como sócio do meu cunhado Darci Baggio, que tinha um bar no centro da Cidade, o antigo e famoso Bar do Japonês.

Nessa época, a Noelci morava no Edifício do Bertuzzi, na Rua Nereu Ramos e ela recém tinha terminado o namoro com o Miretto. Eu morava juntamente com a família da minha irmã Antonina no Edifício Santo Amaro, cuja frente era para a Rua Quintino Bocaiúva e a sua lateral dava para a Rua Nereu Ramos, em frente do apartamento onde residia a família da Noelci.

Da sacada do meu apartamento, comecei a observar que todos os dias que ela saía de casa para ir à Catedral, onde dava aula de catequese e comecei a me interessar por ela.

Um dia, eu estava na sacada do meu apartamento, conversando com Antonina e vi a Noelci saindo do seu prédio com uma amiga, e perguntei quem era aquela guria. A Antonina me falou: “é a Noelci, filha da Dona Elsa e não é para o teu bico”. Eu falei que só queria falar com ela.



Cláudio e Heitor

*\* Este Capítulo foi escrito pelo Heitor*

Certo dia eu estava descendo a Rua Nereu Ramos em direção da minha casa, quando vi a Noelci passando próximo e derrubou um livro, eu, prontamente juntei-o e lhe entreguei. Então, aproveitei a oportunidade e convidei-a para no outro dia passear no Parque do Tanque. Ela me disse que no outro dia iria na missa das 17 horas, na Catedral, e convidou-me para ir com ela e eu aceitei no ato. No outro dia, fomos juntos à missa.

Alguns dias depois fui à sua casa para convidá-la para jantar no Pandolfo, era um restaurante recém-inaugurado, que ficava na BR 116. Fomos eu, ela, Noemi, Antonina, Darci, Paulo Cesar e o Marcos. A partir daí começamos a namorar e depois de 1 ano e dois meses, noivamos.

Quando fui pedir para noivar com a Noelci fiquei dois meses treinando o que eu iria dizer...Seu José, Dona Elsa.... Até que chegou o dia. Bem no dia e hora que fui pedi-la em noivado, chegou a Vovó Berenice, aí Noelci interveio e falou para ela que eu estava ali para pedi-la em noivado, então, convidou-a para que entrasse na sala junto com o Seu José e Dona Elsa.

Depois que eles entraram na sala, conversamos um pouco, enchi-me de coragem, tirei as alianças do bolso e a pedi em noivado. Depois do SIM, marcamos a data do casamento para o dia 18 de setembro de 1965.



Eu e o Heitor com a Antonina e o Darci

*Capítulo XVI*

## CASAMENTO

Conheci o Heitor no dia em que fui com a Neuza na Antonina e ele estava lá, Fomos apresentados e depois de alguns dias, ele me convidou para um jantar com sua família. Depois de mais de 2 anos, entre namoro e noivado, casamos no dia 18 de setembro de 1965. O Casamento foi na Catedral de Lages e a solenidade foi realizada pelo Bispo Dom Daniel Ostin, e os convidados foram recepcionados na Sede da Associação Caça e Tiro.



Don Daniel Ostin celebrando o Casamento

Tínhamos combinado de passar a “Lua de Mel” no Hotel Samuara em Caxias do Sul-RS, mas na época estava chovendo muito e acabou caindo a

a ponte do Rio Pelotas, divisa de Santa Catarina com o Rio Grande do Sul, impedindo de realizarmos o nosso desejo. Acabamos indo para Curitiba-PR.

Quando voltamos da Lua de Mel, fomos morar na Rua Cel. Serafim de Moura, no prédio construído pelo tio Armindo. Ficamos morando lá até que nos mudamos para a casa da Rua Fausta Rath, que era na frente da fábrica do Papai. Nessa época, o Heitor já estava trabalhando na fábrica com o Papai, o que facilitou muito para nós. O Papai havia construído a casa para Neuza e o Toni morarem, mas como eles trabalhavam no centro da cidade e a casa estava situada muito longe, acharam por bem residirem mais próximos dos seus trabalhos e foram morar na “nossa casa velha”, bem no centro da Cidade.



Casa na Rua Fausta Rath

Antes do casamento, consultei com um médico que me falou que talvez eu tivesse algum problema para engravidar e que poderia precisar de tratamento. A Neuza me acompanhou nesta consulta, voltamos muito tristes para casa, mas logo esquecemos. Tanto que nove meses depois do casamento no dia 20 de junho de 1966, nasceu o nosso primeiro filho, Alexander, primeiro neto de José e Elsa.

Do casamento, nasceram os meus três filhos, Alexander, Giovani e Rodrigo.



Eu, Heitor e meus filhos: Giovani, Rodrigo e Alexander.

Após alguns anos de casamento, já com os filhos crescidos, resolvi estudar novamente, e comecei com o CURSO DE ATUALIZAÇÃO PERMANENTE NA UNIPLAC.

Trabalho de Aula de Literatura com Professora Danusia Interpretação de texto: Arrumar a casa e equilibrar o espírito

Texto de Jean Claude Kaufmann:

Este texto provocou em meu ser, prazeroso borbulhar de lembranças. O passado veio à tona!

Na infância, questionava o comportamento humano, asseio, ordem, eram as exigências.

De minha parte, por ser criança, havia certa resistência.

Percebia a “lufa-lufa” diária, família numerosa, quase tudo feito em casa por minha Mãe, desde o pão assado em forno de rua, enxoval de bebê, roupas em geral, atendimento estressante do armazém, instalado na parte térrea da nossa querida “velha casa”.

Como distinguia os cheiros! Os sons! Estes eram prenúncios de domingos ou a volta de nosso Pai, de suas longas viagens a negócios.

Naquele tempo, não havia televisão, as horas eram partilhadas no aconchego do lar, entremeadas de trabalho, por ação, lazer no imenso quintal e calçadas de nossa rua.

Surgiu, como por encanto, a adolescência, uma mescla de prazer e necessidade de eu mesma cuidar de meus pertences. Foi a etapa do perfeccionismo, que durou até os primeiros anos do meu casamento.

Herdei temperamento, adquiri hábitos. Essa bagagem somada as de meu marido, formaram as características de nossa Família.

Hoje, no nosso dia a dia, os cheiros da cozinha não são mais exalados pelo fogão a lenha e com avanço da tecnologia os sons, aqueles sons do “Repórter Esso”, as músicas sertanejas da Rádio Clube, cederam espaços à televisão.

Os costumes diversificaram, em parte, sem perda de nossas raízes, expressam nossos sentimentos, atitude de apreço, partilha e doação de vida. Arrumar a casa para mim é além das obrigações domésticas, é cultivar o espírito, é ter a consciência em paz. Adoro ornamentar, tenho o prazer em servir a minha família e amigos.

Apraz-me igualmente, acolher grandes escritores, suas obras, enriquecem e alimentam o intelecto, aprimoram a vida, a exemplo de Jean Claude Kaufmann.



Meu aniversário - 25 de março de 2000 - 58 anos.

*Capítulo XVII*

## AS FAMÍLIAS DOS MEUS FILHOS

### ALEXANDER ARALDI DE OLIVEIRA

ALEXANDER nasceu em Lages-SC, no dia 20 de junho de 1966, onde passou a sua infância e adolescência. Em 1987, foi residir em Porto Alegre-RS.

Em 1993, formou-se médico na Faculdade de Medicina da Cidade de Rio Grande-RS e fez Residência Médica em Anestesiologia no Hospital Celso Ramos de Florianópolis.

No final de 1998, fixou residência na Cidade de Criciúma-SC, participando como Membro do Corpo Clínico do Hospital São José e Hospital da Unimed.

O Alexander é casado com Raquel Lopes e tem uma filha, Alexia Lopes Araldi, tem dois filhos do primeiro casamento com Tânia Burigo, Alexander Araldi de Oliveira Filho e Diego Araldi de Oliveira.

Meu neto, Alexander Araldi de Oliveira Filho é casado com Ana Luísa Vassoler e tem duas filhas, Isis e Beatriz.



## GIOVANI ARALDI DE OLIVEIRA

Giovani nasceu no dia 07 de julho de 1967, em Lages-SC., casado com Fabíola e tem três filhos, Gabriel, Gustavo e Geórgia. Atualmente, reside em Vila Velha-ES.

Formou-se em Comércio Exterior e logo após, fez MBA em Gestão Comercial pela FGV, ambos em Curitiba-PR, onde morou por 28 anos e formou sua Família.

Atua há mais de 23 anos no setor de rochas ornamentais, onde é Diretor Comercial em uma empresa de extração e industrialização de mármore e granitos, que exporta para os principais mercados mundiais.



Casamento de Giovani e Fabíola



## RODRIGO ARALDI DE OLIVEIRA

Rodrigo nasceu em Lages-SC, no dia 26 de janeiro de 1974 e, muito jovem, foi residir na Cidade de Curitiba-PR, juntamente com seu irmão Giovani. Formou-se em Comércio Exterior e, atualmente, é proprietário da Empresa de Logística e Comércio Exterior chamada SWS Logistics, e Comércio Exterior chamada SWS Logistics, com mais de 20 anos de mercado e abrangência internacional. Casado com Bruna Venturi Araldi de Oliveira, Advogada e com forte atuação na área penal e júri. Eles têm um casal de filhos, Lorenzo e Martina.



Rodrigo, Bruna, Lorenzo e Martina

Noelci Maria Araldi de Oliveira

*Capítulo XVIII*

## OUTROS NEGÓCIOS DO PAPAÍ

Quando me casei, fui morar no edifício construído pelo tio Armindo na Rua Serafim de Moura. Mais tarde, eu e Heitor passamos para a casa na qual o Papai havia construído para a Neuza quando ela casou. Nesse local, estamos até hoje. Quando viemos morar nessa residência, o Giovanni tinha seis meses.

Na época, o depósito de madeira do Papai ocupava todo o terreno com exceção de onde havia os barracões. Além do nosso terreno, o depósito se estendia por quase toda a Rua Fausta Rath, ocupando terrenos na Rua Maranhão, Brasília e, também, atrás da nossa fábrica, este alugado do senhor Mingotinho. Naquela época, não existia ruas separando estes terrenos. Havia pilhas de madeira por todos os cantos. Mais tarde, o senhor Mingotinho loteou o seu terreno e as pilhas de madeira foram transferidas para o terreno dos fundos da nossa casa, ocupando quase até a outra rua, que era paralela a nossa. Era uma imensidão de madeiras que não acabava mais, tendo aproximadamente um estoque de 5 a 6 mil dúzias de madeiras.

Nessa época, a fábrica ia de “vento em popa”. Papai juntamente com o Zé chegaram a comprar nove carretas Scania Vabis para poder transportar a produção das fábricas. Era uma imensidão de pacotes de cabos de vassouras, caixas de tomates, uva, melão e outros tipos que nem sei. Isso sem falar nas madeiras que eram transportadas para todos os Estados desse País.

Lembro-me de algumas pessoas que trabalhavam na fábrica e no depósito de madeiras. Com a ajuda do Heitor vou enumerá-las: Gerci, que era o Gerente de produção; José Martins, laminador (afiador de serras); João Almeida, responsável pelo depósito de madeiras; Célio; Hildo (vou fazer uma consideração aqui: era humilde, trazia diariamente lenha mesmo sem pedirmos; nos fins de semana, bebia um traguinho e, às vezes, aparecia em casa e chamava o Heitor de pai. Foi ele quem socorreu o Alexander quando foi atropelado por um carro na frente da nossa casa. Tínhamos muito carinho por ele), continuando, o Celino; Roque; Chico; seu Oliveira, este era de mais idade juntamente com seu Juvenal; o Orli, que segundo o Heitor, era um dos melhores funcionários, carregador de serragem para o forno;

Lelé; Joel; seu Luiz; o Pedro Martins, que era o guarda da noite, irmão do laminador; Valdemar; Vilmar; seu Antônio, que era o serrador. E, por fim, o Celino que também era serrador.

Na fábrica, havia duas serra-fitas, que desdobravam as pranchas de madeiras, transformando-as em tábuas, sendo classificadas em 1<sup>a</sup>., 2<sup>a</sup>. e 3<sup>a</sup>. As de 1<sup>a</sup>. tipo exportação, eram vendidas em dúzias; as de 2<sup>a</sup>. eram transformadas em caixas de maçãs, tomates e uvas, sendo vendidas nas cidades paulistas, principalmente para Indaiatuba, que era a grande produtora desses produtos. Mais tarde, começou a produção de engradados de cervejas das marcas Antartica e Brahma. Tais engradados eram encomendadas e produzidos com madeiras de 1a. Para isso, foram criados setores de pinturas dos logotipos dessas marcas, dando-se a secagem da tinta com estufas. Devia-se pintar o logotipo nos dois testeiros dos engradados. Dessa forma, e com o crescimento dos negócios, passou de média para grande empresa com mais de 200 funcionários. Os testeiros eram feitos com trabalhos meticulosos, pois havia grande exigência dessas Empresas.

A fábrica, também, era dividida em vários setores como extração de toras, corte de toras, descascamento de toras, transporte das toras do mato para a serraria, serragem de toras, gradeação de tábuas, transporte das madeiras da serraria para a cidade.

Foram contratados guardas para cuidarem do depósito e da fábrica. Contrataram-se, também, várias pessoas especializadas para as mais diversas modalidades de produção, ou seja, por produção, por dúzia, hora de trabalho, tarefas e mensal.

Como foi dito anteriormente, por necessidade, deu-se a compra de uma frota de caminhões para transportar todos os produtos fabricados pela Empresa. Inicialmente, foi comprado um caminhão Alfa Romeo, que depois entrou numa troca por uma carreta Scania Vabis, seguindo-se com mais oito no total. Para isso, houve a necessidade de formar uma nova Empresa chamada de TransJoaraldi. Esse nome se deu em razão de já existir a Transportadora Araldi, que era do tio Armindo.



Frota de caminhões da TransJoaraldi

Os motoristas eram o Carlos Mabilia Neto, já citado quando falei da serraria Fita, que veio para Lages com 15 anos, junto com a tia Irma, também sua tia, para trabalhar com o Papai. Os outros eram o Sadoc Alves Ribeiro, Bilton Alberto Pontello, Ângelo Heitor Rocha, Erminio dos Santos, Ivandel Gonçalves de Lis, Rui José Araldi, Antônio Puerari, Hélio de Souza, José Rocha, José Balancin e Graxaim. A maioria começou a profissão de motorista nas nossas serrarias.

#### **Equipe que trabalhou na Fábrica e no depósito de madeiras:**

##### **Diretoria**

Diretor Presidente – José Araldi

Diretor Gerente – José Aristides Araldi

Diretor Comercial e RH - Heitor Medeiros de Oliveira

##### **Contabilidade**

Salvador Rocca Ortuño

Francisco de Assis Martins Dutra

### **Auxiliar de escritório**

Milton Scheur

Itacir Farvesani

Danilo Dutra – estagiário

Álvaro Dutra – estagiário

Joanina Maioli

### **Arquivistas**

Isabel

Carlos Arruda

Ângela

João Silva Madruga

Francisco Ronska

Papai terminou com o negócio de armazém para se dedicar às serrarias, mas, interiormente, sempre ficou a vontade de um dia retornar ao seu antigo negócio. Em 1974, depois de vender um lote de madeiras e com dinheiro disponível, resolveu retornar às atividades com atacado de cereais. Alugou toda a parte de baixo da casa do tio Lídio, seu cunhado, casado com a tia Tereza. Era um local amplo, que tinha sido construído para ser a distribuidora de bebida da Antártica.

Montou toda a estrutura de funcionamento e, bem abastecido, junto do Heitor iniciaram o negócio. Formou uma equipe de vendas, que atendia aos clientes donos de mercadinhos de todos os bairros e dos lugarejos do interior de Lages. A equipe de funcionários era constituída pelos seguintes colaboradores: Arno Rosa, Airton, Amilton Rosa(gêmeos), João Velocino dos Santos Pereira, Oscar dos Santos Pereira, Solimar Rocca Ortuño, Ralf Rocca Ortuño, Gilson Dalfarra, César Araldi entre outros. Os Motoristas: Jarbas Lima, Celso de Oliveira Córdova, Renato Córdova e João Matos.

*Capítulo XIX*

## CURIOSIDADES NA VIDA DE PAPAÍ

Papai era muito amigo do escritor Lageano Guido Wilmar Sassi, funcionário do Banco do Brasil, sendo presenteado por tal escritor com um exemplar de um de seus livros de contos “Amigo Velho” no dia 5 de setembro de 1957. Esse presente foi autografado. À época, morávamos na Rua Quintino Bocaiúva, 34, aqui em Lages-SC.

O assunto desses contos, nesse livreto, refere-se aos madeireiros sobre o pinheiro Araucária.

Certo dia, Papai me falou sobre esse escritor e sobre seu livro “Amigo Velho”, porque eu falara que minha professora de literatura Danusia Silva o mencionara.

Na época que eu soube a respeito, cursava “Atualização Permanente” para adultos na Universidade Uniplac. Danusia resumiu o Conto, e Papai falou-me sobre o “Personagem do Conto” José Moca. Farei um resumo do assunto:

Dados sobre o Personagem do livro “Amigo Velho” do autor e escritor Guido Wilmar Sassi. Esses dados foram fornecidos por meu Pai José Araldi, pois conheceu, pessoalmente, o senhor José Moca.

Papai conheceu o José Moca na Cidade de Lages em 1942, pois ele era freguês do armazém. Tal senhor tinha um sítio ou morava “de favor” no sítio, juntamente com a sua família, em frente à Capela de Santa Terezinha na estrada que vai a São José do Cerrito.

Na década de 50 a 60, passou a residir com sua esposa numa casa na Rua Fausta Rath, alugada do seu Maurício Córdova. A casa ficava bem em frente à nossa fábrica. Papai passava diariamente por lá e, frequentemente, batiam um papinho. Certa vez, seu José chamou o Papai para contar que quase havia morrido quando expeliu um cálculo renal, uma pedra marrom, do tamanho de um ovo, que foi aparada num penico. Tirou do bolso a pedra e lhe mostrou. Papai ficou muito admirado com a história contada.

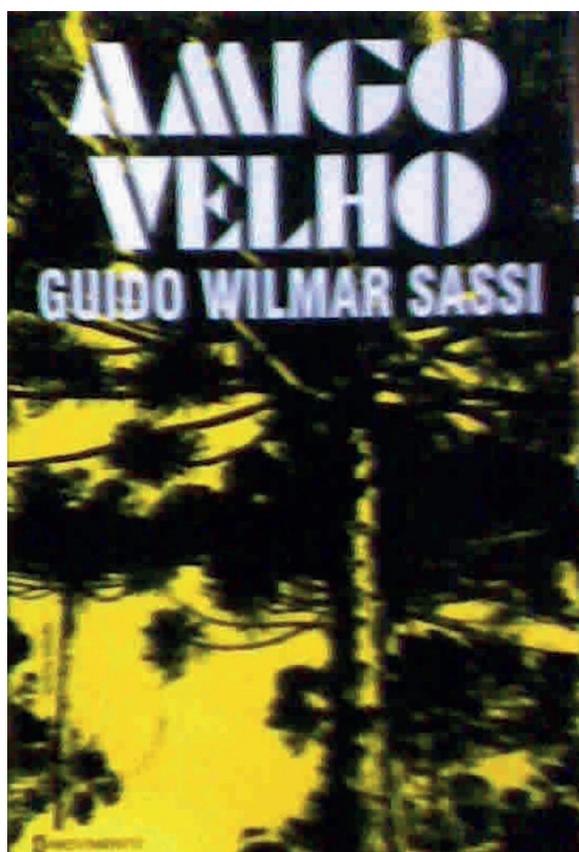
Seguem alguns títulos de Contos de Guido Wilmar Sassi:

O 1º é “Amigo Velho” (Pinheiro de canto = pinheiro de diâmetro igual

ou superior a 45 cm, já cortado e marcado)

Outros Contos: “Cerração”; “Uma história dos Contos”; “Noite”; “Prece Criança”; “Serragem”; e, “Vagão”.

Todos os Contos, do mesmo volume, falam de pinheiro, serraria, tábuas e funcionários. Esse escritor presenteou Papai com esse livro autografado. A capa do livro é de Galileu Amorim.



*Capítulo XX*

## INAUGURAÇÃO DA RÁDIO CLUBE DE LAGES

Carta enviada aos organizadores da Comemoração dos 60 anos de fundação da Rádio Clube de Lages:

Atendendo à solicitação dos organizadores referente às comemorações dos 60 anos da fundação da Rádio Clube de Lages, envio a minha colaboração.

Chamo-me Noelci Maria Araldi de Oliveira, sou filha de Esa e José Araldi. Tenho 65 anos, nasci no dia 25 de março de 1942. Tinha cinco anos quando inauguraram a Rádio Clube de Lages.

Tenho nítida lembrança de uma visita que fizemos à Rádio nos primeiros dias de sua inauguração junto com minha Mãe, irmãs e primas. Foi nesse dia que ocorreu comigo o fato pitoresco que passo a narrar.

Era domingo. Foi-nos anunciado que conheceríamos a primeira Rádio de Lages, e que poderíamos, nessa oportunidade, solicitar músicas e que ouviríamos anunciar também os nossos nomes em casa ou nos alto-falantes instalados na Praça João Costa.

Arrumamo-nos eufóricas com roupas próprias de domingo. O local, à época, era onde hoje é o Teatro Municipal Marajoara.

Entramos por uma pequena porta, onde havia uma escada com uma infinidade de degraus, pois a Rádio ficava no último andar. Parecia não ter mais fim.

Ao chegarmos em suas instalações, vi um senhor sentado à mesa. Havia muitos aparelhos, microfones, toca-discos e um grande caderno, onde fazia anotações.

Curiosa, reparei em todos os detalhes. Muitas pessoas circulavam atarefadas.

Notei que um senhor de estatura baixa e idoso era o seu Benedito Marcondes do Amaral, dono da Rádio e pai do seu Carlos Jofre do Amaral. Ele estava com livro, anotando os pedidos das músicas solicitadas.

Nós já saímos de casa com os nomes das músicas preferidas, que solicitaríamos. Tudo registrado na memória.

Distraída e curiosa, olhava tudo deslumbrada, eis que de repente me puxaram pelo braço. Virando-me, dei com o senhor Benedito, que perguntou:

— “Qual o nome?” Eu mais que depressa respondi: ‘Maria Bonita’.

Foi uma risada só.

Ele queria saber meu nome e eu falei o nome da música. O Senhor Benedito e as demais pessoas que estavam próximas não paravam de rir e ele anotou o nome da música.

Com o avanço da tecnologia, os sons, aqueles sons, a sirene às 8h, 12h, 14h e 18h, as músicas que anunciavam, naquela época, a programação da Rádio Clube, cederam em parte à televisão, que agora ficou a cargo do neto e filho dos fundadores, ou melhor, Dr. Roberto Amaral.

Lembro-me bem das programações daquela época, principalmente as de domingo com auditório lotado. O personagem “Virgulino e seu incrível boneco Juquinha”. Prestávamos muita atenção naqueles diálogos cômicos.

Os trovadores também se destacavam. Vinham para as disputas concorrentes do Rio Grande do Sul e de outras regiões.

O rádio de nossa casa era ligado em alto volume para ouvirmos músicas e o noticiário “O Grande Jornal Falado”.

Decorávamos, à medida que crescíamos, as músicas brejeiras, românticas e carnavalescas, letras que edificavam o ser humano e a família.

Hoje, sou vovó e passo a nossos netos essas cantigas, resgatando parte daquela época que ficou, magicamente, gravada na minha memória através dos sons que penetravam constantemente em minha casa.

Dr. Roberto, presenciei o início de suas raízes. O senhor Carlos Jofre do Amaral, seu pai, uma pessoa dinâmica, prestativa, mangas arregaçadas. Muitas vezes o vi em cima dos carros de alto-falantes, ajeitando fios, caixas de som. Sempre presente nas comemorações da cidade, fosse de cunho religioso, cívico ou popular.

Deixou, naquela época, mensagens que levaram à construção da nossa Sociedade, deixando sua marca na história da querida Lages e da Região Serrana.

Lembro-me de outras pessoas que apresentavam programas e entrevistas, e acompanhavam seu pai: seu tio Sr. Hilton do Amaral, Sr. Tomazzoni, com sua voz poderosa, o trio Tavinho, Maneca e Souzainha. Esse trio apresentava o programa “Alma Cabocla”; Luiz Zanela Sobrinho era chamado de “Voz Aveludada”; Evaldir Nascimento e outros cujas vozes ficaram registradas na minha memória.

A Rádio Clube sempre serviu e ainda serve à nossa comunidade com anúncios, propagandas e avisos para atingir pessoas do interior da cidade.

Até hoje seus Diretores seguem as tradições de prestar um belo trabalho social, no qual ouvintes desabafam, solicitam auxílios, pedem socorro.

Recordo, ainda, de um aviso, que dizem ser verdadeiro. Eu acho que foi brincadeira, uma piada: “Alguém do interior trouxe sua mãe que foi internada no Hospital Nossa Senhora dos Prazeres. Antes de sair de casa alguém da família encomendou umas compras e, dentre elas, tripas para fazer linguiça. O locutor deu o aviso solicitado: - Alô, alô, dona Maria, seu irmão avisa que sua mãe morreu, aqui tudo bem, as tripas seguem pelo ônibus”.

Aos domingos, o alto-falante da Praça João Costa levava a programação da Rádio Clube com dedicatórias musicais dirigidas aos namorados, esposos, esposas e frequentadores da praça. Quantos namoros e casamentos aconteceram através do incentivo da Rádio Clube, imagino...

Essa é a minha história. Espero que ela se una à história da Grande Rádio Clube, que ora aniversaria.

Parabenizo a Rádio Clube, seus Diretores e funcionários pelos grandes serviços prestados à cidade de Lages e Região nesses 60 anos de Fundação.

Carinhosamente, sua ouvinte e admiradora, Noelci Maria Araldi de Oliveira.

Noelci Maria Araldi de Oliveira

*Capítulo XXI*

## FIGURAS FOLCLÓRICAS

Nossa cidade possuía figuras pitorescas ou folclóricas. Essas pessoas eram mendigos que apareciam, diariamente, no centro da cidade, eram inofensivos e todos os dias faziam a mesma coisa, ou melhor, mendigavam. Vou citar aqueles mais conhecidos que circulavam, com frequência, na nossa rua: A Conga, Vinteum, Tico-Loiro, Bolinho, Maria do Bolinho e o Bento.

A Conga era uma velha negra, um pouco gorda e carregava um saco para guardar as coisas que ganhava. Quando ela aparecia na nossa rua, nós crianças a chamávamos e cantávamos: Conga, congola fugiu da escola. A Terezinha da tia Nita ia além e cantava: Conga, congola fez cocô na panela. A coitada sabia que a cantarola era para ela e saía correndo atrás de nós, que saíamos em disparada e nos escondíamos. Ela ficava furiosa.

O Vinteum, sei lá, era um indivíduo franzino, tão magro, que seus olhos eram esbugalhados, saltados para fora e avermelhados. Caminhava em Ziguezague, muito bêbado.

O Tico-Loiro não era tão magro, usava bombachas estreitas, botinas de “Jeca Tatu” e tinha as pernas tortas, caminhava, também, ziguezagueando.

O Bolinho era um velhinho, gordinho e cego, usava uma bengala e caminhava devagar, seus olhos eram cobertos por uma película espessa e rosada. Diziam que era namorado ou casado com a Maria e por isso chamavam de Maria do Bolinho.

A Maria do Bolinho era magra, alta com óculos, lenço na cabeça, usava uma bolsa e sombrinha velha. Entrava no corredor de nossa casa para mendigar e mentia que consertava bonecas quebradas e sombrinhas, só que nunca mais devolvia.

O Bento era uma figura de estatura mediana, caminhava com uma vassoura feita de mato, acho que guaxuma. Tinha cabo e ele apertava a vassoura até ficar firme, sem debulhar os galhos e colocava uma latinha de massa de tomate aberta nos dois lados. Tinha um carrinho com rodas de madeira que ele empurrava recolhendo lixos da rua, uma espécie de gari, hoje catador de papel.

Na época, a maioria das ruas não eram calçadas, por isso a Mãe

comprou galochas para as meninas, uma espécie de botinha de borracha preta com presilhas nas laterais, que serviam para revestir os sapatos e não os deixar embarrarem. Não fabricavam para meninos, somente para meninas, mulheres e homens.

Aos sábados, era dia de varrer todo o quintal até a rua. Em função disso, usava-se uma vassoura do tipo que o Bento vendia. O mesmo tipo de vassoura era usado para limpar o forno de assar pães.

Outra figura ímpar, que não dá para esquecer, era o “Morô”. Ele era meio moreno, todo sorridente e vendia loteria, mas ficava muito bravo quando alguém se recusava a comprar seus bilhetes. Era uma figura pitoresca e, naquela época, estava na moda para qualquer coisa se dizer: morô? no lugar de: entendeu? E o Morô, para qualquer coisa, dizia morô e “Quem morô, morô, se não morô, não mora mais”. Eis de onde saiu o seu apelido.



Morô

*Capítulo XXII*

## OUTRAS LEMBRANÇAS

Outras lembranças. Em cima da Casa Bertuzzi Ribas & Cia., nos anos 50, morava uma família chamada Kaxicha. As duas filhas e o filho, lá pelas tantas, sumiram. Eu via a mulher, frequentemente, abrir e fechar as janelas. Certa vez, aconteceu, na cidade, uma tempestade que descobriu muitas casas, inclusive a dela e a nossa. Lembro-me do medo que senti, havia um berço no meio da sala, devia ser do Claudio. Tinha móveis empilhados por causa da chuva que entrava por toda a casa.

Depois que a família dos Kaxicha se mudou, quem foi morar no local foi a sogra do Dr. Célio Ramos Filho, cuja esposa é prima da Lelena, casada com Luiz Carlos Arruda. Esse senhor era dentista e se chamava Guaraci, ele restaurava os dentes e mostrava no espelhinho para ver como ficaram bonitos e brilhantes. Há alguns anos, descobri que sua esposa tinha sido nossa vizinha no Edifício Batalha. Fiquei surpresa ao vê-lo em uma fotografia na sala da casa. Eu sempre lembro com muito carinho desse dentista.

Em 2012, fui ao consultório do Dr. Rodrigo Ramos, mastologista e descobri que é filho do Dr. Célio Ramos, portanto é neto do Dr. Guaraci, e sua filha é a Carminha, prima da Lelena.

A Mãe sempre me escolhia para acompanhá-la onde quer que fosse, podia ser ao médico, fazer compras e até mesmo cobranças. Certa vez, fomos à casa da Dona Chofia Chediack, esposa do dono da Concessionária Ford na época. A casa ficava em uma esquina, no início da Rua Correia Pinto. Em frente à casa tinha uma escadaria enorme. A Mãe foi fazer uma cobrança, pois ela comprava no nosso armazém. Na sala de visitas, em cima do piano, havia um enfeite como um ovo de Páscoa enorme, eram coisas diferentes, de características árabe, provavelmente da Turquia. Nunca tinha visto coisa igual na minha infância e pelo estilo da casa, sabia que eram muito ricos.

Voltando às cobranças com a Mãe, fui com ela, certa vez, a uma casa perto de onde morava a Pierina. Lá morava uma família numerosa. Todos os membros estavam reunidos na sala de visitas... Não me lembro de ter visto dinheiro...

Agora falarei sobre uma padaria que era localizada na Rua Correia

Pinto, que era da Família Guidalli. Ficava ao lado do Clube 1º de Julho. O dono chamava-se Ernesto e tinha dois filhos, José e Jaci. Eu nunca os vi na padaria, acho que eram adolescentes naquela época. Não lembro o nome da esposa do seu Guidalli, mas os dois tomavam conta de tudo na padaria, torravam café, faziam os pães e atendiam no balcão. Os doces de massas eram rocambole, quindim, bombas e bolinho inglês embalado em forminhas de papel. Esses doces eram terceirizados e levados por uma moça magrinha em um tabuleiro gigante. Ela passava em frente do nosso armazém e nós crianças pulávamos para espiar os doces. Pedíamos que nos desse pelo menos um deles. Éramos insistentes, porém não cedia e nem abria a boca, indo embora. Hoje, a padaria não existe mais, continua apenas a torrefação de café. Lembro-me da figura da esposa do seu Guidalli por ser muito elegante. A torrefação continua com a Família Guidalli.

Curiosamente, nos anos 60, Papai comprou do seu Ernesto Guidalli o apartamento do Edifício Almeida, número 51, no 5º andar, onde viveu com a Mãe até o fim de sua vida.

E, assim, a história da vida segue seu rumo por meio das gerações dos nossos descendentes, sempre iluminados e abençoados por Deus....

Enfim, encerro este Livro “MINHAS MEMÓRIAS”. É bem possível que tenha continuidade a não ser que o DR. ALZEIMER venha me visitar.

*Capítulo XXIII*

# ÁLBUM DA FAMÍLIA



Comunhão



Baile de Debutantes



Eu e Heitor na época em que nos conhecemos



Eu e o Heitor com Alexander, Giovani e Rodrigo



Formatura do Heitor



Os Galdérios – Heitor, Alexander, Rodrigo e Alex Filho.



Eu e meus irmãos - Noilves de Lourdes, Noelci Maria, Neuza Terezinha, José Aristides, Noemi, Claudio, Maria da Graça e Sandra Berenice.



Família do Papai na comemoração das Bodas de Diamante = 01.02.1999  
Atrás: Percival, Luciane, Maria, Tereza, Darci, Roberto, Armindo, Eduardo.  
Na frente: Maria, Altair, Dosolina, Pai, Mãe, Marlene, Dalila e Antônio.



Baile no Clube 14 de Junho



Meus sogros, Eugênio e Antônia



Heitor, meu sogro Eugênio e o cunhado João.



José Medeiros de Oliveira e Cristina Fuck



Heitor no Bar Marrocos



Heitor e eu.

*Capítulo XXIV*

## POESIAS

### TERNURA

Escutando a natureza esparsa que rodeia  
Ouço o cantar das derradeiras cigarras  
Desta estação do Ano.  
Meu coração se alegra com esse canto  
Ouvido desde o meu viver primeiro.  
Saudade da minha infância  
Onde tudo era verdadeiro!  
O cantarolar da cigarra encantava  
E o pisca-pisca do pirilampo.  
Tenho saudade do meu quintal  
Que dividia com meus irmãos.  
Saudade da minha árvore!  
Dos pés de ervilha floridos,  
Do funcho adocicado.  
Do cheiro do verde dos pés-de-milho  
Das espigas feito bonecas vestidas de palha.  
Quando eu criança, ansiosa por uma boneca de louça,  
Contentava-me com aquela que a terra lavrara  
Por minha Mãe ofertada.  
Boneca de milho, que eu pequenina  
Descobrira embrenhada naquele milharal,  
Abraçava com ternura, expressando,  
Extravasando, ensaiando amor materno.  
Embalava e cantava depois de trançar seus cabelos  
Cantigas de ninar.  
Com saudade lembro!  
Ainda sinto o exalar do perfume daquele tempo...  
Da boneca em meus braços...  
E logo à tardinha, entrava em casa fatigada  
Dos folguedos de criança e espiando

A panela enorme no fogão a lenha  
Soltando fumaça de vapor cheiroso  
Enchia meus pulmões com aquele ar tão caseiro.  
Curiosa, destapava o cozimento  
E meu olhar faceiro  
Deparava com espigas de ouro,  
Dentilhadas e gorduchas.  
Minha Mãe sem demora repartia  
Satisfazia meu paladar aguçado  
E meu coração aquecia,  
Pois a bênção de Deus jorrava  
Na minha casa em abundância.  
Trabalho, dança e oração se entrelaçavam  
E entre ajuda aconteciam.  
Por isso, famílias de outros tempos,  
Na região Lageana  
Felizes em suas casas habitavam.  
Dedico este poema à minha querida e muito amada Mãe  
Elsa neste dia em que comemoramos “Dia das Mães”.  
Com todo meu carinho, admiração e agradecimento.  
Sua filha, Noelci.  
Lages, 12 de maio de 1994.  
(Tive esta inspiração no dia 20/02/1994).

## **CHAMEGO**

Tenho saudades do teu cheiro cheiroso,  
do teu beijo carinhoso, do jeitinho que tu és.  
És meu refúgio, meu sossego.  
Estou sentindo muito tua falta, quero ir logo para casa,  
sentar no teu colo e ganhar teu afago,  
teu chamego, quero que tu me abrases.  
E faça, nos meus cabelos, com teu jeito, carinhos, cafuné.  
(Noelci)

## MINHA POESIA PREFERIDA

### A CASA

Vê como as aves têm debaixo d'asa  
O filho implume no calor do ninho!  
Deves amar, criança, a tua casa!  
Ama o calor do maternal carinho!  
Dentro da casa em que nasceste és tudo...  
Como tudo é feliz no fim do dia  
quando voltas das aulas e do estudo!  
Volta, quando tu voltas, a alegria.  
Aqui deves entrar como num templo,  
Com a alma pura e o coração sem susto.  
Aqui recebes da virtude o exemplo,  
Aqui aprendes a ser meigo e justo.  
Ama esta casa! Pede a Deus que a guarde,  
Pede a Deus que a proteja eternamente,  
Porque, talvez, as lágrimas, mais tarde,  
te veja triste desta casa ausente...  
E, já homem, velho e fatigado,  
Te lembrarás da casa que perdeste  
E hás de chorar, lembrando o teu passado...  
- Ama, criança, a casa em que nasceste!  
(Olavo Bilac)

*Capítulo XXV*

## CARTA PARA IRMÃ GRACINHA

Lages, 2 de setembro de 1990.

Querida e muito amada Gracinha.

Logo que acordei, lembrei do teu aniversário, do teu nascimento, rezei.

Senti saudades de tua infância, aquela que fez parte da minha adolescência.

Senti, também saudades da nossa vidinha, nossa Família, na nossa velha casa. Saudades de meus 18 anos, pois nessa época ainda tomava conta de ti e da Nice. Se bem que inicie bem mais cedo. Lembro do dia que nasceste, nem sabia que a Mãe estava grávida. Pode isso? Acordamos pela manhã com o chamado carinhoso do Papai. Quando abri os olhos fui surpreendida por uma trouxinha, um embrulhozinho no colo do Papai. Ainda estava um pouco escuro. Nem imaginas a cara de alegria, de felicidade do Papai, o seu sorriso era até as orelhas!

Fui tão feliz à aula naquele dia, nem aguentava as horas passarem, eu queria pegar o nenê, nem sabia se tinha nome. Pulei tanto, corri tanto no pátio do Colégio, contava para todo mundo do grande acontecimento, estava explodindo de contentamento, pulava corda e extravasava o que sentia por dentro. Como é bom lembrar. Nunca tinha sido tão comunicativa, principalmente em relação às freiras, pois nesse dia cheguei perto de uma que nem conhecia direito. Era nova no colégio e contei a novidade.

Depois, os dias iam passando e eu auxiliava no cuidado do neném. Lembro que fazia mamã, era mingau, quantos eu lambisquei, raspei panela. A mamadeira era uma garrafa de “gasosa”. Existia um bairra bico, que era emborcado no gargalo. Recordo, ainda, que num dia de sol estava calor e havia luz na cozinha. Eu fui fazer mamã. Coloquei dois paus de lenha na chapa do fogão. Havia um buraco na última rodela que cobria o buraco do dito fogão. Coloquei, então, a caneca com leite, porém, antes, despejei álcool naquele buraquinho da roda da chapa. Acendi o fósforo e subiu o fogo! Levei um tremendo susto, porque a garrafa estava perto e eu achei que incendiara a garrafa. Corri até a janela e despejei todo o álcool, depois me dei conta de que era reflexo do sol e não fogo. Quanto ao mamã, digo, mingau com maizena embolado. Quantos saíram assim até aprender direito?

Lembro ainda quando foste para o jardim de infância, da lancheira, das

maria-chiquinhas, dos banhos que eu dava, das orações que ensinava, dos cantinhos e das historinhas que contava e cantava. Tem um cantinho que inventei quando você, Nice e Bete, tinham algum dodói. Era assim:

Ó Jesus  
Faça com quê  
O meu dodói  
Pare de doer.

Depois de cantar o mesmo para meus filhos, hoje canto para os netos! O Alexander dizia: “Canta, Vovó, aquele cantinho!!”. Assim cantava também contigo. (O que rimava com doer, por isso acentuei-o). Eu ia cantando, cantando e passando a mão onde doía.

Eu ia cantando, cantando e passando a mão onde doía, se a dor não passasse, pelo menos adormecia e não sentia mais nada. Adeus dor de dentes, de barriga ou de ouvido. Às vezes, quando contava historinhas, eu cansava, aí dizia que era a tua vez. Então, sabe quem é que dormia? Eu.

Eu fazia uns diademas e uns enfeites com fitas, rendas e pedrinhas para colocar no rabinho de cavalo. Costurava um elástico por baixo.

Quando foste para o 1º ano primário eu acompanhei com muita dedicação. Sapatos “Vulcabrás”, meia sempre limpa. Confeccionei um uniforme preguiado, com pressões no lado da saia do jeito que eu queria que a Mãe fizesse para mim. Ela colocou-me numa aula de costura naquela época. Foi também a única costura que fiz. Sempre cuidei para que nada faltasse, a Nô financiava as compras, já lecionava na época. Nesse tempo, Papai perdeu seu dinheiro destinado à construção da nossa casa. Foi um período difícil para eles, para nós não muito, pois logo se recuperaram e mudamos para a casa da Buri, do Bertuzzi. A partir de então, a Nô foi para Porto Alegre estudar. Quando vinha, enfeitava tudo. Lembro o primeiro Natal lá no apartamento, fez tantos enfeites lindos de papel laminado, colorido. Fez um cone e nele surgiu um Papai Noel. O tempo foi passando até que fomos casando, uma a uma e a casa foi esvaziando. No meu namoro e noivado vocês iam para o pescoço do Heitor e, por fim, a Nice foi dama do nosso casamento com a Bete Ávila. Falando em casamento, dia 18 de setembro deste ano faremos 25 anos de casados: Bodas de Prata!

Beijinhos da Noelci

*Capítulo XXVI*

## HISTÓRIAS DA NOELCI\*

### VIAGEM A PORTO ALEGRE

Não esqueço de uma viagem que fizemos para Porto Alegre, não me lembro por qual motivo, mas foi muito engraçado. Fomos eu, a Noelci, o Pai e Mãe, num KA da Andrea, porque tinha acontecido um problema no meu carro.

Quando saímos de Lages parecia que estávamos numa lata de sardinha. Tinham enchido o carro de tudo que era coisa, uma “coisarada” como ela dizia, para levar para a Nicinha em Porto Alegre. Na frente da casa dela, nos fez quase rezarmos um rosário, no final nos abençoou e pediu para que Cristo dirigisse o carro. Passamos o Rio Caveiras, logo em seguida tem umas cabanas, o Pai fez eu parar, desceu e comprou mais um monte de bagulho, queijo colonial, linguiça e outras “cositas mas”. Lembro que não cabia mais nada no carrinho. Lá fomos nós empacotados, os pneus do carro arriados.

Chegamos na Serra das Antas fizeram eu parar novamente, em um restaurante para tomarmos um café, aí já compraram mais uns pães caseiros e outras guloseimas, sei que as vergamotas ficaram embaixo dos meus pés, porque não cabia mais em nenhum lugar do carro.

Continuamos a viagem, e após passarmos por São Sebastião do Caí, tudo tranquilo, eis que de repente um opala se atravessou na nossa frente, foi uma loucura, batemos meio que de lado, e o KA começou a rodopiar em cima do asfalto e parou no outro lado da pista, com a frente no sentido contrário, na contramão. Quando o carro parou, olhei para os lados, toda aquela “coisarada” estava espalhada em cima de nós. Graças a Deus não aconteceu nada de mais grave conosco, o único que se machucou foi o pai que fez um pequeno corte no queijo. Ligamos para Nice e o Paulo e eles foram nos buscar. Passado algum tempo, relembramos desta viagem e falei que ela era culpada da batida, porque ela pediu para Jesus dirigir o nosso carro e que ele era “barbeiro” porque na época dele nem carro havia, ele nunca havia dirigido um carro... demos muitas risadas.

*\* Histórias contadas pelo Claudio*

## O GATO E AS 7 VIDAS

Certa feita a Noelci e a Mãe foram a Porto Alegre para consulta médica, estavam fazendo as malas para voltar para Lages e lá pelas tantas, apareceu um gatinho todo mirradinho na frente do prédio e a Liziane, filha da Nice, ficou com pena do gatinho e levou para o apartamento. Era recém-nascido e precisava de cuidados especiais, inclusive, recebia leite por meio de um contagotas. A Noelci terminou de arrumar a mala, baixou a tampa e saiu do quarto. Mais tarde voltou, fechou a mala e voltaram de ônibus para Lages. Depois de 6 horas de viagem, chegou em casa, foi lanchar e ficou conversando com o Heitor sobre a viagem. Quando foi desfazer a mala, no que abriu a tampa, o gatinho pulou para fora da mala e ela quase desmaiou de susto. O gato havia se enfiado dentro da mala e não sabemos como sobreviveu à viagem dentro da mala.

O Gatinho estava cheio de pereba na pele e desnutrido, então o Pai pegou o gatinho e levou ao veterinário, após um tratamento intensivo com banhos com água de aveia, o gato se recuperou e ficou na casa do Pai. Com o passar do tempo, o bichinho foi cativando os meus Pais e era a grande distração deles. Na época, o Pai tinha um Santana, e um dia ele voltou ao veterinário para fazer consulta de revisão e, estacionou o carro e ao atravessar uma avenida com o gato no colo foi atropelado sem nenhuma gravidade, mas mesmo assim foi levado ao hospital para fazer exames e ficar em observação. O carro ficou guardado em uma oficina próxima ao local e o gato sumiu. Depois de recuperado, o Pai foi buscar o carro na oficina. Saiu da oficina e após alguns quilômetros começou a escutar um barulho que vinha de baixo do carro, ele parava o carro, parava o barulho, andava mais um pouco, retornava o mesmo barulho e assim foi até ir a uma oficina. O mecânico deu uma examinada e para surpresa geral, o gatinho estava em cima da caixa de câmbio do carro. Desfeito o mistério, ele ficava em cima da caixa e quando o carro andava a caixa esquentava e o gato começava miar, quando ele parava o gato ficava quieto.

O gato foi cada vez mais cativando os meus Pais, ele era muito carinhoso, andava por toda a casa, trazendo felicidades a eles. Eles moravam no 5º andar do Edifício Almeida no centro de Lages, e o gato subia por tudo e andava pelo lado de fora de uma janela para outra, através de um parapeito. Certa manhã, o gato foi subir numa das janelas que estava entreaberta e ele forçou para passar e acabou caindo lá embaixo. Havia acabado as 7 vidas do gatinho...

*\*Histórias contadas pelo Cláudio*

## CASAMENTO DO ALEXANDRE AUGUSTO

O casamento do Alexandre Augusto foi em São José dos Campos-SP, a família toda se instalou num hotel e ficamos praticamente todos no mesmo andar. Quando chegou a hora da turma se arrumar para o casório foi aquela bagunça nos corredores, era um tal de entra e sai dos quartos...me empresta o secador de cabelo...aquela escova de cabelo..., uma loucura como sempre com a mulherada. Lá pelas tantas se ouviu um grito de dentro de um quarto, corremos para ver o que estava acontecendo! Era a Noelci bem louca, desesperada, gritando de dentro do banheiro, porque a fechadura da porta do banheiro ficou emperrada e não estava abrindo. Todos tentaram abrir a porta e nada, força daqui e dali e nada... foi comunicado o pessoal da manutenção e até chegarem no quarto foi aquele tedéu. Depois de quase meia hora, o rapaz conseguiu abrir a porta e saiu aquela fumaceira do vapor do chuveiro e ela claustrofóbica saiu toda esbaforida... Aí, ela já mais calma foi mostrar o que tinha acontecido e fechou novamente a porta e ficamos eu e ela trancados... Chama o pessoal da manutenção novamente... Adivinhe... Tiveram que pedir para o Padre atrasar o casamento para podermos estar presente.

## VELÓRIO

A Noelci foi ao velório do tio Ângelo (Nino). Chegando na capela, estranhou que não tinha nenhum parente e nem conhecidos, uma moça de cabelos claros e compridos debruçada no caixão chorando, achou que era a Giorgiana, neta do tio Ângelo. Se aproximou abraçou a moça pelas costas para dar as condolências, quando olhou para o defunto, viu que não era o Tio Nino, exclamou: “nossa não é o Tio Nino, estou no velório errado” e todos os presentes começaram a rir e ela saiu mais que depressa. Quando chegou na capela que estava sendo velado o Tio Nino, lotada de parentes, ela contou o episódio e foi uma gargalhada geral. Coisas da Noelci.



*Capítulo XXVII*

## HOMENAGENS À QUERIDA NOELCI

Este Capítulo não estava no script, surgiu quando o Livro já estava em sua fase final, tem a finalidade de oportunizar aos familiares e amigos de se manifestarem por meio de mensagens a nossa querida Noelci. Infelizmente, a perdemos muito cedo antes de editarmos o livro. Foi uma perda irreparável para a nossa família e a todos que tiveram a felicidade de conhecê-la.

Lendo as mensagens tenho a certeza de que aqueles que não a conheceram, terão uma ideia da magnitude Espiritual que ela transmitia a todas as pessoas de seu convívio.

Foi uma pessoa que viveu uma vida plena, com muita simplicidade, mas tinha sempre a palavra do Senhor no seu coração.

Este livro era para ser editado há algum tempo, mas faltava alguns Capítulos e aguardávamos a sua finalização, por vários motivos não foi possível e por uma dessas ironias do destino perdemos a nossa querida e amada irmã.

Há anos, a Noelci vinha lutando contra uma Hepatite C adquirida há mais de 50 anos, quando foi submetida a tratamento cirúrgico de urgência e teve que fazer uma transfusão de sangue. Passados mais de vinte anos, estava bem, assintomática, resolveu fazer um check-up e consultou com uma médica que lhe perguntou se já havia sido submetida a alguma cirurgia e se havia ocorrido transfusão de sangue e ela confirmou que sim. A médica, então, solicitou exames e ficou constatado que era portadora de hepatite C. Apesar dos tratamentos, em virtude do agravamento da doença, ela nos deixou no dia 15 de maio de 2018.

Temos a certeza de que ela está numa nova Dimensão, exercendo plenamente todos os ensinamentos que nos transmitiu, olhando e protegendo a todos nós. O que nos conforta é que ela, nossa querida Gracinha e nossos Pais estão juntos ao Nosso Pai Celestial.

Claudio

## HOMENAGEM DA FAMÍLIA HEITOR E NOELCI

### HEITOR MEDEIROS DE OLIVEIRA

#### DESEJO

Desejo tanto amá-la nesta vida,  
Amá-la muito, como amo a Deus,  
Entregar-lhe a alma, coração e a vida.  
E nossas vidas a Deus.  
Peço ao Senhor que os nossos passos,  
Nos momentos de amargura ou de aflição.  
sigamos seus conselhos Santos,  
Amando uns aos outros, sem negar perdão.  
Senhor, eu a quero tanto, tanto.  
Ela é inspirada pelos olhos Teus.  
Viver com Ela uma vida honesta,  
E triunfantes entrarmos no Céu.  
Heitor Medeiros de Oliveira

### ALEXANDER

Minha querida e amada Mãe, desde que você se tornou invisível, questiono os Céus e lamento, pois não compreendo tão precoce partida.

Fico a recordar dos momentos maravilhosos da nossa convivência, sua alegria incondicional, seu exemplo de bondade a sua religiosidade muito presente, mesmo a distância.

Daqui lhe agradeço por tanta dedicação, por tanto amor e por sempre mostrar o lado bom das coisas, por sempre nos lembrar das coisas de Deus.

Daí de cima, Mãe, Você continua a nos cuidar, pois essa sensação será sempre eterna.

Bjs Mãe, te amo.

Obs.: Heitor está bem, não se preocupe que estamos cuidando do Pai. Seu Filho Alexander

## ALEXANDER FILHO

### CARTA PARA VÓ NOELCI

Amada Vozinha Noelci

Tenho muitas lembranças dos dias em que vivemos, são tantas coisas para lembrar, tantas histórias boas, ruins, surpreendentes, maravilhosas, que formaram grande parte de quem sou hoje.

Admiração e gratidão são meus sentimentos por todo aprendizado que me destes.

Incrível altruísmo, tanto que acolher mendigos para sentar-se à mesa e almoçar conosco, quem no mundo faz isso?

Quem põe Deus acima de tudo e o próximo como a ti mesmo?

Vó, és um exemplo de mulher, mãe, vovó e, por último, bisavó que em teus braços acolhestes a nossa Isis!

Beatriz ficará com as histórias e as recordações que mostrarão quão sortuda e privilegiada é nascer nesta família!

Um amor incondicional, uma alegria contagiante, uma força espiritual única. Sinto sua presença o tempo todo. Te amo eternamente minha amada inesquecível “Vovó Xuxeta”!

A saudade somente fez sentido depois que partiste.

Peço a Deus, todos os dias, que estejas feliz, bem e sorrindo no paraíso que tanto pregastes.

A fé que ensinou a tantas pessoas que se profetize neste universo misterioso e glorioso!

Saudades eternas.

Teu Neto

Alexander Filho

## ALEXIA

### CARTA ABERTA A VÓ NOELCI

Oi vó.

De todas as paixões que cultivei durante minha vida, és responsável por várias delas, porém a com maior pronúncia hoje em dia é a leitura.

Assim, decidi demonstrar meu amor e a falta que sinto de ti por meio de trechos de livros que amo e te remetem a mim.

Faço das palavras destes autores as minhas e espero que gostes.

Amo-te eternamente.

Com amor, da tua fofolina,

Alexia.

“Eu te amo porque todo o universo conspirou para que eu chegasse até você” – Paulo Coelho.

“Se eu tivesse uma flor para cada vez que eu pensasse em você, eu caminharia num jardim infinito” – Alfred Lord Tennyson.

“Eu queria ter morado num pensamento teu. Como uma forma de amor” – Jerferson Tenório

“Dizem que deixamos parte de nós mesmos em todas as pessoas que amamos. E eu não poderia concordar mais com isso. Você tem mais partes de mim do que eu próprio. Eu pertenço mais a você do que a mim mesmo” – Loud Chaos

“Ela é meu lar. E é a minha risada” – Nina George

“Apenas porque não posso vê-lo, não significa que não posso acreditar” – Tim Burton

“Sinto saudade de você. Sinto saudade de mim. Não sei mais quem sou sem você” – Nina George

“Chorei de saudade da minha menina intacta que sempre soube fazer do medo um pó de risada nossa” – Aline Bei

“Entendo que o tempo sempre leva as nossas coisas preferidas no mundo e nos esquece aqui olhando pra vida sem elas” – Aline Bei

“Você está em todo canto, menos ao meu lado. E isto dói” – Rupi Kaur

“Não me importo que seja breve o nosso encontro. Porque no tempo da minha memória somos pra sempre. Não existe morrer dentro, é como uma canção. As canções não morrem nunca porque elas moram dentro das pessoas que gostam delas” – Aline Bei

“Para nós, casa não é um lugar. É uma pessoa. E finalmente estamos em casa” – Stephanie Perkins

“A morte é apenas uma travessia do mundo, tal como os amigos que atravessam o mar e permanecem vivos uns nos outros. Porque sentem necessidade de estar presentes, para amar e viver o que é onipresente. Esse é o consolo dos amigos e, embora se diga que morrem, sua amizade e convívio então, no melhor sentido, sempre presentes, porque são imortais” – William Penn

“O amor calcula as horas por meses, e os dias por anos; e a cada pequena ausência é uma eternidade” – John Dryden

“Para mim é gritante: sinto ainda mais saudades de você do que poderia imaginar; e estava preparado para sentir muitas” – Vita Sackville

“Mas o que é luto se não o amor que perdura?” – Jac Schaeffer.

“Há tantas coisas que você me ensinou ao longo dos anos: nunca desistir, amar alguém que vale a pena ser amado, com falhas e tudo. [...], eu sei quando alguém não está bem só por sua causa. Mas você também me ensinou a única coisa que eu mais preciso agora: quando a vida te derrubar, pare e olhe em volta à procura de uma coisa boa, porque sempre há algo. Em seguida, se apegue a essa coisa boa. – Beije a testa dela uma última vez e cubra sua mão com a minha. – Você é o algo bom que estou segurando hoje. Eu tenho sorte de ter conhecido alguém a quem foi tão difícil dizer adeus” – Vii Keeland

“Se o amor pudesse tê-lo salvado, você teria vivido para sempre” – Krystal Sutherland

## **DIEGO**

Querida vovó Noelci, não tenho palavras para descrever a admiração que tenho por ti, a pessoa mais pura e bondosa que já conheci e que levo como exemplo sempre. Só tenho a agradecer por todos os momentos vividos e todos os ensinamentos que deixastes. Orgulho de ser teu neto.

Lembranças eternas de todo carinho e cuidado com tudo que a senhora fazia, sempre diante de todas as dificuldades presentes a senhora sempre resolvia de forma leve e com muita fé, ensinamento que levo sempre comigo.

Um ser iluminado, e jamais esquecerei todas as histórias contadas da infância à juventude, de todas as etapas do casamento e criação dos filhos e netos, quanta história, quanta dedicação.

Amor incondicional.

Te amarei para sempre, grato por tudo eternamente.

## **GIOVANI**

Um pouquinho dela, minha adorável mãe!

07.07.1967 - Lages, Santa Catarina, segundo relatos, como de costume, mais um rigoroso inverno. O vento frio parecia que não dava trégua e atravessava o corpo como uma espada, e foi nessa gelada noite que afortunadamente, nascia um bebê, que teve a graça divina de nascer no melhor lar do mundo. Acalorado pelo afeto de um amor incondicional, desde as primeiras horas de vida já se sentindo muito amado, protegido pelos seus pais e familiares e lá do quarto número sete, após alguns dias na maternidade, partiram para casa.

Contam que essa mãe muito “coruja”, amava arrumar os filhos de maneira impecável, preocupava-se sempre em deixar toda roupa combinando para passear e se exibir com seus pimpolhos nas ruas e parques. Adorava contar que esse filho parecia o “Bambam dos Flintstone” que conseguiu tirar os estrados do berço e arrastou por toda casa, ainda, sem ter começado a andar, bateu na cristaleira e fez um grande estrago em suas porcelanas e cristais.

E, assim, começou uma bela história de vida. Essa feliz criança foi agraciada por Deus lhe dar mais que uma mãe ímpar, foi agraciada por uma maravilhosa benção dos céus, que formou seus filhos com alicerces de integridade e valores,

com seus incansáveis conselhos que vieram a contribuir na sua formação.

Era comum estar presente em todas as ocasiões, eventos escolares, colônia de férias, reuniões dos pais, nas lições de casa, mas, principalmente, nos trabalhos de educação artística. Era de uma criatividade absurda, conseguia usar qualquer caixa e cartolina para seus inventos!! E o orgulhoso filho chegava na sala de aula, quase sempre muito exibido, com a certeza que surpreenderia a todos.

E assim numa ampla casa, com maravilhoso quintal, um campinho para jogar bola, atrás da casa e onde seus filhos puderam ter uma das melhores infâncias do mundo, cercados de amigos e muito carinho de todos os familiares.

Não era diferente com seus sobrinhos, que passavam as férias ou apenas os finais de tarde lá, onde estavam todos para aquele café da tarde que sempre tinha alguma surpresa boa e cada um, de forma muito especial, tinha algum tipo de conexão com ela e nas horas de algum apuro sentiam-se acolhidos pelos sábios conselhos e de, alguma forma, um certo conforto espiritual.

Esse conforto espiritual que ela transmitia a todos vinha de uma iluminada conexão com o Espírito Santo. Tinha uma fé inabalável e, assim, como se fosse num passe de mágica que de repente a vida dessa maravilhosa mulher transformou-se.

Em algum momento ela recebeu alguma graça divina, como se tornando um anjo protetor, uma guardiã dos aflitos – e com seu grupo de orações em suas intermináveis ajudas ao próximo, levavam essa fé para acalantar os doentes em hospitais e até mesmo na casa de alguém desconhecido que precisavam de algum apoio – lá estava ela, não importava o horário e o dia.

Uma pessoa que se doou para os outros de uma forma incrível, tinha uma risada contagiante, alegrava-se com o simples, conseguia fazer com um galho seco o mais belo enfeite de Natal! Encantava seus netos quando iam visitá-la com tantas surpresas e atividades que marcou a vida de todos eles. Sempre tinha as histórias que inventava e as guloseimas que faziam juntos.

E foi assim que seu filho Giovanni, com 7 letras, o G sétima letra do alfabeto, nascido 07.07.1967 no quarto número 7, lembra com muito carinho de sua amada mãe Noelci.

Seu Filho Giovanni

## **FABÍOLA**

Minha amada sogra Noelci,

Sempre lembro de sua risada gostosa, seu jeitinho carinhoso de falar conosco, seu cuidado constante, sempre preocupada em agradar o tempo todo.... Foi uma excelente mãe, avó, esposa e sogra. Sinto muito sua falta e a distância nos impediu de conviver mais nos últimos anos, mas o que importa é que tivemos bons momentos juntas. Você sempre me ajudou quando precisei e gosto de pensar que continua ajudando aí do outro lado. Esteja em paz minha sogra querida, junto de Jesus e Nossa Senhora. Te amamos muito!

## **GABRIEL**

Vovó,

Não sei muito bem o que escrever, ao contrário de você nunca fui muito bom em escrever o que eu sinto, enfim, obrigado por ter sido essa Vó extraordinária e sempre que eu penso em você vêm boas memórias uma sensação de conforto. Sinto muitas saudades, te amo muito.

## **GUSTAVO**

Querida Vovó Noelci,

Tenho muitas saudades de você, saudades de quando eu era pequeno e viajava muito longe pra ir na sua casa que é onde tenho minhas melhores lembranças. De quando você preparava uma gaveta inteira de doces para mim ou de quando a gente brincava de argila na casinha de trás. Lembro do livrinho de historinhas e do pão de mel, que você sempre levava quando ia pra minha casa, também, tenho saudades de quando você cantava e fazia cafuné para eu dormir. Além de tudo isso lembro dos ensinamentos que você me ensinou e da quão boa pessoa você era, que ajudava a todos, tanto alguém que estivesse passando fome quanto quando eu tinha um pesadelo e você me ajudava a voltar a dormir. Você é um verdadeiro anjo, te amo muito e sinto sua falta todos os dias, você não sabe o quanto faz falta, beijos vovó.

## GEÓRGIA

Vovó.

Só tenho que agradecer por ter tido uma vó como você. Nunca vou esquecer de todas as lembranças e aprendizados. Sou muito grata por ter sido sua neta, e pela infância maravilhosa que você me deu. De todas as brincadeiras na sua casa, as músicas, e momentos inesquecíveis que você me proporcionou. Você é um exemplo para mim, e me ensinou tudo sobre o amor e o bem, e se sou uma pessoa boa é por causa de você, e não tenho como te agradecer por isso, sei que você, ainda, tinha muito para me ensinar.

Você faz muita falta. Queria que tivesse tido a oportunidade de me ver crescer. Ver minha primeira eucaristia, e todos os momentos importantes depois de sua partida, mas sei que você vai estar sempre me olhando aí de cima e cuidando de mim.

Te amo imensamente.

Estou com muitas saudades

Sua neta Geórgia

## RODRIGO

Minha linda e doce mãe carinhosa, senti-me amado desde quando estava na barriga dela (irradiado de amor, como ela gostava de dizer).

Mostrou-me a vida com um olhar singular, puro e nos moldou para que buscássemos ser sempre melhor a cada dia como ser humano, principalmente, em atitudes concretas.

Buscou e, não tenho dúvidas, alcançou a Santidade, vivia a plenitude da fé no dia a dia, na caridade real e efetiva. Enxergava Jesus, principalmente, nos mais necessitados.

Louvava a Deus a partir das mais simples e corriqueiras atividades cotidianas, nas músicas que cantava (muito afinada), nos discos que ouvia, até rezando, observando a natureza da janela.

Dessa janelinha da cozinha, quando eu devia ter em torno de seis anos, enquanto preparava alguma coisa, observava-me improvisar algumas notas com uma flauta no muro dos fundos e fazia as orações dela, dedicando o que eu tocava para Deus. Pedia que eu rezasse enquanto tocava, afinal, a música era agradável a ele...

Construiu um lar de aconchego, com sabores, cheiros e muito amor.

Sempre que alguém chegava era recebido com uma infinidade de coisas boas, entre elas, o rocambole, torta de limão, rosca de polvilho, sopa de agnolini, tudo feito com uma ternura especial.

Incentivadora incondicional, cozinheira de mão cheia, espalhou o amor verdadeiro de todas as formas, na família, nas catequeses, nos grupos de orações, até em presídios e hospitais andou para ajudar as pessoas mais necessitadas e levar a palavra de Deus.

Tinha a capacidade de enxergar os pequenos milagres e decifrar os sinais divinos com uma sensibilidade especial, como se conseguisse dialogar com os anjos, com Nossa Senhora, de quem era devota.

Foi exemplo de fé, de mãe, de esposa, de Vó, de caridade, de cidadã, de humanidade.

Tenho um orgulho incrível e uma gratidão eterna.

Lorenzo sempre fala da Vovó com muitas saudades, lembra que ela ensinava sobre Jesus e de como nos faz falta a Vovó Chupeta, como carinhosamente ele a chamava e ela morria de rir.

Alguns meses depois da sua partida, o Lorenzo soltou um balão na saída de uma festinha infantil, e quando o cobramos sobre a razão da desfeita, revelou que o balão levava uma mensagem especial pra ela, dizendo que ele jamais a esqueceria e que pedia a ela, também, que nunca esquecesse dele...

Lamentamos muito por não ter tido um pouco mais de tempo conosco e a oportunidade de conhecer a nova netinha Martina e a bisnetinha Beatriz, que chegaram depois de alguns anos, mas por outro lado, nos conforta a certeza e a fé de que ela está olhando por nós o tempo todo e iluminando o caminho de todos seus descendentes.

Mãe, nos deixaste um legado maravilhoso que iremos continuar a honrar e cultivar para sempre e, principalmente, passar para as próximas gerações.

Te amo pra sempre Mama Mia!!! Saudades, seu filho, Rodrigo

## BRUNA

Filhinha, era assim que ela me chamava! Doce Noelci, sempre tão carinhosa, foi uma segunda mãe para mim, e a querida vovó chupeta, como meu filho amorosamente a chamava. Lembro-me das visitas a Lages, que carinho em nos receber, doces deliciosos, sopa quentinha e o sanduíche de forno nunca faltavam. Foram tantos momentos de risadas, longas conversas, desabafos, os quais ela sempre me escutava com tanto carinho e sempre tinha uma palavra carinhosa para me dizer.

Adorava me observar vestir e maquiarse, dizia que achava lindo. Meu filho pôde compartilhar de momentos lindos com a vovó chupeta dos quais pude presenciar muitos deles, o soninho com histórias de Jesus, o balanço no parquinho, a gaveta de chocolates, dentre tantos outros.

Lembro-me de momentos engraçados, o cachorrinho que o Lorenzo ganhou e que não parava de chorar, então descobríamos ela dormindo ao lado do cachorro para que não nos acordássemos. Foram muitos momentos, fico grata por tê-la como sogra e uma mãe também, porque era um carinho maternal e eu me sentia filha dela também. Sinto tanto por minha filhinha Martina não a ter conhecido, muito embora dentro de mim acredito que ela esteja presente. Foi uma honra tê-la conhecido, obrigada por todo o carinho que teve por mim, um dia nós nos reencontraremos, um beijo carinhoso.  
Bruna

## HOMENAGEM DA FAMÍLIA NOILVES

Carta para a minha doce irmãzinha Noelci, que foi morar na luz. Querida maninha, estou te enviando esta cartinha para te dizer que estamos bem, saudosos da tua presença aqui conosco. Sei que estás num lugar, rodeada de seres iluminados como és. A doçura e alegria foram tuas marcantes características! Que não deixávamos de ter boas gargalhadas quando estávamos contigo. Gostavas de contar as gafes que cometias, receitas novas que fazias, peripécias dos filhos e netos e “coisaradas” foi um termo que usavas desde menina para dizer que as coisas eram muitas.

Enfim, tanto temos para dizer do tempo feliz de tê-la aqui conosco, que cada um dos teus queridos poderia escrever um livro. Quando éramos pequeninas, com menos de cinco anos morávamos no andar superior da casa de madeira, era a hora do lanche da noite e a nossa mãe pediu para eu pegar o bule de café no nosso fogão a lenha. Obedeci.

Ao buscá-lo na cozinha te encontrei esperneando no chão. Já com o bule nas mãos eu disse, sai da frente senão eu derrubo café em ti. E aconteceu o pior, derramei o café. Não sei se de propósito ou se o bule foi se inclinando com o peso.

Enfim, apanhei como sempre que fazíamos arte. A vida nossa infantil foi maravilhosa, quintal, árvores frutíferas, pequenos animais domésticos, galinheiro, e até a casinha da paca. A nossa casa, sempre foi um ninho seguro e acolhedor. Na adolescência, foste muito beata e assim continuou pela vida afora. E hoje estás no céu, esplêndida de luz e derramando tuas bênçãos para todos nós que te amamos. tanto! Fique com Deus e os Anjos e Mestres. Estamos aqui, te admirando e te louvando pelos teus ricos e puros feitos e que hoje são plenos de luz. És muito amada por todos nós! Abraços alados cheguem até onde estás, na Luz Divina. Tua irmã Noilves, a NÓ, que muito te ama. Saudades!

Curitiba-PR, 29 de março de 2021.

Noilves

## HUBERTO

A Minha querida TIA NOELCI, não tenho palavras para demonstrar quão importante você foi e continua sendo na minha vida. A sua alegria sem igual, seus quitutes, sua fé inabalável, seu amor pela família. Sua bênção deixava a vida mais leve de todos que tiveram a sorte de te conhecer.

Sentimos muito a sua falta aqui na terra, mas a alegria de saber que você cumpriu o papel que o Papai do Céu designou para você, dá-me uma tranquilidade de que temos alguém que continua cuidando de todos os queridos daqui. Saudades eternas, querida titia Noelci.

São Bento do Sul-SC, 19 de março de 2021. Betinho, Patrícia e Sophia

## RAFAEL

Quem de nós familiares nunca obteve aquela memorável e singela bênção da Tia Noelci, recebendo carinhosamente um Sinal da Cruz na testa ou nas costas, em meio aquele abraço afetivo e apertado? Quem de nós não lembra e pensa na tia quando estamos diante de alguma ocasião importante, especial ou até mesmo de algum apuro?

Não é mera coincidência fazermos exatamente o mesmo, ao lembrarmos e recorrermos ao Papai do Céu e aos Santos que cremos, quando nos ajoelhamos e unimos as mãos para rezar e orar. Eu confesso que minha tia querida Noelci está sempre junto de Deus em minhas orações, pois para mim, a tenho como uma Santa. Sempre nos abençoou aqui na terra e imagino que continua nos abençoando, agora em um plano maior e divino.

Tia Noelci partiu antes do que imaginávamos. O mais incrível é a sensação de ela não deixar nenhuma lacuna, nenhum vazio. Ainda hoje me dá a impressão de que ela não partiu, parece que continua sempre presente entre nós. Há uma leveza muito grande nisso, um sentimento difícil de explicar em palavras.

Mas, por outro lado, é claro, há sim uma saudade enorme. Não tem como ser diferente. Ai que saudades daquelas risadas. Tenho aqui guardadinho comigo o som de seu sorriso, tocando nos ouvidos e a imagem do olhar mais meigo que tenho em minha memória. Ah! que saudades do feijão, arroz, bife acebolado, ovo frito e batata frita, que a tia fazia sempre que eu ia visitar a turma toda em Lages. Interessante que este prato todos fazemos,

porém, aquele feito por minha tia tinha um gostinho diferente, havia algo de especial ali, alguma mágica que eternizou o gosto da infância, preparado com o capricho e o carinho de uma tia chamada Noelci!

Algumas coisas também sempre me chamaram a atenção e, obviamente, é difícil pensar que nada tenha a ver com a fé e a religiosidade que a tia sempre teve e pregou. Basta notar que todas as coisas sempre deram certo na vida e na família dela. Já notaram isso? Muita proteção, segurança, ordem e paz. A tia viveu uma vida plena e feliz, sempre com muita harmonia e a paz imperando ante a sua presença!

A Tia Noelci muito nos ensinou, mostrando sempre o caminho do bem e cá estamos nós seguindo e replicando os seus ensinamentos nesta jornada da vida.

Tive sim o privilégio de viver momentos únicos como sobrinho, parecendo terem sido feitos “só para mim”, como um presente mesmo! Minha primeira lembrança com a tia foi quando eu ainda dividia o berço com o meu primo “Negão”, nosso querido Rodrigo, filho caçula da tia. De repente, quando resolvia me levantar e subia a cabeça do berço...logo surgia inesperadamente aquela voz suave da tia me dizendo: “Faça nana Rafael...”.

E assim foi como tudo começou...

## **BIANCA**

É com muito carinho que escrevo algumas palavras sobre a pessoa maravilhosa que foi a tia Noelci. Posso dizer que me sinto honrada em ter tido a oportunidade de conhecê-la. Uma mulher verdadeiramente carinhosa, alegre e paciente que me acolheu já no primeiro momento em que fomos apresentadas. Como esposa de seu sobrinho Rafael me sentia como se fosse uma sobrinha direta dela.

Depois de algum tempo, quando minha irmã Bruna casou com seu caçula Rodrigo, nossa convivência se tornou mais frequente. Passamos muitos finais de semana juntas nos bons encontros de família aqui em Curitiba, os quais foram sempre marcados por suas gostosas e divertidas risadas, sendo que às vezes a tia Noelci chegava a chorar de tanto rir. Lembro-me de seu olhar meigo e da felicidade em seus olhos quando encontrava meu marido, minha filha e eu.

Ajudou-nos muito com suas orações e palavras amorosas de muita fé,

sempre enchendo nossos corações com muita esperança. Como era bom receber sua bênção e seu abraço. Ela tinha algo de especial, uma ternura incomparável. Carrego em meu coração muitas histórias e ensinamentos transmitidos pela tia Noelci. Uma das coisas que me chamou atenção e que eu não posso deixar de citar aqui foi sua linda relação com o neto Lorenzo (filho do Rodrigo), o qual desde muito pequeno, também, adorava escutar suas histórias sobre Jesus, e quando Noelci partiu, fiquei sabendo que Lorenzo perguntou aos seus pais: “E agora? Quem vai contar sobre Jesus para mim?”. Não posso negar que fiquei extremamente emocionada ao saber disso.

Acredito que todos que tiveram oportunidade de conviver com a Noelci guardam lindas lembranças em seus corações.

Agradeço o doce acolhimento e todo carinho que a Tia Noelci teve sempre por meu marido (seu sobrinho Rafael), por minha filha Louise, por mim, por minhas duas irmãs (sendo uma delas sua nora) e por meus pais. Não tenho dúvidas, Noelci foi um destes anjos que Deus escolhe para colocar em nossas vidas com intuito de guiar nossa jornada. Ficam aqui grandes e sinceras saudades.

Bianca Venturi Leal

## HOMENAGEM DA FAMÍLIA NEUZA E ANTÔNIO

### NEUZA

A todo o instante passam na minha memória, flashes da minha convivência com minha irmã Noelci.

E a saudade já começou a castigar meu coração.

Como não repassar nossa vida juntas, infância, juventude, adulta e agora... depois dos setenta, sentindo os dias nos roubando a resistência física, mas nós resistindo...tentando driblar a pressão alta, a artrose, artrite...e outros tantos sintomas que teimam a nos tirar o sono.

Estamos, no entanto, heroicamente resistindo e como bom Araldi teimando em resistir.

Noelci, no entanto, nos deixou.

Para nós, prematuramente, foi muito cedo, tinha muito mais a nos ensinar.

Estou muito triste sem ela, sem poder ouvir sua voz ao telefone, por horas a fio.

Meu Deus, nos dê força.

Amém

Neuza Araldi

### ANA CRISTINA

Querida, doce e amada tia Noelci! Fico muito feliz em participar dessa homenagem! Tão fácil falar, lembrar ou escrever de você, basta falar de AMOR, DOÇURA, ATENÇÃO, CARINHO e FÉ! Palavras tão lindas e que representam perfeitamente! Com que amor você sempre nos tratou, quanta doçura para falar conosco, quanta atenção você dispunha com todos a sua volta, o carinho e a alegria em nos receber em sua casa, e a FÉ, que sem dúvida foi a sua maior lição e legado deixado para nós!

Ainda, hoje, quando me pego conversando com você antes das nossas, novenas, nossos terços e rezas, ouço sua voz, sinto sua presença e recebo seu amor, sem falar na sua ajuda, sempre que preciso, obrigada! Não conheço ninguém como você, um ser que nunca ouvi dizer um “não”! Fosse para

passar um café, fazer uma comida deliciosa, fazer um pão, passar uma roupa “rapidinho enquanto você vai comendo”!

Tantas demonstrações de amor, carinho, zelo, afeto, atenção e sempre com a bênção nas despedidas! Tia, você faz MUITA falta por aqui, nas longas conversas pelo telefone, nos cafés na sua linda casa, mas lembro de você sempre que cozinho e cuido da minha família, sem falar no rocambole, que aqui é pedido de todos os aniversariantes! Sinto saudades, mas sei que Nossa Senhora e Jesus estão, felizes com você aí, então aguento forte a saudade! Abro minha Bíblia, leio sua dedicatória, faço minha oração e começo meu dia! Obrigada pela “queridinha, amadinha, lindinha da titia, florzinha”, às vezes, quase posso lhe ouvir e isso me faz muito feliz! Obrigada por tanto amor e carinho na minha vida!

Sua sobrinha e afilhada Ana Cristina!

## **SAMUEL**

Talvez poucos saibam que eu “morei” com a Tia Noelci durante um período. Sim, durante dois anos, um final de semana por mês (sexta a domingo) eu ficava com eles. Fazia pós-graduação em Lages e ela (e o tio Heitor) não me deixavam ir para um hotel. Eu chegava na sexta à noite, ela já havia preparado o jantar e meu quarto já estava arrumado para receber-me.

Além disso, ela (e o tio), sempre ficavam à mesa conversando, contando histórias e buscando nos guiar para a vida.

Tenho gratas recordações deste período, pois o acolhimento que ela oferecia é coisa rara de se ver. Algo espontâneo e genuíno. Nunca esperando nada em troca.

Muitas saudades e gratidão eterna. Samuel

## LETÍCIA

Querida Madrinha, tia Noelci!

Tive a alegria e o privilégio de conviver muito contigo na infância e adolescência, passando as tardes na tua casa, almoços no Marrocos, eu com o Rodrigo às voltas com os afazeres da escola e brincando também. Uma convivência com alegria, amor, carinho, conselhos, aulas de religião e de amor a Jesus e Nossa Senhora. Tantos ensinamentos!! Muita risada com as brincadeiras do tio Heitor, sempre ria mesmo que fossem repetidas, nisso puxei a ti, rir sempre!!

Tinha bronca também, mas até nessa era carinhosa e amorosa comigo. Dona de uma habilidade gigante em fazer quitutes deliciosos que estão na memória afetiva de todos nós.

Quero que saibas que recorro a ti para interceder por nós aí no céu, que você foi e é muito especial e marcante em minha vida e das minhas filhas!

Uma honra ser tua afilhada, foi um presente que meus pais me deram ao escolhê-los como meus Padrinhos.

Sinto tua falta, mas sei que estás bem e olhando por nós!

Saudades eternas!

Beijos da afilhada que te ama muito,

Letícia Helena Araldi Pena.

## HOMENAGEM DA FAMÍLIA JOSÉ ARISTIDES

Sinto muitas saudades da minha querida irmã Noelci. Nos encontrávamos todos os dias quando eu ia trabalhar no escritório da fábrica.

Ela estava sempre alegre, falando e rindo ao mesmo tempo me abençoava todos os dias com o sinal da cruz. Era uma pessoa especial para mim...

Saudades!  
José Aristides

### **PABLO**

Tia Noelci querida

Sempre afável, dócil, bem-humorada e disposta a estender seu carinho e sua fé a todos em sua volta.

Partiu cedo, deixando grande lacuna na vida de todos que tinham o privilégio de compartilhar da sua companhia, em especial seu esposo, filhos e netos. Deixou, todavia, nobre legado de bondade, fé, gentileza, de solidariedade compromisso com a Família e com a Comunidade.

Certamente, este legado está presente em todas as boas ações dos seus queridos filhos, netos e bisnetos, que assim perpetuam as lições presente em em nossos corações.

Pablo

## HOMENAGEM DA FAMÍLIA NOEMI

NOELCI, minha querida e amada irmã.

Hoje vou lembrar daquela que nos deu o prazer de ser a nossa “MENINA SORRISO”.

Você nos paparicava... fazia de tudo para nos alegrar, quando sabia que iríamos chegar, corria para fazer todos os nossos quitutes preferidos.

Sentia-me afagada por seus “BRAÇOS GIGANTES”, pois você nos envolvia e acariciava sempre com aquele largo e gostoso sorriso.

Como era bom voltar... fazíamos questão de sempre voltar, suas palavras eram sempre de conforto e carinho, você era a nossa protetora fiel.

Sua casa tinha forma de CORAÇÃO, era cheia de amor... de vida e oração, ali reinava a alegria, às vezes, isto era tudo que estávamos precisando: um colinho, aconchego e paz.

Como não sentir saudades...saudades que hoje dói até a alma.

Querida comadre e irmã NOELCI, suas MEMÓRIAS serão nossas também, porque vivemos sempre unidas pelo cordão umbilical familiar.

Vamos rir e nos deliciar com suas peripécias guardadas neste baú de ideias, memorizadas, que você como ninguém escreveu para nunca esquecermos de como você era originalmente.

Te amoooo nas mais doces lembranças da minha vida. Saudades sempre...

Noemi Araldi Pereira Nunes

## WALDINHO

A primeira palavra que me vem ao lembrar da tia Noelci é generosidade. Não me lembro uma só vez em que ela não estava disposta a doar seu tempo, sabedoria, paixão e oração para alguém. Comigo, a receita ainda era mais saborosa, pois além de compartilhar da sua generosidade, havia também a doçura sempre acompanhada de um sorriso maioral.

Não me faltaram bons conselhos, bons causos (têm coisas que só aconteceram com ela!) e bons momentos. Para aqueles que não a conheciam plenamente, poderiam achar que seus modos ternos e pacientes eram um sinal de fraqueza. Ledo engano... seu legado é um castelo na rocha. Você permanece em seus filhos, netos, sobrinhos, irmãos e marido. Você nos deixa uma saudade do tamanho do seu amor. Tia, querida, receba meu beijo “bole-bole” de eterna gratidão.

## CLAUDIA CRISTINA

Tia Noelci

Faço uma analogia das lembranças que tenho da minha dócil tia Noelci com a vida de Nossa Senhora, a qual ela era tão devota e nos deixou tantos ensinamentos religiosos que guardo no meu coração para sempre.

A sua vida simples que transbordava amor, silenciosa, orante a Maria e Deus, com seu desejo de estar sempre íntima de seu Filho Jesus, discreta, sutil e com uma fé inabalável, foi impulsionada por suas virtudes: paciência, oração contínua, obediência à Mãe do Supremo Amor, doçura e pureza na alma. Assim como Maria, praticou de maneira admirável todas essas virtudes, convenientes à sua condição humana.

E eu me sinto muito à vontade de ver o reflexo de Maria na minha tia Noelci e agradeço por ela fazer parte da minha vida.

Para finalizar, deixo essa citação de Santa Terezinha que resume sua passagem terrena: “Minha vocação é o amor.”

Claudia Cristina

## ALEXANDRE AUGUSTO

Para tia Noelci

Agora, com mais calma, fiquei me lembrando da tia Noelci, o quanto ela nos ensinou com a sua vida. Ontem, conversando com o tio Claudio, ele me dizia mais ou menos assim: “se ela não estiver no Céu, quem poderá entrar lá?” e “se ela não é santa, não sei o que é ser santo.” É verdade, a tia sempre buscou a santidade no dia a dia de sua vida, no casamento com o tio Heitor, na criação e relacionamento com os filhos, noras, netos e bisneta, e sempre que estava com os irmãos, sobrinhos e amigos. O mais importante para ela sempre foi nos direcionar para Deus. Amou a Deus mais do que tudo. Sempre servia a quem estava ao seu alcance, ensinando e se divertindo, como o próprio Deus faria.

Não por acaso, no Dia das Mães que coincidiu com o aniversário de Nossa Senhora de Fátima, dia 13 de maio, ela veio a adoecer e nos deixar aflitos. Em Fátima, Nossa Senhora nos lembrou e pediu para que nos voltássemos para Deus, nos convertêssemos pela pedagogia do Evangelho: oração e sacrifício. E assim foi com a tia Noelci: sempre rezou por nós e oferecia suas cruces, que não foram poucas por ela mesma e por nós, mesmo quando não sabíamos.

A tia foi abençoada com virtudes e com a providência divina. Sua humildade a fez muito amiga de Jesus e Nossa Senhora, e nós sabemos disto por tantas graças que recebemos pelas suas orações e bênçãos. Quem de nós não foi abençoado por ela com o sinal da cruz na testa e a invocação do Espírito Santo por nós? Esta amizade íntima da tia com Deus nos valeu muito!

Por aqui, fica a nossa saudade, mas a certeza de que depois de percorrer esta vida na simplicidade do Evangelho, continua viva no Céu, certamente dando aquelas boas gargalhadas com outros santos conhecidos nossos e outros tantos anônimos, intercedendo e esperando por nós...

Alexandre Augusto

## HOMENAGEM DA FAMÍLIA CLAUDIO

Minha Amada Irmã Noelci,

Fiquei muito feliz quando você me incumbiu de digitar este lindo Livro, que traz as suas memórias e as da nossa Família. Quando li os seus manuscritos, encantei-me pela maneira como descreveu as suas recordações, o que me fez retornar ao passado, rememorando toda a felicidade da nossa convivência na casa da Quintino Bocaiúva. Você conseguiu colocar no papel, com minúcias, o nosso dia a dia, reavivando uma história encantadora junto aos nossos Pais.

Enquanto lia e digitava suas palavras, minha mente passeava pelos mais tenros momentos da vida, da minha adolescência, da juventude até os dias atuais. Você me permitiu conhecer eventos da nossa família antes do meu nascimento e reviver toda a nossa formação familiar, os cuidados que você tinha para com seus irmãos menores, principalmente comigo, Gracinha e Nicinha.

Foi incansável! Uma “IRMÃEZINHA” para nós. Preocupava-se com o nosso bem-estar e sempre tinha uma palavra de bondade e, desde cedo, trouxe-nos, para os nossos corações, a fé no Senhor.

Você continua sendo para todos nós um exemplo de mulher, de mãe, de Irmã e de amiga. Sempre alegre! Nesse particular, lembro-me de você nos contando suas histórias, as quais, na grande maioria, não conseguia finalizar de tanto que ria...

Claudio

## **IRENE**

Querida Noelci, quando me casei com o Claudio, tive a oportunidade de te conhecer e desfrutar momentos agradáveis no convívio contigo e tua Família.

Foi marcante o teu sorriso, tua alegria e pude sentir, também, que tu eras uma pessoa muito especial e iluminada...tinhas as palavras do Senhor no coração.

Sempre que nos encontrávamos tinhas palavras de carinho, benzia-me e fazia uma oração, sentia-me muito confortada. Pude sentir toda a pureza da tua alma, tu irradiavas felicidade e paz, contagiando a todos que te cercavam.

Estava sempre querendo fazer alguma coisa para agradar, quando não era aquele rocambole delicioso, era aquele maravilhoso frango na laranja, que só você sabia fazer.

Agradeço a Deus por te conhecer e ter tido o privilégio de ter passado momentos agradáveis na tua companhia.

Irene

## **ANDREA**

Quando a tia nos deixou, pedi a Deus para abrandar o vazio que ela deixou em meu coração, ela era minha tia, madrinha de Crisma, tínhamos uma ligação muito forte, a sua alegria de viver era contagiante e vai servir de ensinamentos para muitos que tiveram o privilégio de conhecê-la.

A tia foi um exemplo de vida, exerceu com simplicidade e maestria os papéis de filha, esposa, mãe, avó e tia, estava sempre disponível, quantas vezes deixou suas coisas de lado para ajudar um amigo ou familiar, sempre com um belo sorriso no rosto, se ela tinha algum defeito – se é que pode ser chamado de defeito – talvez fosse a dificuldade para dizer não.

A tia Noelci foi instrumento de Deus na terra, ela tinha uma forma especial de propagar a sua palavra, falava sobre Jesus, Nossa Senhora e do Espírito Santo, com intimidade de poucos, com seu tom de voz suave, era possível sentir a presença do Santo Espírito quando falava, tenho certeza de que ela ajudou a plantar a sementinha de fé no coração de muitos familiares, e continuará fazendo isso lá do céu.

Como eu gostaria de voltar no tempo e poder chegar na casa da tia

bem na hora do café da tarde! Éramos recebidos com tanto amor, com um sorriso largo e abraços apertados. A Mesa estava posta com capricho, o perfume de café invadia a casa, o rocambole pronto, pãezinhos em formato de passarinho saindo do forno e ainda sobremesas na geladeira. A família toda em volta da mesa, as conversas eram sem fim, a tia Noelci era muito engraçada, algumas coisas só aconteciam com ela! Ela contava as suas histórias, e lá pelas tantas começava a rir, não raro, ficávamos sem saber o final!

Tia amada, tenho certeza que Nossa Senhora lhe acompanhou nessa passagem e seu encontro com Deus foi lindo, você feliz e radiante, com sua presença iluminada o céu se tornou ainda mais alegre, sei que continuará cuidando e zelando por todos nós, sempre te guardei em meu coração... e isso não vai mudar! Até um dia tia querida!

Andrea Stutz Araldi de Souza

## **ALINE**

Mensagem para Tia Noelci

De choro fácil de tanto rir.... a gargalhada de sair lágrimas... assim lembro de ti...

Sorridente, alegre, faceira!  
Espírito de luz, que encantava!  
De voz macia, que nos acalmava...  
Seu perfume de rosas...  
Onde chegava iluminava, radiante!

Era uma Santa, a nossa Santa, sim, porque todos nós sempre soubemos a preciosidade que tínhamos no meio de nós ...

Isso nunca foi um segredo para ninguém, quem a conhecia, sabia de sua divindade...

Sempre nos abençoando....  
Agora faz isso, lá de cima ...

Cuida de nós, tornando menos difícil sua ausência física, já que está em nossos corações, operando milagres em nossas vidas.

Saudades tia amada. Aline.

## HOMENAGEM DA FAMÍLIA SANDRA BERENICE

Noelci, uma pessoa especial que Deus me presenteou para ser minha irmã aqui nesta jornada.

Muito doce e ímpar na sua bondade; na sua meiguice; na sua ingenuidade; na sua fé inabalável; e, sempre pronta para nos acalantar com suas palavras de conforto e carinho.

Adorava ouvi-la quando me contava, com riqueza de detalhes, o dia do meu nascimento na nossa “casa velha” da Rua Quintino Bocaiúva, dizendo que estava secando a louça do almoço e de repente ouviu meu primeiro choro. Em seguida veio nosso pai me carregando em seus braços, enroladinho em um cobertor, para me apresentar a toda a família.

Sempre foi muito presente na minha vida desde a minha tenra idade, com sua atenção e carinho teve um papel fundamental na minha formação, me ensinando a rezar e seguir o caminho justo.

Quando a minha memória se reporta a minha primeira infância, lembro que estava presente me cuidando e me zelando para que nada me faltasse e, com toda paciência me dava banho, penteava meu cabelo, enfeitando com lindas tiaras ou fitas cor-de-rosa.

Fui crescendo e na minha adolescência continuou presente, fazendo parte do meu cotidiano e, assim, o tempo foi passando e com muito carinho me dizia “você é a nossa nenê”.

Marcou presença com sua forma carinhosa de nos receber na sua casa, com seu sorriso lindo, sua mesa farta com seus deliciosos quitutes, dentre eles, o famoso rocambole recheado com leite condensado, as rosquinhas de polvilho, a sobremesa de creme de baunilha para o Cláudio e a minha preferida tortinha de limão.

Seu jeito peculiar e inesquecível de contar suas histórias engraçadas, sempre interrompidas com suas risadas, que nos contagiava e acabávamos rindo junto, sem mesmo saber o fim da história.

Conviver com a Noelci e tê-la como irmã/amiga foi espetacular, sempre pronta para nos acalantar. Suas qualidades a tornaram uma pessoa especial e cheia de luz, deixando-nos lindas lembranças e uma saudade imensa.

Com carinho da sua irmã,  
Nicinha

## **PAULO DE PAULA**

### **TIA NOELCI**

Não havia clima inadequado... algumas vezes foram no verão outras no inverno, o fato é que passar uns dias na casa da “tia Nelci”, assim eu a chamava, era como estar com a mãe, com a vó, com a tia... eram dias de luz.

O riso fácil, as histórias cômicas onde normalmente era ela a figura principal, criava um clima leve e descontraído.

As conversas sobre religiões e crenças e que terminavam com ela dizendo, “mas eu sou assim e é o que eu acredito (riso)...”, como retrucar toda esta simplicidade e sabedoria?!

Tinha o café da tarde com bolo, rosquinhas de polvilho e do famoso, saudoso e teimoso rocambole, amado por quase todos (menos eu...rsrsrs), mas também nunca faltava a tábua com queijo e salame que ela mandava o Heitor comprar especialmente para mim.

À noite, sempre depois da novela, a conversa seguia até tarde.... eram muitos casos, muitas risadas... aquela do velório errado e aquela do “com chapéu ou sem chapéu”, me faz rir, ainda, hoje no momento que escrevo... parece que escuto a voz dela contando... quero crer que escuto mesmo!

Obrigado, “tia Nelci”. Agradeço por este breve e intenso convívio, você tinha um jeito especial de receber a todos... que saudades!

“Naqueles dias, a vida nos era, leve. era como se não existisse o amanhã..., mas existia. Brilha daí e ilumine a todos nós, pois estamos carentes destes teus dias de luz”.

Lages, nunca mais foi a mesma sem a casa da “tia Nelci”.

### **GABRIELE**

Tia Noelci foi o porto seguro, o refúgio de amor para todos! Bastava chamar e ela tinha sempre uma palavra de compaixão e carinho! Sempre compreensiva e atenta! Tia Noelci era a paz que todos buscávamos! Seu sorriso era terno e seu abraço aconchegante.

Gabi

## LIZIANE

Tia Noelci foi uma pessoa muito especial e sempre presente na minha vida. Quando eu tinha 9 meses, enquanto minha mãe estava em Porto Alegre fazendo as provas finais da faculdade, tia Noelci e tio Heitor me cuidaram com muito carinho na casa deles, até colocaram um bercinho no quarto deles. Ela me contava que compravam roupinhas e sapatinhos e nem queriam mais me devolver pra minha mãe. Anos depois, ela foi para Porto Alegre me fazer companhia e cuidar a Sofia e Giovanna, quando fiz uma cirurgia. Tia Noelci sempre esteve presente nos protegendo com seu carinho, orações ou uma palavra de conforto. Seus quitutes e abraços aconchegantes ficarão para sempre na minha memória.

Amor eterno da tua sobrinha Lizi. 

## HOMENAGEM DA FAMÍLIA DO TIO ARMINDO

Minha querida Noelci Maria, você foi uma sobrinha especial, com tua bondade e meiguice cativava as pessoas, sempre alegre e com uma mensagem espiritual para com todos que a rodeavam. Quando você casou, tive a felicidade de tê-la como vizinha aqui no meu prédio. Foi uma época muito boa, com a proximidade tive a oportunidade de sentir o quanto era espiritualizada, sempre com uma palavra do Senhor.

## HOMENAGEM DA FAMÍLIA TIA MARIA

A Noelci Maria era uma pessoa excepcional. Não por ser minha sobrinha, mas era muito alegre e sempre achava motivo para rir. Todos que conviveram com ela sabem disso.

Fui uma das tias que mais frequentou a casa dela, sinto muito sua falta.

Lembro todos os dias ao fazer o almoço quando pego as marmitinhas que ela me deu de presente para guardar os alimentos.

E da torta de limão que encomendava para o aniversário do meu neto Geovane Ledo.

Uma vez por mês ela reunia em sua casa as três tias: Teresa, Nair e eu, juntamente com as primas para tomarmos um café, rir muito e conversarmos.

Tardes maravilhosas, que me traz saudades

Tia Maria

## HOMENAGEM FAMÍLIA OLIVEIRA

### ANTONINA

Falar da Noelci pra mim é difícil, porque traduzir em palavras o que ela foi me falta vocabulário. Era uma pessoa altruísta, pura, boníssima e que veio ao mundo para pacificar, querendo ver a família unida e ajudando a todos que a rodeavam. Ela viveu para os outros, um modo de viver muito raro, que eu acredito que não conheci ninguém igual a ela, era especial!

Heitor, quando conheceu a Noelci ficou encantado foi “amor a primeira vista”. A primeira vez que ele falou com ela, convidou-a para passear e ela disse-lhe que se ele quisesse poderia acompanhá-la, que ela estava indo à missa na Catedral. A segunda vez ele foi à casa dela e a convidou para jantar com a nossa família na “Churrascaria Pandolfo”. Ela aceitou o convite e aí nasceu uma linda história de amor.

Noelci agregou as nossas famílias - ARALDI e OLIVEIRA. Na época, o meu filho Beto era criança e adorava a Noelci, gostava de ficar perto dela, tanto que no dia que se casaram e partiram para Curitiba em “lua de mel”, todos os familiares foram se despedir deles na rodoviária e o Beto disse que

queria casar com a Neuza, mas isso era porque queria ficar perto da Noelci. Meus Pais a adoravam e ela foi muito boa para eles. Criou-se uma ligação muito forte e os laços se mantêm até hoje.

Noelci procurava o lado bom das pessoas, era amorosa e tinha o dom de se doar para os outros.

O namoro do Heitor e da Noelci foi lindo, regado com muita pureza e respeito.

A saudade que tenho da Noelci é imensa.

Com carinho da cunhada

Antonina de Oliveira Baggio

## HOMENAGEM DA FAMÍLIA OLIVEIRA MUNIZ

Os Encantos de sua Infância... e as Alegrias da sua Vida...

Os dias de nossas vidas transcorrem lentamente para nos dar tempo, apreciar e viver plenamente cada uma das situações e fases que o destino nos oferece.

Os verdadeiros amigos são como estrelas no céu, são mais claros no tempo de escuridão.

Assim, nesses pensamentos, ao falar de você, acredito que nos conhecemos desde sempre, nossa amizade nos laços que estão apertados para toda a eternidade.

Obrigada, querida cunhada e irmã, pois é assim que sempre a considereei, pois fomos grandes amigas, confidentes em todos os momentos!

Tivemos fases de nossas vidas muito parecidas e essenciais desde o nascimento de nossos filhos, e até os momentos não tão bons que no decorrer da vida também acontecem.

Havia algo especial entre nós e ambas sentíamos e sabíamos medir as situações em compreender os momentos e decisões.

Agradecemos pela família que vocês formaram, desde o amor incondicional, altruísta e felicidade junto ao Heitor, onde amor, ternura era o símbolo dessa sua linda família.

Obrigada por ter sido a madrinha de nossa filha Alessandra, tia amada e carinhosa de nossos filhos.

Agradecemos também pela confiança e prazer de batizar o nosso querido Rodrigo, tudo resultado de uma mútua amizade e confiança que era

o símbolo de seu lar.

Obrigada por ter sido essa tia querida e amada e por todo esse tempo de convivência que se percebeu o verdadeiro sentido da palavra CARINHO! Seus gestos de afetos e atenções ficarão sempre em nossas lembranças ao longo do tempo e para sempre.

Enfim, agradecemos por esse ser humano repleto de amor e tranquilidade onde só as palavras têm força e poder das orações.

Sua espiritualidade nos tocava com seu amor e verdades, seu sorriso que tanto acalmava os corações, as palavras que tanto nos inspirou para o bem.

Obrigada por ter sido nossa redenção para defender todo mal e mostrar toda a razão.

Como você sempre dizia; Sem Deus não há vidas, sem família não há base, e sem amigos não há mundo colorido.

Foi isso que você nos deixou de legado e vamos lembrar sempre.

Que a paz do Senhor viva junto a ti. Grande eterna saudade!!! Grandes beijos da família Oliveira Muniz

## **HOMENAGEM ALICE SILVA CARVALHO**

Minha homenagem à Noelci

Hoje, meu coração palpita mais forte de saudade ao escrever sobre você. Eu via, sempre, em você e em suas atitudes, reflexos de Nossa Senhora, nas Bodas de Canaã, onde estava para servir e interceder. Ela ouvira Jesus dizer: “Mulher, ainda não chegou a minha hora!”. Ele antecipou, porém, esta hora, atendendo a sua solicitação, realizando ali Seu primeiro milagre, transformando água em vinho.

Assim foi com você, Noelci, bem como foi com Maria. Seu jeito de interceder e servir a todos, com muito amor e respeito, foi sua característica principal. O amor de Deus, iluminando seu semblante, seu olhar e seu sorriso, mostrava clara a presença de Jesus em sua alma. O carisma que o Espírito Santo confiou a você, “agir na Terra”, fez de você uma grande anunciadora do Nome de Cristo na família, na comunidade e na RCC.

Na Catedral Diocesana de Lages, você foi uma abençoada catequista, por muitos anos, levando a mensagem cristã e tornando-a mais conhecida, praticada e amada. Minhas netas e meu neto tiveram o privilégio de ser seus catequizandos. Você era inspirada pela Unção do Espírito Santo quando

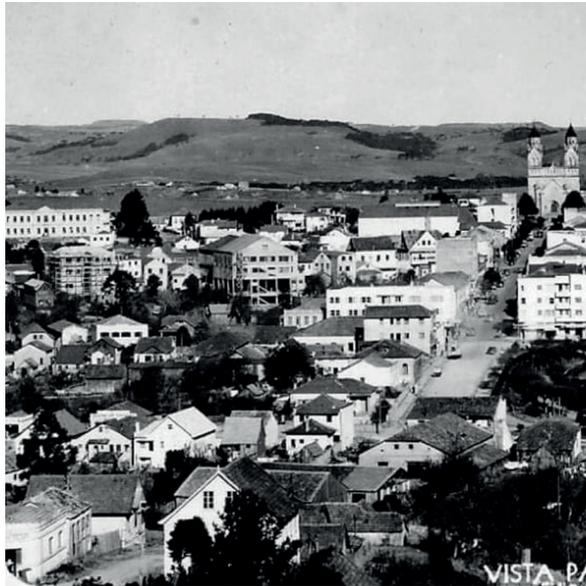
falava e ensinava a Palavra a todos. Você perseverou no SIM a Deus, até o fim. Quantas almas encaminhou, também, pelo seu testemunho de vida conjugal e familiar, e como Renovada no Espírito Santo, na RCC de Lages e Santa Catarina.

Noelci, amiga querida, pessoa ímpar, minha gratidão por tudo, especialmente pelos 30 anos que, juntas, aprendemos e evangelizamos. Agradeço a Deus pela sua vida, pelo seu valioso trabalho de evangelização e pelo tempo que convivemos.

Minha admiração e carinho,  
Alice da Silva Carvalho

*Capítulo XXVIII*

# FOTOS DA LINDA E MARAVILHOSA LAGES





Catedral de Lages



Prefeitura de Lages



Homenagem ao "Carro de Mola" - Terminal de ônibus – antiga Praça Vidal Ramos



Vista parcial da Cidade de Lages



Praça do Tanque



Praça do Tanque

*Capítulo XXIX*

# GENEALOGIA FAMÍLIA DE JOSÉ ARALDI E ESA STEFENON

## GENEALOGIA DE JOSÉ ARALDI E ESA STEFENON



**José  
Araldi**

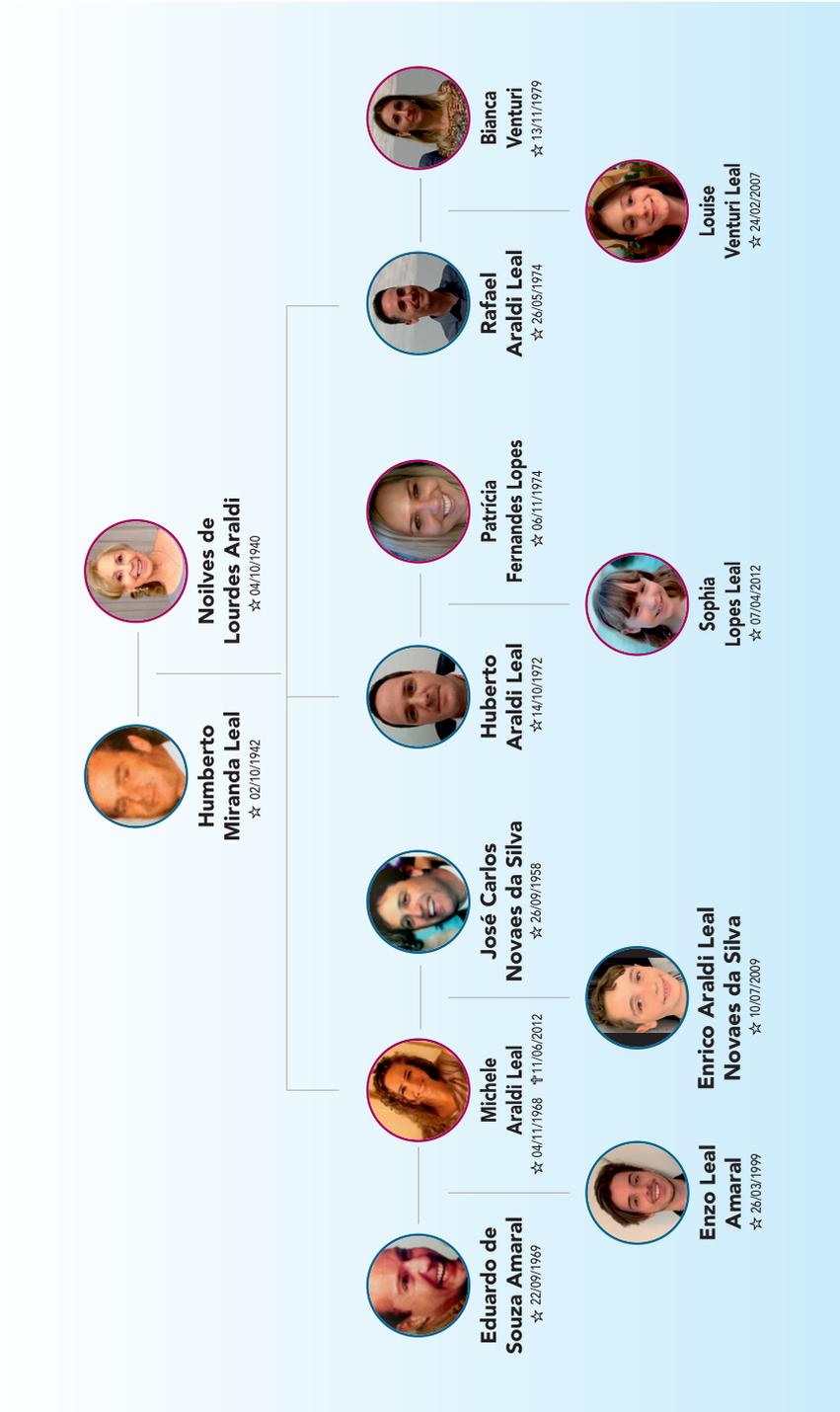
☆ 29/11/1918 † 05/04/2007

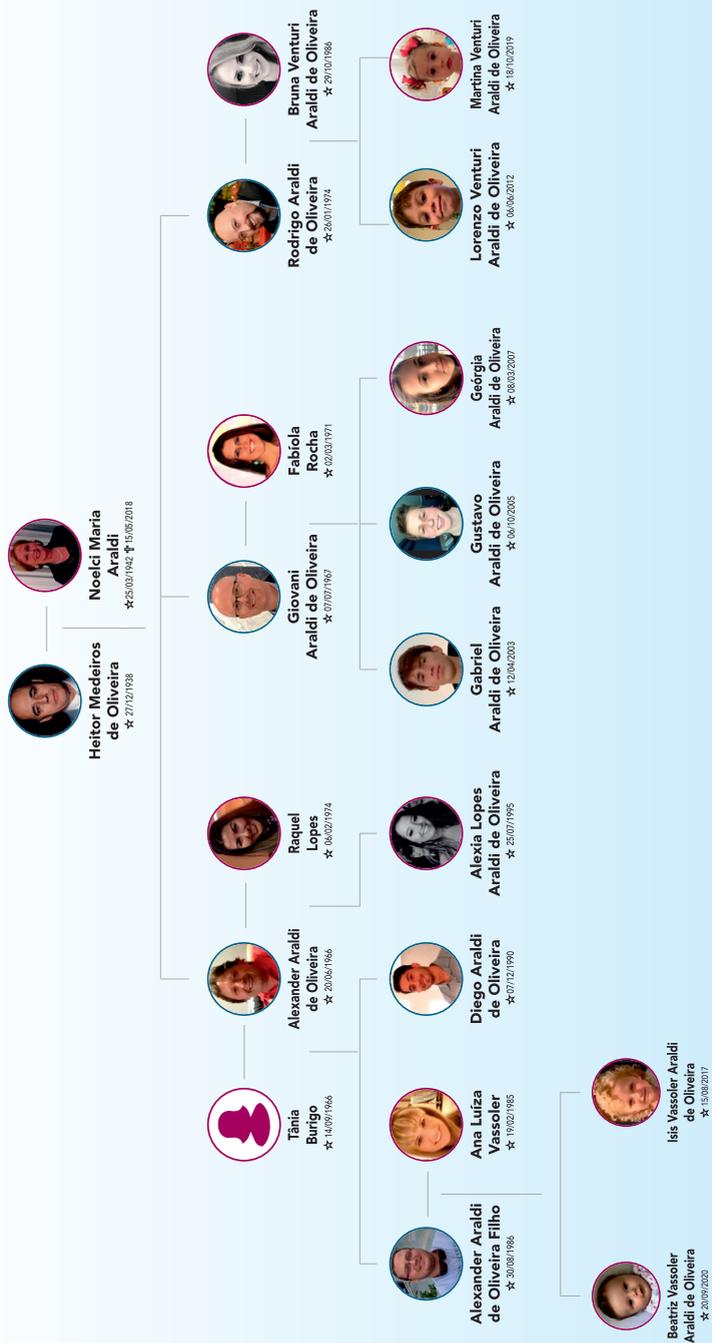


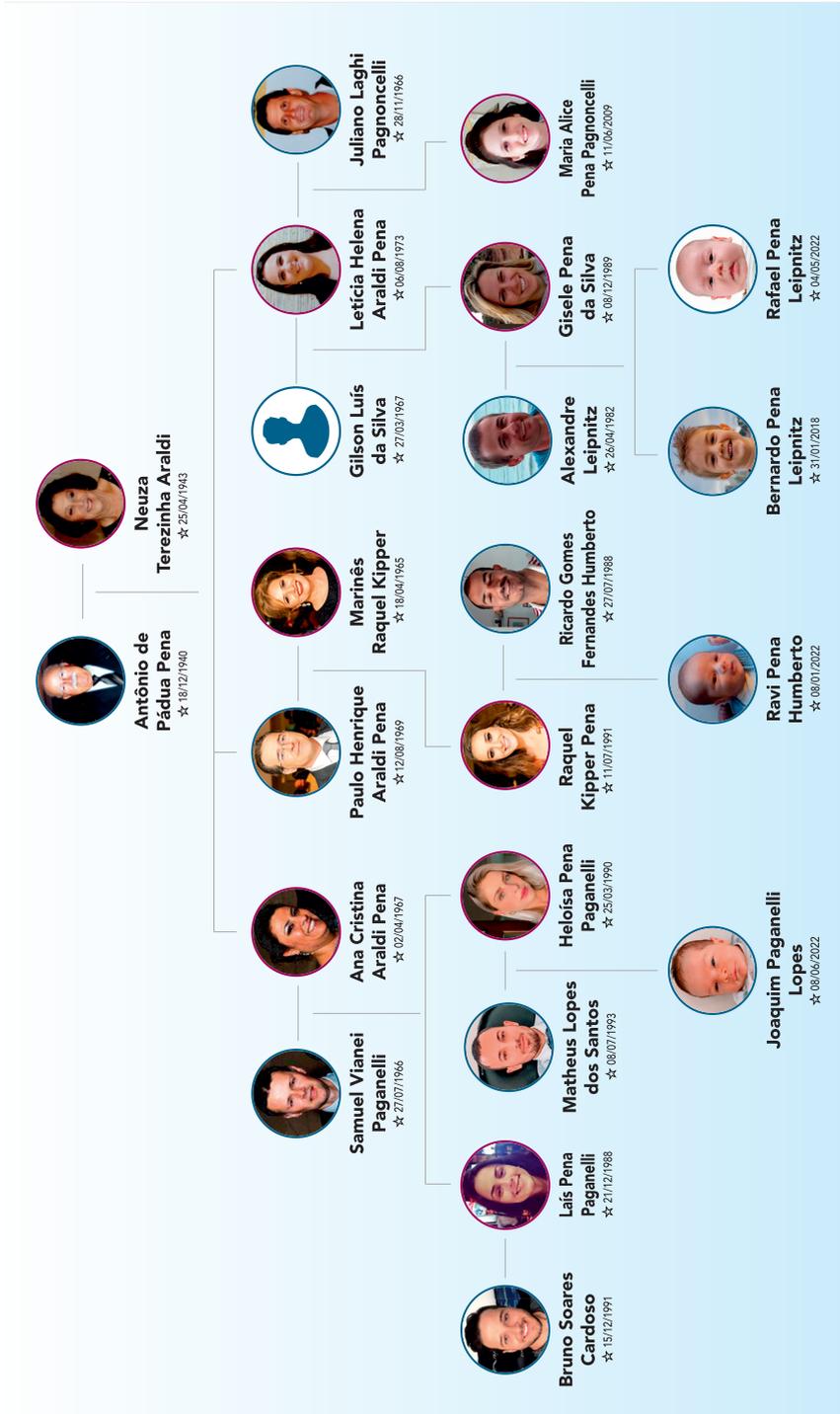
**Esa  
Stefenon**

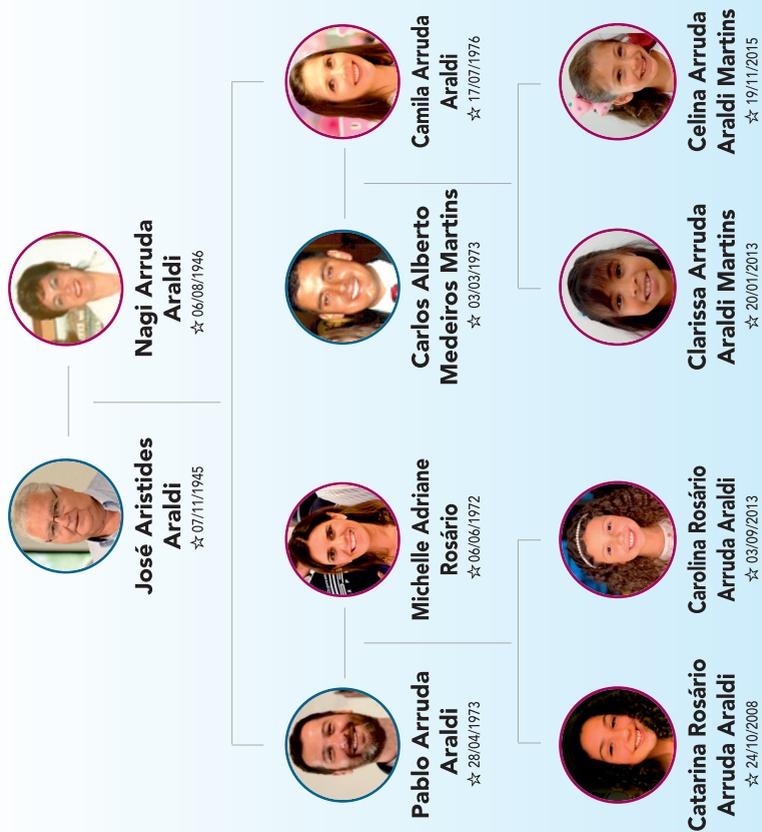
☆ 23/10/1920 † 31/12/2009

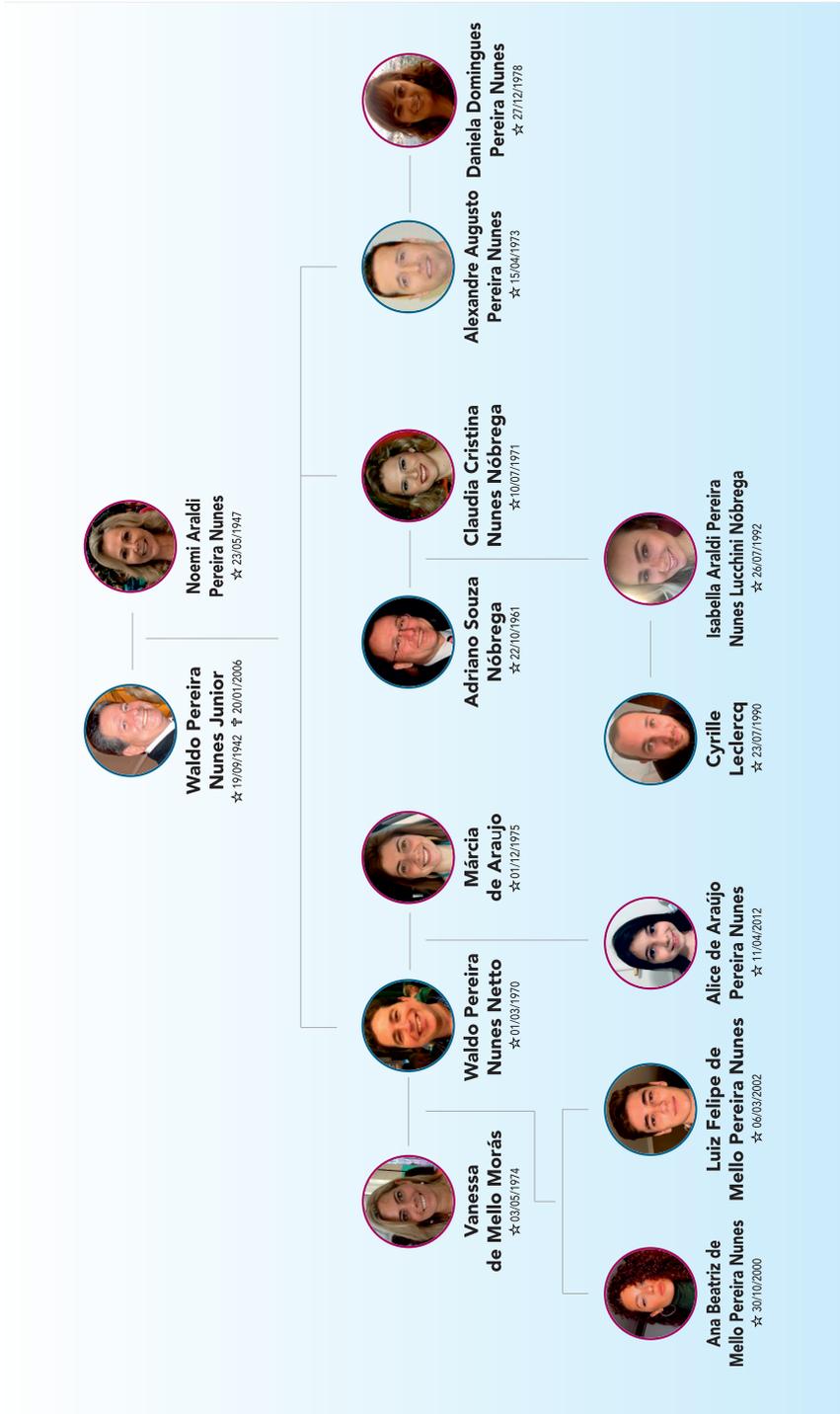
José Araldi casou com Esa Stefenon Araldi no dia 10 de fevereiro de 1939, na Cidade de Ipê - Distrito de Vacaria-RS.

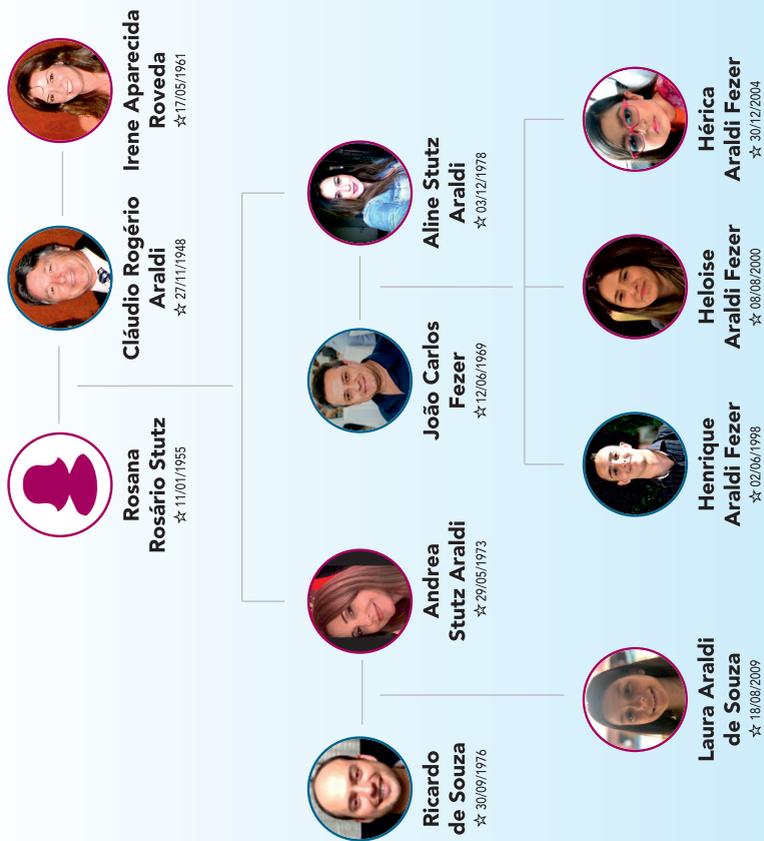


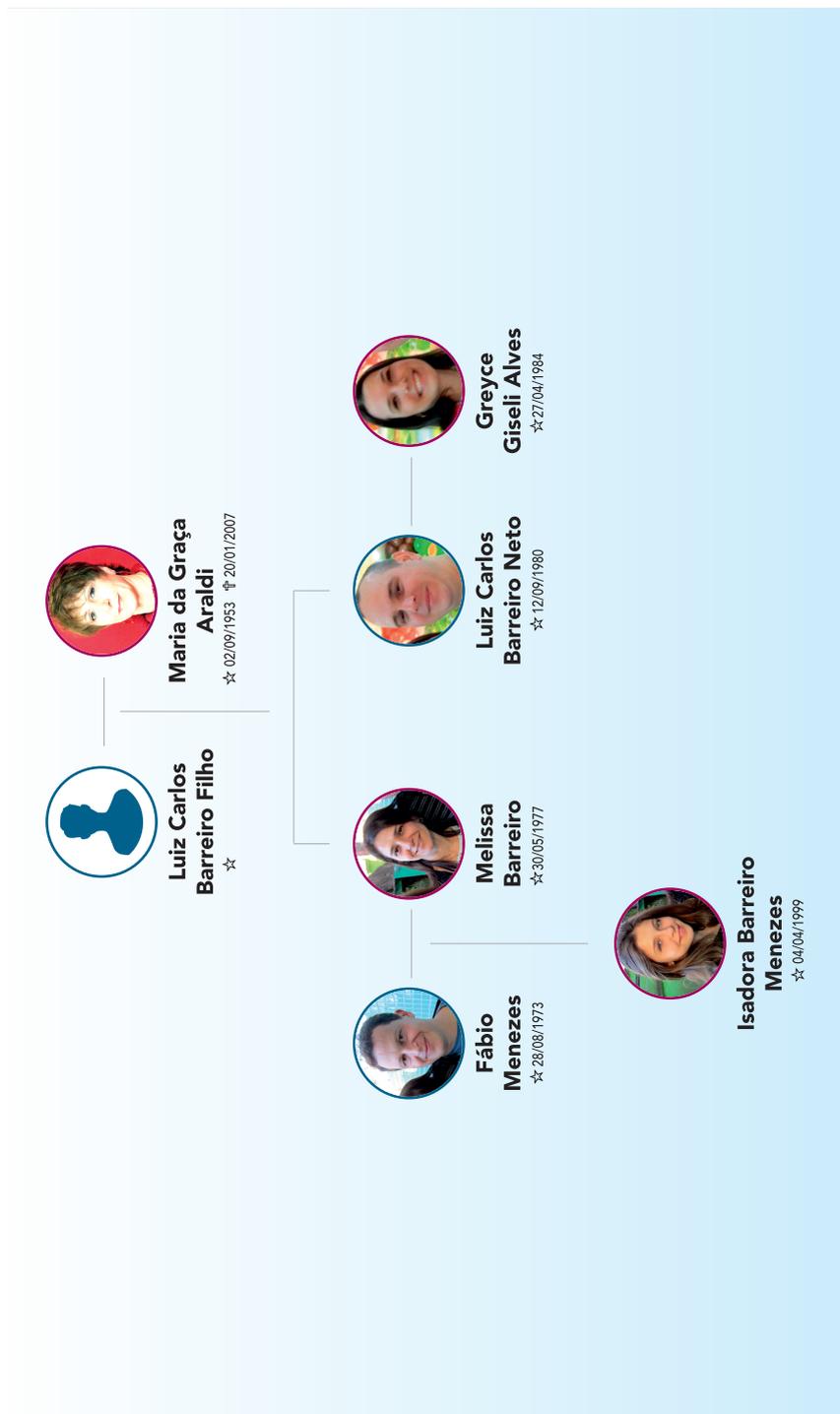


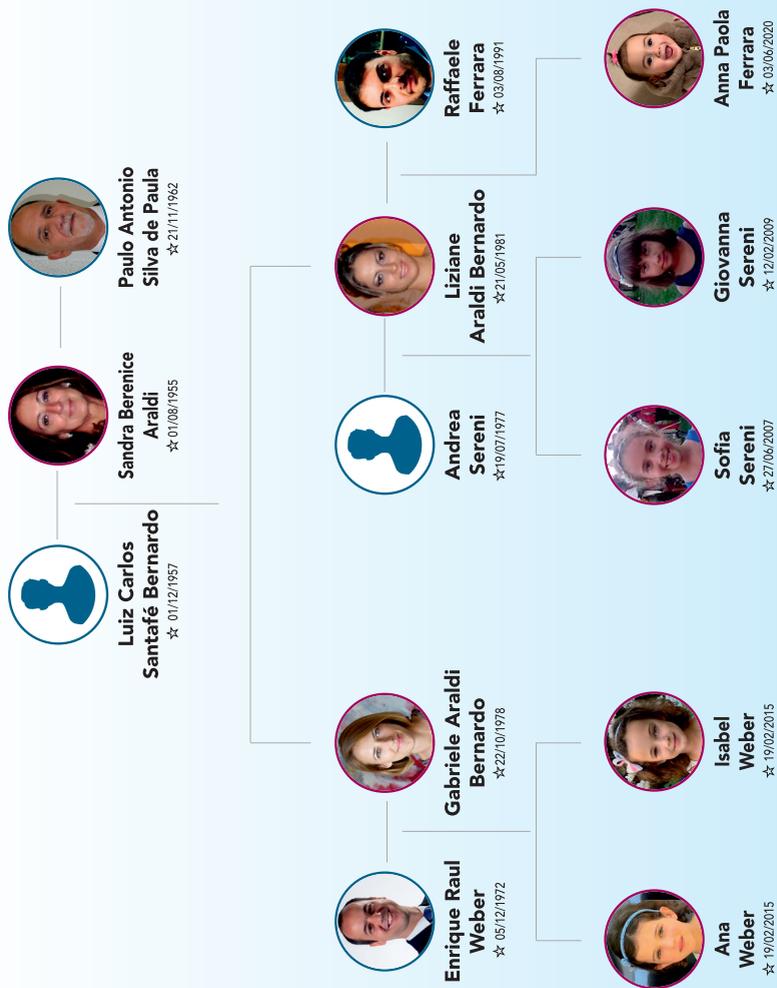














Na foto, da esquerda para direita: Noemi, Sandra Berenice, Neuza, Claudio, Noelci, José Aristides, Noilves e Maria da Graça

Capítulo XXX

# GENEALOGIA FAMÍLIA MEDEIROS DE OLIVEIRA

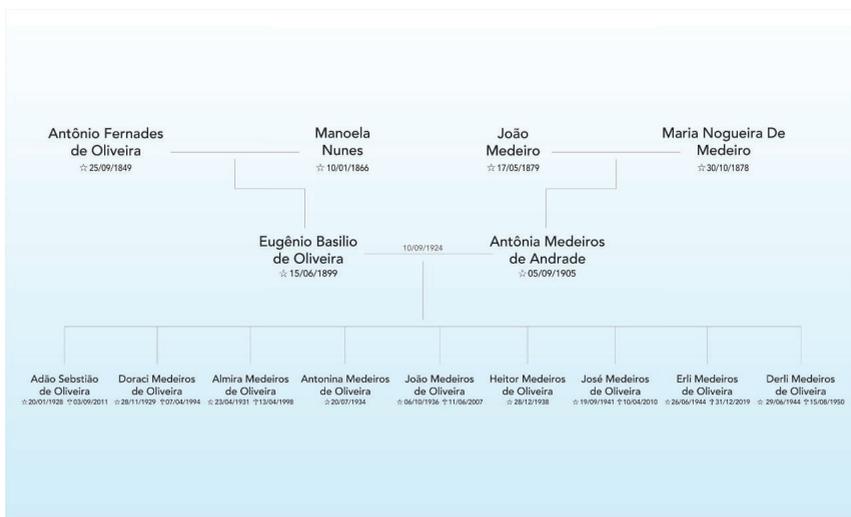
## GENEALOGIA FAMÍLIA MEDEIROS DE OLIVEIRA

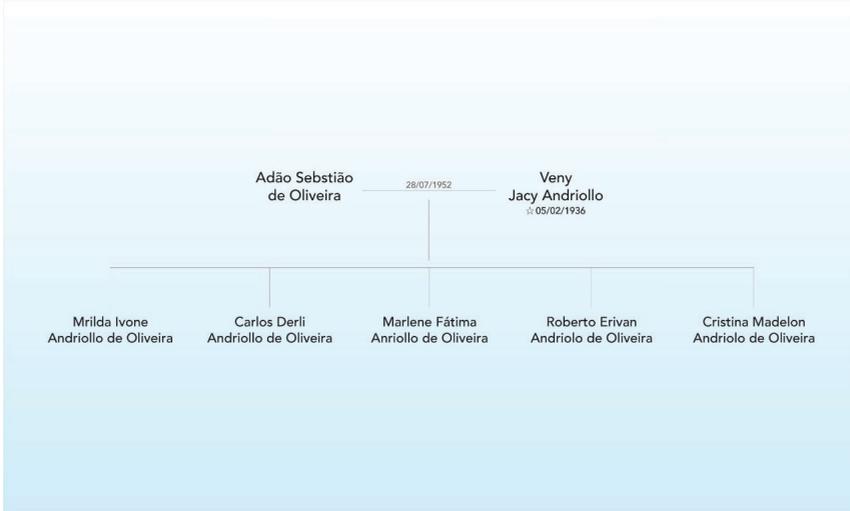
Antônio Fernades  
de Oliveira

☆ 25/09/1849

Manoela  
Nunes

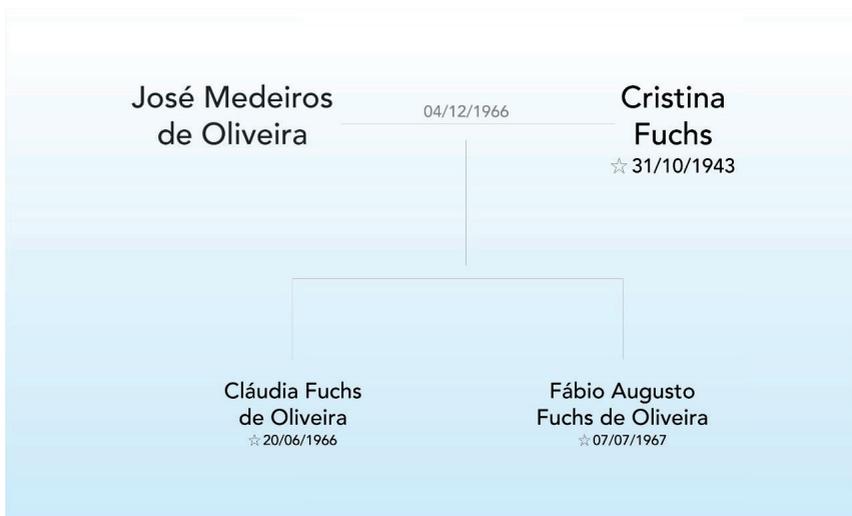
☆ 10/01/1866

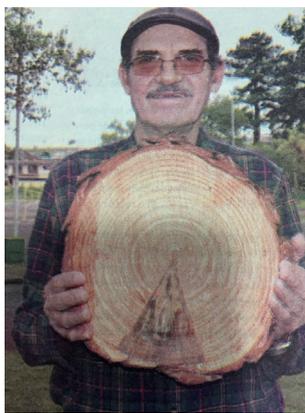




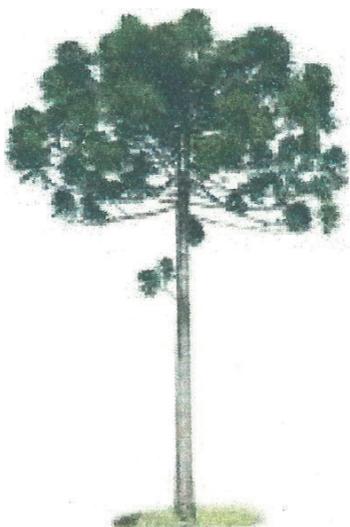








Cedro ao lado da casa



Pinheiro de Araucária – característica da Região Lageana

## BILHETE PARA O CLAUDIO

Querido Claudio,

Fui escrevendo, escrevendo sem muito concatenar épocas.

Sou muito complicada para isso, portanto, se tiveres paciência lerás e porás tudo no seu devido tempo.

Claudio, retire de minhas memórias o que te interessa e, depois de tudo escrito, gostaria de receber de volta o meu calhamaço, pois não fiz xerox.

Quando receberes o Sedex, telefona-me.

Beijos! Deus os abençoe! Carinhosamente,

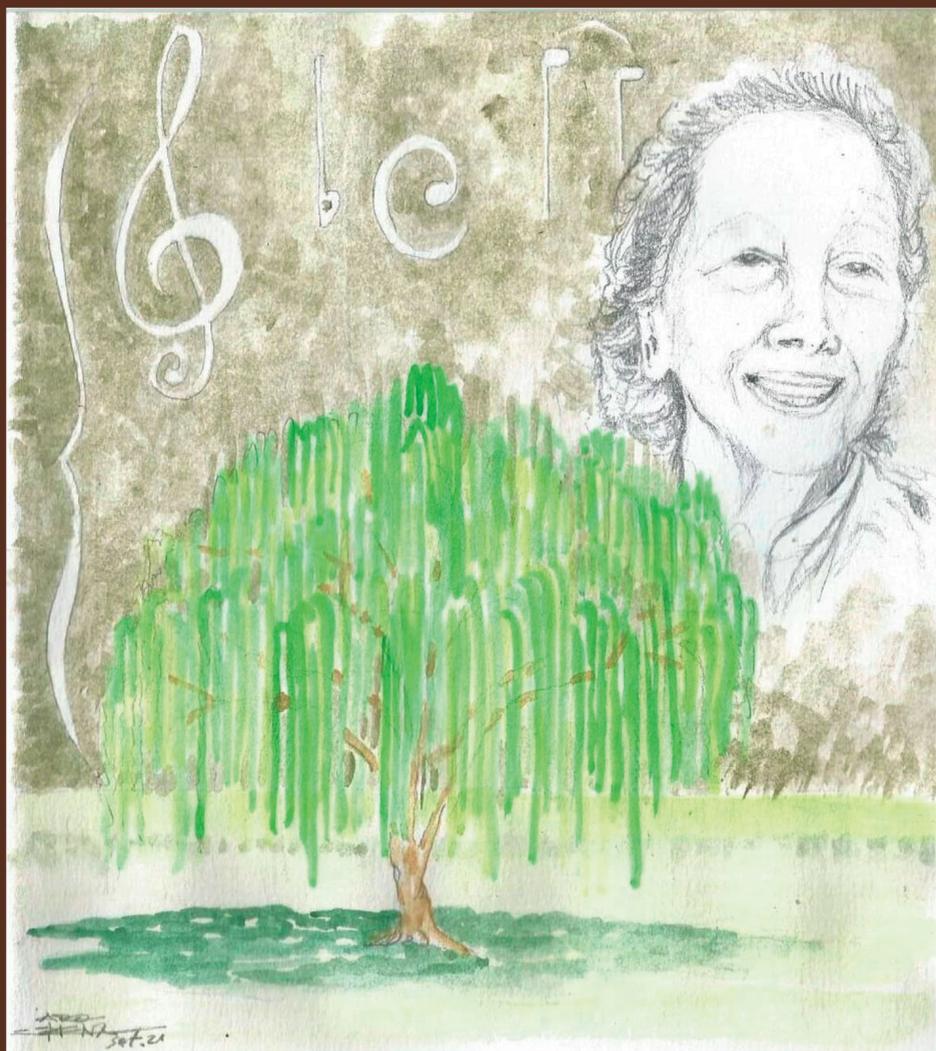
Noelci

12/09/2013.



Noelci Maria Araldi de Oliveira





À **querida tia Noelci** agradecemos por sua doçura, paciência, por seu amor, bênçãos e orações. Nessa singela homenagem, o Chorão de seu quintal, a música que marcou sua vida e sua serenidade sempre presentes em nossa memória.

Com saudade, seu Sobrinho

**Paulo Henrique Araldi Pena**

ISBN: 978-65-86354-11-9

CDL



9 786586 354119